



Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Júlio César Rosa de Araújo

CHAT NA WEB: UM ESTUDO DE GÊNERO HIPERTEXTUAL

Orientadora:

Professora Dra. Maria Elias Soares

Fortaleza – CE
2003



Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Júlio César Rosa De Araújo

CHAT NA WEB: UM ESTUDO DE GÊNERO HIPERTEXTUAL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Elias Soares.

Fortaleza – CE
2003

AGRADECIMENTOS

A Deus, a grande força nos momentos de saudades de minha família, pela inspiração.

A minha orientadora e amiga, professora Dr.^a Maria Elias Soares, por ter acreditado em mim, pelas leituras indicadas e pela seriedade e zelo com que orientou esta pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro.

A minha amiga, professora Dr.^a Bernadete Biasi-Rodrigues, pelas indicações de leitura, pelas contribuições na banca de qualificação e, sobretudo, pela motivação constante.

Ao professor Dr. Nelson Barros da Costa pelas contribuições teóricas na banca de qualificação.

As minhas amigas, professora Dr.^a Mônica Magalhães Cavalcante, pelas contribuições relevantes nas aulas de Lingüística Textual e professora Dr.^a Socorro Aragão pelas indicações de leitura.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística pela formação acadêmica e amizade.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Lingüística, especialmente ao meu amigo Tom pelas inúmeras interlocuções, apoio e incentivo.

Especialmente, ao meu querido amigo Messias Dieb, que acompanhou de perto toda essa jornada, dando-me forças para superar cada momento em que precisei superar minhas limitações e não sucumbir às lágrimas.

A minha amiga Alderlei Nascimento por ser a mãe maravilhosa de meu filho, Yuri, ajudando-o a compreender minha ausência.

Ao meu eterno amigo Emerson Santos (*in memoriam*) pela idéia de trabalhar o *chat*.

Agradeço aos tantos amigos que fiz no Ceará, especialmente em Pindoretama, os quais foram força e luz para mim durante a realização desta pesquisa.

DEDICATÓRIA

Marlene da Silveira Silva, minha mãe.

Ana Lúcia da Silva, minha irmã.

Yuri Vítor Nascimento de Araújo, meu filho.

Estas pessoas me ensinaram o que é AMAR.

Esta Dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da Dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Júlio César Rosa de Araújo

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria Elias Soares
ORIENTADORA

Dr. Luiz Antônio Marcuschi

Dra. Bernadete Biasi Rodrigues

Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

Dissertação aprovada em 17 de fevereiro de 2003.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as hipóteses de que o *chat* é um gênero do discurso formado pela transmutação do diálogo cotidiano para a *Web* e de que um grupo específico de *internautas*, que se autodenomina *Tananans*, constitui-se em uma comunidade discursiva. As bases teóricas utilizadas para a verificação dessas hipóteses foram a teoria enunciativa de Bakhtin (1981; 1997) e a noção de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992).

O *corpus* é resultado de uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada em uma sala específica de *chat*. Focalizou-se, primeiramente, a superposição de elementos semióticos, que confere ao *chat* marcas da esfera na qual o evento se insere, para, posteriormente, realizar a aplicação dos critérios de comunidade discursiva de Swales ao grupo *Tananans*.

O estudo mostra que o *chat* é o principal gênero que dá suporte verbal à comunicação entre os *internautas* estudados. Tal gênero é marcado por um jogo intenso de semioses que simulam gestos, sons e expressões próprias da interação oral, permitindo a conclusão de que a intersemiose som-imagem-escrita, por suprir as lacunas paralingüísticas, mostra-se como marca da transposição do diálogo cotidiano para a *Web*.

Verificou-se, ainda, que embora a prática comunicativa dos *Tananans* tenha iniciado das interações via *chat*, esta se expande para outros mecanismos e gêneros apropriados pelo grupo, permitindo a validação da hipótese de que este grupo é uma comunidade discursiva no sentido que lhe dá Swales.

(229 palavras)

Palavras-chave: gênero do discurso, transmutação, *chat*, hipertexto, comunidade discursiva.

ABSTRACT

This research investigates the hypotheses that the chat is a class of the discourse formed by the transformation of the daily dialogue for the Web and that an specific group of internauts is a discoursing community. The theoretical bases used for checking these hypotheses are the enunciative theory of Bakhtin (1981; 1997) and the concept of discoursing community of Swales (1990; 1992).

The *corpus* is the result of a research of ethnographic character, conducted in a specific chat room. Firstly, we focussed on the application of the criteria of Swales' discoursing community to the *Tananans* group. This is a group of virtual friends who interact with each other by chatting. Next, we observed the overlap of semiotical elements, which gives to the chat characteristics of the domain in which the event occurs, namely the Web.

The analysis shows that, although the communicative practice of the *Tananans* has begun from the interactions through chatting, this practice expands towards other mechanisms and classes developed by the group, allowing the validation of the hypothesis that this group is a discoursing community in the sense attributed by Swales.

Furthermore, we verified that chat is the main class which gives verbal support to the communication among the internauts. Such a class is characterized by an intense game of semioses that simulate gestures, sounds and expressions which are proper to the oral interaction. The analysis makes us conclude that the intersemiosis sound-image-writing reveals itself as a feature of the transformation of the daily dialogue for the Web, since it stops the paralinguistical gaps.

(258 words)

SUMÁRIO

LISTA DOS QUADROS

| | |
|--|-----|
| QUADRO 01 | 29 |
| Transmutação do diálogo cotidiano para a esfera artística | |
| QUADRO 02 | 32 |
| Transmutação do diálogo cotidiano para a esfera eletrônica | |
| QUADRO 03 | 97 |
| Principais imagens usadas no <i>chat</i> | |
| QUADRO 04 | 99 |
| <i>Links</i> presentes nas telas dos <i>chats</i> | |
| QUADRO 05 | 122 |
| Alguns sobrenicks | |

LISTA DAS FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 01 | 50 |
| Enunciação digital | |
| FIGURA 02 | 52 |
| Letramento | |
| FIGURA 03 | 112 |
| Código <i>Tananan</i> | |
| FIGURA 04 | 115 |
| <i>E-mail</i> enviado a toda a comunidade | |
| FIGURA 05 | 119 |
| Qual o casal <i>Tananan</i> mais bonito? | |

LISTA DAS TELAS

| | |
|---------------------------------|----|
| TELA 01 | 60 |
| Sistema Babble | |
| TELA 02 | 81 |
| Recurso de envio de som ativado | |
| TELA 03 | 91 |
| Usos do som | |

| | |
|--|-----|
| | 9 |
| TELA 04 Usos da imagem | 96 |
| TELA 05 Mecanismos de intercomunicação | 117 |
| TELA 06 O muro | 121 |
| TELA 07 O paredão | 123 |
| TELA 08 <i>E-messenger</i> | 124 |
| TELA 09 <i>Feedback</i> no paredão | 127 |
| TELA 10 Janela de conversação | 131 |
| TELA 11 Coluna <i>Tananan</i> | 134 |
| TELA 12 <i>Chat</i> reservado | 143 |
| TELA 13 Avaliando novos membros | 150 |
| LISTA DOS GRÁFICOS | |
| GRÁFICO 01 <i>Emoticons</i> e envio de imagens | 101 |
| GRÁFICO 02 Repetições de letras e sinais de pontuação | 103 |
| GRÁFICO 03 Usos do K | 106 |
| GRÁFICO 04 Representação da nasalidade | 108 |
| GRÁFICO 05 Demonstração das abreviações | 137 |
| GRÁFICO 06 | 139 |

| | |
|--|-----------|
| | 10 |
| Formação de palavras | |
| GRÁFICO 07 | 145 |
| Comparação entre <i>nicknames</i> | |
| INTRODUÇÃO | 12 |
| CAPÍTULO 01 - GÊNEROS DO DISCURSO E COMUNIDADE DISCURSIVA | 18 |
| 1.1. BAKHTIN E OS GÊNEROS DO DISCURSO | 19 |
| 1.1. 1. Língua, fala e enunciação | 19 |
| 1.1. 2. Esfera complexa de comunicação | 21 |
| 1.1. 3. A divisão dos gêneros do discurso | 22 |
| 1.1. 4. A indissociabilidade do estilo e do gênero | 25 |
| 1.1. 5. A transmutação | 27 |
| 1.2. SWALES E A NOÇÃO DE GÊNERO E DE COMUNIDADE DISCURSIVA | 33 |
| 1.2. 1. Swales e Bakhtin: pontos de aproximação | 33 |
| 1.2. 2. A comunidade discursiva | 36 |
| 1.2. 3. As comunidades virtuais | 39 |
| CAPÍTULO 02 - A ESFERA ELETRÔNICA EM ESTUDO | 43 |
| 2.1. A ESFERA ELETRÔNICA | 44 |
| 2.1.1. O Ciberespaço | 44 |
| 2.1.2. <i>Internet</i> ou <i>WEB</i> ? | 45 |
| 2.1.3. Hipertexto: letramento digital e novos gêneros | 47 |
| 2.1.4. Histórico dos <i>chats</i> | 54 |
| 2.1.5. Tipos de <i>chats</i> | 56 |
| 2.2. INCURSÕES PELOS PRINCIPAIS ESTUDOS | 58 |
| 2.2.1. Pesquisas sobre gêneros eletrônicos no exterior | 58 |
| 2.2.2. Pesquisas sobre gêneros eletrônicos no Brasil | 63 |
| 2.2.2.1 Análise da conversação | 63 |
| 2.2.2.2 Lingüística aplicada | 67 |
| 2.2.2.3 Análise de gêneros | 68 |
| 2.3. A TERMINOLOGIA REFERENTE AOS CHATS | 72 |
| CAPÍTULO 03 - METODOLOGIA | 78 |
| 3.1. ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS | 78 |
| 3.2. A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS | 86 |
| CAPÍTULO 04 - DESCRIÇÃO DAS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO NO GÊNERO <i>CHAT</i> | 89 |
| 4.1. INTERSEMIOSE NO CHAT: MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO | 90 |
| 4.1.1. O mecanismo hipertextual do som | 90 |
| 4.1.2. O mecanismo hipertextual da imagem | 95 |
| 4.2. AS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO NA LINGUAGEM ESCRITA | 99 |
| 4.2.1. <i>Emoticons</i> | 100 |
| 4.2.2. Repetição de letras e de sinais de pontuação | 103 |
| 4.2.3. Usos da letra K | 105 |

| | |
|--|------------|
| | 11 |
| 4.2.4. Representação da nasalidade | 108 |
| CAPÍTULO 05 - A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS TANANANS | 110 |
| 5.1. OS OBJETIVOS E OS PROPÓSITOS DOS TANANANS | 111 |
| 5.2. OS MECANISMOS DE INTERCOMUNICAÇÃO DOS TANANANS | 114 |
| 5.3. OS MECANISMOS DE PARTICIPAÇÃO DOS TANANANS | 124 |
| 5.3.1. Incremento e <i>feedback</i> da informação | 126 |
| 5.3.2. Desejo pela inovação | 127 |
| 5.3.3. Crenças e valores | 128 |
| 5.4. OS GÊNEROS QUE ORGANIZAM A COMUNICAÇÃO ENTRE OS TANANANS | 129 |
| 5.5. O LÉXICO TANANÊS | 135 |
| 5.5.1. As abreviações | 136 |
| 5.5.2. Formação de palavras | 139 |
| 5.5.3. Expressões relativas aos <i>nicknames</i> | 144 |
| 5.6. A ESTRUTURA HIERÁRQUICA ENTRE OS TANANANS | 147 |
| CONCLUSÃO | 152 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 157 |
| ANEXOS | 166 |

INTRODUÇÃO

Por muito tempo a compreensão da linguagem esteve relacionada à descrição das formas lingüísticas como categorias taxionômicas. Atualmente, no entanto, assiste-se a uma mudança de foco na ciência da linguagem. Os lingüistas saem da palavra, da frase e do texto e passam a mirar os gêneros do discurso. Esta nova postura tem conduzido os pesquisadores por caminhos inovadores no sentido de não minimizarem seus estudos à *forma e ao conteúdo*, mas atrelá-los, também, a uma perspectiva sócio-histórica (Freedman & Medway, 1994).

Essa perspectiva remonta a Bakhtin (1981; 1997, 2000)¹, cujo estudo lingüístico do gênero contempla a língua não como um sistema estável, mas como um lugar de interação, de maneira que as *formas lingüísticas* não se prendem ao sistema, mas às *necessidades enunciativas* (Bakhtin, 1981: 92) dos falantes. Nesta esteira, lingüistas como Miller (1994)², Swales (1990; 1992; 2001) e Bhatia (1997), por exemplo, têm-se voltado para as questões de interação, buscando discutir a relação da linguagem *x* com o grupo *y* que a produziu dentro de uma determinada cultura *z*, evidentemente marcada pela sua historicidade.

Estes autores passaram a reformular a teoria de gênero quando observaram a profunda importância da relação entre os gêneros e o seu contexto de origem, sendo este último formado, segundo observa Erickson (2000), pela confluência de forças técnicas, sociais e institucionais que permeiam cada gênero do discurso. Desta maneira, conhecer o contexto sócio-histórico dos gêneros passou a ser relevante, a fim de que passássemos a compreender melhor a complexa relação da linguagem com a cultura e a história.

Essas orientações deram suporte a estudos realizados no Brasil, dentre os quais podemos citar Araújo (1996), Biasi-Rodrigues (1998) e Bezerra (2001). O que estas pesquisas têm em comum, além da base epistemológica, é a preocupação em descrever gêneros genuinamente acadêmicos. Todas partem dos pressupostos *swalesianos*, os

¹ Estamos usando as edições de 1981, 1997 e 2002. As edições originais são datadas, respectivamente, de 1929, 1953 e 1929.

² A publicação original é de 1984.

quais postulam que uma forma genérica, além de apresentar *estrutura, conteúdo, estilo e audiência pretendida*, deve ter como critério mais importante a definição de seu *propósito comunicativo*. Para tanto, estas pesquisas atrelaram o uso dos gêneros a uma comunidade discursiva, no caso a acadêmica, uma vez que esta comunidade reconhece e usa os gêneros com os quais os autores trabalharam.

Preocupada em descrever a organização retórica do gênero resenha, Araújo (1996) se utilizou do modelo de análise *CARS (Create a research space)* desenvolvido por Swales (1990). Sob a mesma orientação e perspectiva teórica, a pesquisa de Biasi-Rodrigues (1998) contribuiu para a descrição da organização retórica do gênero resumo de dissertações de Mestrado. Mais recentemente, Bezerra (2001), recorrendo igualmente ao modelo de Swales e a partir dos trabalhos de Araújo (1996) e de Motta-Roth & Hendgnes (1996), descreve o gênero resenha. O estudo realiza uma comparação entre resenhas produzidas por alunos de graduação e resenhas produzidas por especialistas, apontando para o propósito comunicativo como justificativa para as variações detectadas no *corpus*.

Os estudos citados são relevantes para a ciência da linguagem, no que concerne à Análise de Gêneros. É preciso dizer, porém, que, a exemplo de Swales, esses estudiosos priorizaram o estudo dos gêneros acadêmicos. Sendo assim, acreditamos que também poderemos contribuir com a ciência lingüística se nos ocuparmos de outros gêneros que, por fazerem parte das muitas atividades de linguagem, assumem ricas possibilidades de estudo e análise. Citem-se, como exemplo, os gêneros da esfera eletrônica.

A literatura lingüística a respeito dos gêneros eletrônicos ainda é escassa, talvez por causa do caráter emergente desses gêneros. Na literatura em língua inglesa alguns autores já despertaram sua curiosidade epistemológica para esse universo discursivo. Destes, citem-se, como exemplos, Erickson (1997; 2000) que tem aplicado a teoria norte-americana de gêneros às conversações em tempo real que ocorrem na *Internet*; Yates (2000), cuja preocupação tem sido em relação à ampliação do uso da escrita, propiciada pelas tecnologias eletrônicas e, finalmente, Crystal (2001) que, em seu livro *Language and Internet*, defende que a nova escrita que se instaura na Rede não contaminará a língua, como querem alguns puristas, mas está a serviço das necessidades dos usuários dos diversos gêneros que se podem encontrar neste contexto.

No Brasil, a literatura também é escassa, pelo menos no que se refere à aplicação das teorias de gênero ao contexto digital. Segundo a revisão bibliográfica que realizamos, a maioria das pesquisas têm se voltado para a perspectiva teórica da Análise da Conversação (Cf. McCleary, 1996; Vellasco, 1999; Hilgert, 2001; Nader, 2001; Chaves, 2001) e para o campo da Linguística Aplicada (Cf. Lacombe, 2000; Gazeta, 2000; Souza, 2000; Paiva, 2001; Fonseca, 2001 e 2002). Os únicos trabalhos brasileiros que se ocuparam do discurso eletrônico na perspectiva da Análise de Gêneros foram Batista (1998), com o *e-mail*, Xavier & Santos (2000; 200a), com o *fórum eletrônico*, Komesu (2001), com a *home page*, Abreu (2002), com o *chat* educacional, Marcuschi (2002; 2002a), com reflexões teórico-metodológicas acerca dos gêneros digitais e Araújo (2002), que descreve a intersemiose som-imagem-escrita presente nos *chats*.

Com exceção de Abreu (2002), Marcuschi (2002; 2002a) e Araújo (2002), desconhecemos a existência de estudos, cuja finalidade tenha sido descrever o *chat* como um gênero do discurso. Abreu se ocupa dos *chats educacionais*, deixando de contemplar as salas abertas que proliferam a toda velocidade nos provedores de acesso à *Internet*. Marcuschi (2002) faz uma sumária caracterização de alguns gêneros digitais, contudo o próprio autor adverte: *alguns gêneros serão analisados com maior detalhamento e outros apenas apontados em seus traços básicos* (p. 19).

Neste sentido, a presente pesquisa busca preencher esta lacuna e contribuir para a discussão já instaurada nos estudos lingüísticos a respeito do gênero *chat*, que emerge da esfera eletrônica. Descrever este gênero é importante porque ele tem ocupado cada vez mais um espaço pertinente nas relações humanas, impondo restrições de uso, desde um simples bate-papo (Erickson, 1997) a aulas de graduação (Souza, 2000); ou desde um simples jogo interativo (Recuero, 2000) a importantes conferências e fóruns (Yates, 2000). Além disso, como bem observa Paredes Silva (1997: 80) *uma classificação dos gêneros do discurso se torna necessária, na medida em que cada gênero impõe restrições específicas à maneira como se começa ou acaba um texto, e se associa a determinadas situações de uso, e não outras*.

Para este estudo, partimos da hipótese de que o *chat* é um gênero que se formou da transmutação do diálogo cotidiano (face a face) para uma esfera mais complexa, que é a *Web*. Hipotetizou-se, ainda, que, embora fluida, uma sala de *chat* pode desenvolver características de uma legítima comunidade discursiva.

Assim sendo, nossa proposta consiste, primeiramente, em descrever as marcas desta transmutação, que se materializam no caráter intersemiótico do evento, como elementos caracterizadores de um novo gênero hipertextual. Em seguida, verificar a aplicação dos critérios swalesianos de comunidade discursiva em um grupo específico de *internautas* que “freqüentam”, regularmente, uma determinada sala de *chat*. Para objeto de estudo, escolhemos o *chat* aberto por reunir um maior número de participantes e por ser este, possivelmente, a origem de todos os outros *chats*. Para tanto levantamos as seguintes questões de pesquisa:

- Pode-se afirmar que a identificação do caráter intersemiótico presente no *chat* possibilita uma descrição das marcas da transmutação do diálogo cotidiano (Bakhtin, 1997) para a esfera eletrônica da *Web*, gerando um novo gênero do discurso?
- Que escolhas lingüísticas e paralingüísticas usadas pelos *internautas* podem ser relacionadas às marcas da transmutação no elemento verbal e ao estilo do gênero *chat*?
- É possível afirmar que a freqüência assídua dos mesmos *internautas* em uma sala específica de *chat* desenvolve uma prática comunicativa que permita a aplicação dos critérios de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992) a este contexto?

Os objetivos que nortearam nossa pesquisa foram:

- Identificar nas telas dos *chats* os comandos e dispositivos que ativam a semiotização sonora e imagética presentes nesta atividade de interação, a fim de descrevê-los como marcas da *transmutação* do diálogo cotidiano para a *Web*;
- Identificar e classificar os *emoticons*, as repetições de letras e de sinais de pontuação, os usos da letra **K** e a representação da nasalidade para a descrição das marcas da transmutação no elemento verbal do gênero *chat*, associando-os ao estilo desse gênero;
- Caracterizar o grupo dos *Tananans* como comunidade discursiva, segundo os critérios de Swales (1990; 1992).

O resultado desta investigação será apresentado, nesta Dissertação, em cinco capítulos. O primeiro capítulo se divide em três tópicos. No item 1.1 discutiremos os

gêneros do discurso, a partir da proposta enunciativa de Bakhtin (1981; 1997) e no item 1.2, discorreremos acerca dos conceitos sobre gêneros e comunidade discursiva de Swales (1990; 1992). Nesta sessão, primeiramente, ressaltaremos as semelhanças deste autor com Bakhtin para, em seguida, apresentarmos e discutirmos os critérios de comunidade discursiva adotados por Swales. Para encerrar o capítulo, apresentaremos e discutiremos, no item 1.2.3, as características das comunidades virtuais, dando ênfase à possibilidade de estas comunidades serem estudadas sob o ponto de vista de Swales (1990; 1992).

No segundo capítulo, aprofundaremos a discussão para os gêneros eletrônicos, com uma revisão bibliográfica sobre o assunto. A organização deste capítulo será em três tópicos. No item 2.1 serão feitas considerações mais gerais acerca da esfera eletrônica, apresentando o conceito de ciberespaço e o seu correlato, cibercultura; a diferença existente entre *Internet* e *Web*; o hipertexto como um modo digital de enunciação que gera gêneros com características hipertextuais; um sumário histórico do *chat* e, finalmente, a classificação dos tipos de *chats*. No item 2.2, mostraremos algumas pesquisas realizadas por autores estrangeiros e brasileiros. No item 2.3, finalizaremos o capítulo, discutindo a terminologia inerente ao objeto de investigação, apontando para algumas designações que minimizam o evento sócio-interacional para propor uma terminologia que justifique a análise feita neste trabalho.

No terceiro capítulo, apresentaremos os aspectos metodológicos que orientaram a investigação. Sistematizaremos esta parte em dois tópicos. No item 3.1, relataremos a abordagem dada ao objeto e os procedimentos adotados para a análise e coleta de dados; no item 3.2, apresentaremos como procedemos para a constituição do *corpus*.

O quarto capítulo apresenta o tratamento e a análise dos dados em relação à descrição do gênero *chat*. Dividiremos o capítulo, retoricamente, em dois tópicos. No item 4.1, apresentaremos e discutiremos a intersemiose entre o som e a imagem presente no *chat*. Para encerrar, no item 4.2, mostraremos as escolhas lingüísticas e paralingüísticas como marcas da transmutação, associando essas marcas à estilística da escrita no *chat*.

O quinto capítulo está dividido em seis tópicos dedicados à aplicação dos critérios de comunidade discursiva de Swales à sala de *chat* dos *Tananans*. Deste

modo, no item 5.1, relataremos os objetivos e os propósitos da comunidade; nos itens 5.2, 5.3 e 5.4 descreveremos, respectivamente, os mecanismos de intercomunicação, de participação e os gêneros que organizam a comunicação na comunidade discursiva. No item 5.5, descreveremos o léxico utilizado pelos *internautas*. Encerraremos o capítulo, apresentando, no item 5.6, a maneira pela qual se mostra a hierarquia do grupo.

Concluiremos a Dissertação, retomando as questões que moveram esta pesquisa, a fim de verificarmos se nossos objetivos foram alcançados. E, para finalizar, levantaremos as lacunas deixadas, sugerindo continuidade na pesquisa.

CAPÍTULO 01

GÊNEROS DO DISCURSO E COMUNIDADE

DISCURSIVA

Nisto consiste a vida do gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é uma archaica em capacidade de se renovar. O gênero vive do presente, mas recorda seu passado, o seu começo. (...) É precisamente por isso que tem a capacidade de assegurar a unidade e a continuidade desse desenvolvimento.

(Mikhail Bakhtin)

Este capítulo apresentará e discutirá os pressupostos teóricos que sustentam os objetivos desta Dissertação. Primeiramente, será abordada a teoria enunciativa de Bakhtin (1981; 1997) e como esta teoria concebe os gêneros do discurso. O enfoque será a complexa formação dos gêneros secundários que acontece pelo fenômeno sofrido por alguns gêneros que, ao se transmutarem de uma esfera para outra, geram novos gêneros os quais, uma vez em outra esfera, apresentam um estilo similar ao do domínio discursivo que o absorveu. A importância desta discussão baseada em Bakhtin se justifica porque foi objetivo desta investigação estudar as marcas da transmutação que o diálogo cotidiano sofreu quando se inseriu no contexto plurisemiótico da *Web*, gerando o gênero *chat*. Postulou-se que estas marcas seriam a intersemiose marcada pela coexistência de som, imagem e escrita em um mesmo gênero.

Em seguida, o capítulo apresentará e discutirá os conceitos de gênero e de comunidade discursiva, segundo Swales (1990; 1992), sinalizando para algumas similaridades com Bakhtin. No entanto, o enfoque maior da discussão paira sobre os critérios de comunidade discursiva, os quais iluminaram um dos objetivos desta pesquisa que foi caracterizar uma comunidade de *internautas* como uma comunidade discursiva, a qual reconhece e usa o *chat* como um dos gêneros que dá suporte verbal a

sua comunicação. Por esta razão, far-se-á, *a posteriori*, uma relação do conceito de comunidade discursiva de Swales com a noção de comunidade virtual de Lévy (2000).

1.1. BAKHTIN E OS GÊNEROS DO DISCURSO

1.1.1. LÍNGUA, FALA E ENUNCIACÃO

Bakhtin (1981), ao tecer considerações contra os *partidários do objetivismo abstrato*, critica o fato de que o sistema lingüístico (formas fonéticas, gramaticais e lexicais) seja considerado elemento centralizador da atividade humana de comunicação, uma vez que, nessa concepção, a língua e o indivíduo estão em lados opostos. O sujeito, para fazer uso do sistema, obrigatoriamente, não deixaria sua marca de *locutor* na língua, já que se trata de um sistema estável e indestrutível.

Contrariando essa visão, Bakhtin considera que a palavra é dialógica por essência e, por isso, a idéia de que a língua seja um *sistema estável* só se sustenta, segundo seu pensamento, como *uma abstração científica* (p. 127). Isto significa que a língua está descontextualizada, portanto não pode abarcar elementos que são próprios do uso. Como observa Faraco (1996), Bakhtin (1981) não separa uma linguagem normativa de uma linguagem criativa, mas considera ambas dentro do embate dialógico das situações concretas de uso.

A partir dessas considerações, o pensador russo delineia suas definições de língua, fala e enunciação, as quais muito interessam a esta pesquisa. Em primeiro lugar, a noção de que a língua evolui parece mostrar que a idéia de priorizar o estudo da estabilidade do sistema da língua consiste em um equívoco, pois a língua tem sua mutabilidade porque ela está a serviço da comunicação humana. Destarte, mudando o homem e suas atividades de comunicação, naturalmente, mudam os usos que este faz da língua.

Ora se os usos da língua se alteram, de acordo com o contexto de cada situação específica de comunicação humana, presume-se que Bakhtin, conforme também observou Machado (1996: 221), *passa a entender tudo o que é dito como determinação rigorosa do lugar de onde se diz*. É neste aspecto que consiste a teoria enunciativa do autor russo, segundo a qual a linguagem assume *fórmulas* de acordo com o contexto.

Só se pode falar de fórmulas específicas, de estereótipos no discurso da vida cotidiana quando existem formas de vida em comum relativamente regularizadas, reforçadas pelo uso e pelas circunstâncias. Assim, encontram-se tipos particulares de fórmulas estereotipadas servindo às necessidades da conversa de salão [...] na conversa entre marido e mulher, entre irmão e irmã (Bakhtin, 1981: 125).

Como se vê, a fala, segundo Bakhtin (1981), por acontecer em um dado contexto, torna a forma lingüística *um signo adequado às condições de uma situação concreta dada* (p. 93). Em um outro momento, o autor afirma que *a fala só existe (...) na forma concreta dos enunciados de um indivíduo* (Bakhtin, 1997: 293). Isso significa que o falante não está mais fora do sistema, mas se servindo dele para materializar lingüisticamente suas *necessidades enunciativas* (Bakhtin, 1981: 92).

Para Bakhtin (1981), só dominamos a *senalidade*, isto é, a normatividade da língua, quando a compreendemos. Em outras palavras, o signo só o é de fato, não por ser um sinal com uma marca selada pela norma estável da língua, mas pela compreensão que o falante imprime nele, por ocasião do uso. Desta maneira, não é, exatamente, a forma lingüística que interessa na comunicação, mas a nova significação que esta passa a assumir em algum contexto de uso. Sendo assim, a forma lingüística, seja ela qual for, assume o caráter de *senalidade* porque o contexto concreto de uso imprime nela o *status* de signo³.

Essas noções de língua, fala e enunciação são o alicerce para que o autor desenvolva suas reflexões a respeito dos gêneros do discurso como estabilizadores e organizadores da comunicação humana. Bakhtin (1997) postula que um gênero, longe de ser estanque, está ligado às necessidades enunciativas do usuário, portanto não deverá ser entendido como uma fórmula matemática que se encaixa, perfeitamente, em situações específicas do uso da linguagem, mas como resultado de uma ação social. Verificam-se ecos desta postura em Miller (1994)⁴, quando avisa ao seu leitor que a

³ Talvez pudéssemos sugerir que essa impressão está, intrinsecamente, ligada ao que, hoje, a Lingüística Textual (Cf. Koch 1998) chama de condições de produção (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores...). Esses elementos, entre outros, também chamados de *elementos da enunciação*, participam do sentido que fica subjacente ao enunciado.

⁴ Com exceção de Swales (1992) e Bhatia (1997), cujas traduções são de Benedito G. Bezerra, as demais traduções, presentes nesta Dissertação, são de nossa responsabilidade.

proposta de seu artigo *Genre as social action* é a de imbricar a retórica dos gêneros com a situação social em que estes aparecem:

Argumentarei que a definição retórica de gênero não deve centrar-se sobre a substância ou a forma, mas sobre a ação que é realizada pelo gênero. Para tanto, examinarei a conexão entre gênero e situação recorrente, verificando a forma como o gênero representa uma ação retórica típica. Minha análise mostrará, ainda, como os modelos teóricos de comunicação podem ajudar a iluminar a natureza e a estrutura de tal ação retórica (Miller, 1994: 24).

A seguir, passaremos a mostrar outros conceitos também relevantes para a compreensão de gênero em Bakhtin. Como veremos, a discussão sobre gêneros do discurso está, intrinsecamente, ligada às noções apresentadas, acima, de modo que não se pode separar, a não ser por questões didáticas, a discussão sobre gêneros de discurso de uma concepção de língua como lugar de interação.

1.1.2. ESFERA COMPLEXA DE COMUNICAÇÃO

A noção de *esfera complexa de comunicação humana* é muito importante para este estudo. Tal conceito é consequência direta das concepções de língua, fala e enunciação de Bakhtin, mencionadas acima. Sendo a língua revestida de dialogicidade, é mister que sua utilização acompanhe a complexidade de comunicação que marca a interação humana. Essa complexidade não só diz respeito aos conflitos próprios da relação humana, mas, e especialmente, às esferas de comunicação.

Para Bakhtin (1997) é impossível falarmos de gêneros do discurso sem mencionarmos as esferas de atividade humana, pois delas é que emergem os gêneros do discurso. Se deixarmos a esfera à margem de um estudo sobre gênero, *poderemos cair numa idéia mecanicista de gênero discursivo, escamoteando um fato fundamental da teoria bakhtiniana que é, precisamente, a atenção dada às especificidades das atividades humanas e as especificidades dos gêneros discursivos que as constituem*, como bem observa Brait (2001: 30) [Grifos nossos].

Bakhtin (1997), entretanto, não aponta uma definição precisa de esfera, deixando em seu texto uma certa flutuação terminológica. Expressões como *esferas da atividade*

humana, esfera de comunicação e esfera de utilização da língua (p.279) aparecem, nos escritos do autor, com um único sentido: o de ser um espaço interativo que propicia o surgimento de vários gêneros, os quais trazem consigo as marcas desse espaço. A propósito desta noção bakhtiniana de esfera, Marcuschi (2002a: 24) traz uma pertinente elucidação:

Usamos a expressão **domínio discursivo** para designar uma **esfera** ou instância de produção discursiva ou de **atividade humana**. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles [Grifos nossos].

Observa-se que Marcuschi (2002a) relaciona a expressão *domínio discursivo* à noção de *esfera* que, por sua vez, tem o mesmo sentido de *atividade humana*, já dado em Bakhtin (1997). Isto nos ajudou a compreender que, para o autor russo, tais esferas propiciam o surgimento de infinitas formas de comunicação. E quanto mais complexas se tornarem as esferas, mais complexas se tornarão as práticas sociais vividas dentro delas, significando que as atividades linguageiras que dão conta dessas práticas sociais se tornarão, também, complexas.

Esfera de comunicação, portanto, na instância em que trabalhamos nesta pesquisa, pode ser definida como um espaço próprio para práticas de comunicação humanas. Por uma questão de necessidade, estas práticas fazem surgir os gêneros do discurso, os quais, além de ter como finalidade a organização da comunicação entre os sujeitos, trazem as marcas da esfera, conferindo-lhes em sua organização composicional, temática e estilística uma relativa estabilidade.

1.1.3. A DIVISÃO DOS GÊNEROS DO DISCURSO

A discussão, acima, nos faz perceber que, sob as lentes de Bakhtin, é necessário relacionar o uso da língua à noção de esfera de comunicação humana, pois a utilização da língua se materializa, lingüisticamente, em gêneros orais e/ou escritos. Se este autor pontua que todo e qualquer enunciado traz em si as *condições específicas e finalidades*

das esferas (Bakhtin, 1997: 279), logo as características das esferas das quais eles procedem estão subjacentes aos gêneros.

Obedecendo a essa dinâmica, proposta por Bakhtin, cada esfera é formada por *um repertório de gêneros do discurso*. Dito de uma outra maneira, e com as palavras do autor: *cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso* (p. 279). Desta forma, podemos definir gêneros do discurso como práticas de linguagem originadas dentro de um determinado domínio discursivo, cuja materialização lingüística não se dá por uma questão de formalização, mas por uma necessidade sócio-interativa e, por isso, organizada.

Partindo do pressuposto de que quanto mais complexas as esferas de comunicação humana se tornam, mais complexas ficam as práticas de linguagem ou os gêneros de discurso, o autor considera impossível não se ter uma listagem infinita de gêneros do discurso. Desta maneira, no entender do autor, a heterogeneidade dos gêneros passou a ser minimizada, no transcorrer da história.

Bakhtin (1997) até concorda com uma certa *tentação* de se conceber impossível a tarefa de submeter a um mesmo campo de estudo uma gama tão imensa de gêneros. Atribui essa forma de ver a questão ao fato de que, por muito tempo, o estudo de gêneros tenha se limitado aos *literários*, aos *retóricos* e aos do *discurso cotidiano*.

Demonstrando a maneira como tais gêneros eram estudados, o autor relata que os gêneros literários, desde a Antigüidade Clássica, sempre foram vistos sob o ponto de vista artístico, ou seja, presos aos limites da Literatura. Os ditos gêneros retóricos eram estudados sob a perspectiva da arte da persuasão, portanto, centrando estudo na natureza verbal, encobrando a natureza lingüística do enunciado. Bakhtin não explica a diferença que existe entre natureza verbal e natureza lingüística. Ainda que estas expressões sejam, aparentemente, sinônimas, podemos depreender, da leitura, a seguinte diferença. Compreendemos que a natureza verbal, enfoque dado aos gêneros retóricos, está relacionada à eloqüência do usuário deste gênero, a fim de se estabelecer *uma relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado* (p. 280). Enquanto que a natureza lingüística está relacionada à *seleção operada nos recursos da língua*, isto é, os *lexicais*, *os fraseológicos e os gramaticais* (p. 279).

Finalmente, os gêneros da cotidianidade, principalmente os que eram exemplares do diálogo cotidiano, eram objeto de estudo dos estruturalistas da Linguística Geral. Bakhtin relata que não se podia chegar a uma definição clara de *natureza lingüística* desses gêneros dada a base e a perspectiva desses estudiosos serem distintas da que ele propunha. No dizer do pensador russo, esses estudos minimizaram a heterogeneidade dos gêneros. Por esta razão, insistindo na idéia de que um gênero sempre se diferencia do outro, embora tenham em comum a natureza lingüística, este autor propõe que se dividam os gêneros do discurso em primários, ou simples, e secundários, ou complexos. Enquanto os primeiros produzem enunciados *em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea*, os enunciados dos últimos *aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e [...] evoluída, principalmente escrita* (p. 281. [Grifos nossos]).

A utilização dos gêneros secundários, nos quais são listados *o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc.*, está relacionada à noção de esferas complexas. Como exemplos de esferas complexas, Bakhtin (1997) cita *a artística, a científica, a sociopolítica, etc.* (p. 281). Os gêneros dessas esferas reúnem características ou estilo dos primários, reinterpretando-os e absorvendo-os como parte constitutiva. Isto ocorre, segundo a visão bakhtiniana, porque estes são transmutados de sua esfera de origem para uma outra esfera mais complexa a qual, por sua vez, originará os gêneros complexos.

Sobre essa divisão, Marcuschi (2000a) considera que Bakhtin associa, em certos momentos, a oralidade aos gêneros primários e a escrita aos secundários, embora reconheça, depois, que a carta, por exemplo, deva estar incluída entre os gêneros primários. Ora, Bakhtin considera que possam existir gêneros primários escritos, assim como gêneros secundários orais. A carta pessoal, por exemplo, tem marcas de oralidade e não está em uma esfera complexa de comunicação humana. Do mesmo modo, uma comunicação em um congresso científico, como bem observa Marcuschi (2000a), ainda que apresentada oralmente, será um gênero secundário, haja vista estar relacionada a uma esfera complexa de comunicação, que é a científica.

Proceder dessa maneira, isto é, dividir os gêneros em primários e secundários, para Bakhtin, torna-se essencial para que qualquer análise se torne exequível e sensata, pois só compreendendo em qual tipo de forma genérica se enquadra o *enunciado* em

estudo, defende o autor, é que conseguiremos abranger *os aspectos essenciais* do gênero. Assim, buscar repostas na interatividade entre gêneros primários e secundários ajuda o analista a não cair no trivial, pois o processo pelo qual passa a formação dos secundários fará o estudioso compreender também os primários. Do contrário, estabelecer a natureza do enunciado consistirá numa atividade impossível e o estudo cairá num formalismo, o qual romperá a ligação dos gêneros com as práticas sociais, ou, nas palavras do autor: *ignorar [...] as particularidades do gênero que assinalam a variedade do discurso [...] leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida* (p. 282).

1.1.4. A INDISSOCIABILIDADE DO ESTILO E DO GÊNERO

Bakhtin (1997) salienta que a relativa estabilidade dos gêneros se deve à indissociabilidade que estes apresentam quanto à temática, ao estilo e à construção composicional. Nesta sessão, no entanto, destacamos apenas o elemento estilo, por receber um tratamento mais aprofundado do autor, devido ao intrínseco vínculo deste elemento com as unidades temáticas e composicionais. Primeiramente, mostraremos que, para Bakhtin, o estilo está para o gênero assim como o gênero está para o estilo. Em seguida, relacionaremos a importância deste tópico com o nosso objeto de estudo.

Talvez o primeiro aspecto a ser levado em consideração sobre este assunto seja o fato de que o autor não aponta para uma definição clara do que seja estilo. Por outro lado, se estilo e gênero são indissociáveis, como postula, então uma definição distinta para cada noção seria dispensável, de maneira que, segundo o autor, é inviável um estudo do primeiro desvinculado do segundo. Tamanha é a associação de um com o outro que Bakhtin (1997) chega a afirmar, categoricamente, que *quando há estilo há gênero* (p. 279).

Nessa discussão, todavia, a posição bakhtiniana sugere dois tipos de estilos e, subjacente a essa classificação, é possível filtrar uma definição. Para o autor, existe, de um lado, o chamado *estilo individual*, cuja manifestação parece se limitar aos gêneros primários embora, seja produtivo, também, nos gêneros literários, enquanto que do outro há o *estilo lingüístico* ou funcional, o qual é associado pelo autor como especificidade de outras formas genéricas complexas.

Dessa maneira, o estilo lingüístico ou *funcional* seria um dos elementos importantes para evidenciar as marcas de um determinado gênero. Bakhtin considera possível, no entanto, que no estilo funcional, propriedade mais presente nos gêneros complexos, possam aparecer marcas do estilo individual, mais produtivo nos gêneros literários, como nos líricos, por exemplo, ou nos primários. Esta questão reforça o que já se comentou, acima, a respeito da assertiva de que todo gênero traz, em sua textura, as marcas da esfera da qual procede, de modo que tais marcas passam a fazer parte constitutiva do seu estilo, pois *cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos* (p. 284).

A indissociabilidade entre gênero e estilo, defendida por Bakhtin, explica-se a partir do pressuposto de que *os estilos da língua pertencem ao gênero* (p. 284), ou seja, estão a serviço das práticas de linguagem e não, exatamente, da língua enquanto sistema estável. Assim sendo, o autor considera que um estudo, cujo objeto seja o estilo, só tem motivos contundentes de existir se este estiver atrelado à caracterização de algum gênero. Uma atitude contrária daria um caráter improdutivo a tal estudo. Evidentemente, esta posição de Bakhtin (1997) é uma crítica que o autor faz às tentativas de descrição do estilo feitas sem ancoragem em um estudo de gênero. Por esta razão, as descrições são consideradas como débeis, cujos resultados, ressalta o autor, *é uma classificação pobre e não diferencial* (p.284).

O autor assera, ainda, que um conjunto de estilos peculiares forma a modalidade escrita da língua, porém, isto não impede que esta, enquanto sistema estável, esteja em constante transformação pelo fato de existir, também, um outro sistema, o qual ele chama de *sistema de língua literária*. Este último opera, não só com estilos da língua escrita, mas também com os da língua oral, ou, como ele mesmo diz, *língua popular* (p.286). O aspecto do entrelaçamento de estilos é visto, na ótica de Bakhtin (1997), como formador de um novo estilo. Parece residir nessa discussão um alicerce teórico considerável para um estudo dos chamados gêneros híbridos⁵.

Para Bakhtin (1997), o entrelaçamento dos dois estilos, comentados acima, não acontece gratuitamente, mas devido às possíveis complexificações ocorridas na esfera. Este aspecto é fulcral nesta discussão, pois se o estilo do primeiro sistema de língua

⁵ Ver Pagano (2001: 86), a qual sustenta que o hibridismo é aspecto constitutivo do gênero.

tende a sofrer alterações, graças às constantes transformações próprias de uma língua viva, o que dizemos do outro que reúne, a um só tempo, os dois estilos? Como se percebe, há uma forte evidência de que, de fato, o estilo está a serviço das práticas de linguagem. Obviamente, sua materialidade lingüística, a qual é permeada pelos *recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais* (p. 279) da língua, será de uma riqueza digna de estudo, desde que tal empreendimento esteja pautado na caracterização do gênero em questão.

As considerações bakhtinianas, comentadas acima, sobre o estilo são pertinentes ao nosso objeto por duas razões que julgamos centrais a esta pesquisa. A primeira é porque entendemos que só nos foi possível realizar uma análise estilística do *chat*, alicerçados em sua caracterização como uma forma genérica, advinda de uma esfera complexa de comunicação. Em segundo lugar, porque, sendo proveniente da *Web*, o *chat* traz, em sua organização composicional, temática e, sobretudo, estilística, as marcas dessa esfera. Detalhes destas questões serão mostrados no capítulo 04, dedicado à análise descritiva que fizemos de nosso objeto.

Retomaremos esta questão na sessão que se segue, quando será explicada a razão pela qual o romance, por exemplo, recorre aos estilos peculiares do diálogo cotidiano. Acerca deste fenômeno, as palavras de Bakhtin são categóricas:

Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruimos e renovamos o próprio gênero (Bakhtin, 1997: 286).

Isto significa que se um gênero é absorvido pelo outro, isto é, se as características de um são reinterpretadas por um outro, fatalmente estaremos diante de um novo gênero.

1.1.5. A TRANSMUTAÇÃO

Nesta sessão será discutida a noção de *transmutação* genérica a partir do exemplo apresentado em Bakhtin (1997) acerca do romance. Para ilustrar a discussão, elaboramos o quadro 01 que permite relacionar essa noção com o nosso objeto, quando mostraremos, no quadro 02, também elaborado por nós, as similaridades existentes entre o *chat* e o gênero diálogo cotidiano. Para encerrar a sessão, seguindo a esteira

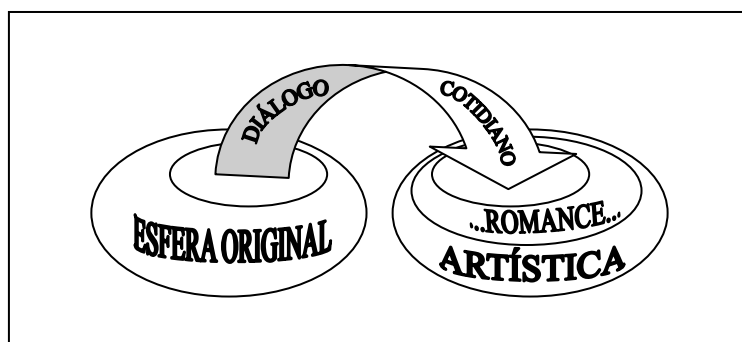
bakhtiniana de caracterização, contraporemos o conceito de transmutação com o de variação defendido por Marcuschi (2000a).

A noção de transmutação genérica, para Bakhtin (1997), está intrinsecamente associada à *escrita*, pois, como bem observa o autor, a modalidade escrita da língua proporcionou um surgimento grande de gêneros complexos, haja vista muitos gêneros primários saírem de sua esfera original para outras, a partir de sua materialização escrita. A discussão, entretanto, deixa claro que um gênero secundário não se reduz à sua forma escrita, consoante o que já foi dito acima, pois esta também reúne gêneros primários, graças à inserção da língua popular naquele. Além do que, segundo defende o autor, todos os gêneros complexos incorporam, em sua composição, uma diversidade de gêneros simples (Bakhtin, 1997: 295).

Bakhtin (1997) sugere que essa *intromissão* faz com que os gêneros sofram algum tipo de alteração em sua *formatação* ou *reestruturação*. Essa alteração minimiza as marcas de monologismo nos gêneros secundários, pois a dialogização dos gêneros primários não competem com o aparente tom monológico daqueles, mas passam a ser sua parte constitutiva. Dito de outra maneira, os gêneros primários, quando *transmutados* de sua esfera de origem, são reinterpretados pelos gêneros secundários, de modo que, absorvidos no interior destes, ascendem a uma característica que não mais a de gênero primário.

Como exemplo dessa *transmutação*, Bakhtin (1997) aponta o exemplar de um diálogo cotidiano dentro de um romance (p. 281). Nesse exemplo, fica claro que não são as marcas de oralidade ou escrita que fazem o gênero primário ou secundário, mas a esfera em que esses figuram. O diálogo transmutado para dentro de um romance, ainda que continue com sua estrutura de diálogo, estará agora numa esfera mais complexa que é a da arte literária, de modo que passa a assumir também (além das suas) as características do todo do qual agora faz parte. Por isso, Bakhtin afirma que o estilo está intrinsecamente ligado ao gênero. Se se muda o estilo, muda-se também o gênero. O quadro 01, abaixo, busca ilustrar nossa leitura de Bakhtin.

QUADRO 01
TRANSMUTAÇÃO DO DIÁLOGO COTIDIANO
PARA A ESFERA ARTÍSTICA



No quadro 01, a seta indica a transmutação do diálogo cotidiano, que sai de sua esfera original para a esfera artística, representada pelo círculo da direita. Dentro deste, há um círculo mediano que representa todos os gêneros desta esfera, porém destacamos o gênero romance que absorve em seu interior o diálogo cotidiano, reinterpretando-o como parte constitutiva. Uma vez inserido nesta esfera, o diálogo cotidiano ascende ao *status* de um gênero secundário, ainda que suas características primárias possam ser observadas. É interessante essa dinâmica proposta por Bakhtin (1997) porque evidencia uma mudança muito forte na estrutura do gênero que faz o percurso indicado no quadro, acima. Acrescente-se, ainda, que o diálogo, em sua esfera original, é falado e quando este se transmuta para a esfera literária, passa a ser escrito.

O quadro 01 está associado à proposta bakhtiniana de caracterizar, com segurança, a natureza de um gênero, ou seja, observando a inter-relação existente entre os primários e secundários e atentando para o processo de formação dos últimos, pois se acredita que *a ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua acarreta em todos os gêneros a aplicação de um novo procedimento* (Bakhtin, 1997: 286).

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (1981: 123) assegura que a interação verbal é um fenômeno social que se materializa sob várias formas, sendo o diálogo uma dessas formas mais privilegiadas. Em uma outra obra, o autor confirma sua assertiva dizendo que *o diálogo é a forma clássica da comunicação verbal* (Bakhtin, 1997: 294). O autor sugere, ainda, que a compreensão do termo diálogo não se restrinja

apenas a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (Bakhtin, 1981: 123). Percebe-se, então, que o autor concebe um sentido restrito e um sentido amplo para o diálogo. Segundo o seu argumento, um livro pode consistir em *um ato de fala impresso*, parte de um diálogo maior, correspondente a uma discussão que se estabelece entre os autores.

Contudo, neste estudo, optamos pelo sentido restrito, cuja realização é aquela que se dá de modo face a face, a qual, segundo Gumperz (1998: 99), deve ser entendida como *um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações à medida em que os participantes interagem*. Esta atividade assume muitas formas e, de acordo com Bakhtin (1997: 280), tais formas variam graças às situações, aos temas e à participação dos interlocutores. Nesta Dissertação, postulamos que o diálogo cotidiano não só se realiza sob vários formatos, mas também pode se constituir em um novo gênero do discurso se vivenciado em situação intermediada pelo computador com toda riqueza intersemiótica que o contexto hipertextual lhe confere.

Como se pode perceber, essas considerações assumem relevância para nosso estudo. Para nós, o *chat* é oriundo do que Bakhtin chama de *diálogo cotidiano* ou, conforme apontam outros autores (Cf. Marcuschi, 2000a, 2002, 2002a; Hilgert, 2001; Xavier & Santos, 2000), da conversação face a face, pois as marcas do diálogo, enquanto seqüência textual (Adam, 1992), permanecem no *chat*. No entanto, tais marcas, uma vez transmutadas para a *Web*, parecem gerar uma nova formatação ao *diálogo cotidiano* o que nos levou a formular a hipótese segundo a qual o *chat* se trata de um gênero emergente.

O que estamos chamando, neste trabalho, de transmutação, Marcuschi (2000a) diz tratar-se apenas de *variação* (p.17). Primeiramente, este autor considera que a conversação na *Web* pertenceria a uma classe de gêneros que são limítrofes da carta (p. 14) para, em seguida, dizer que o *chat* é uma variação do telefonema. São do autor as seguintes palavras: *Há ainda o telefonema que você pode dar através de seu computador, usando um programa especial e a rede telefônica, mas o faz por escrito nos famosos chats (bate-papo via internet)* (p. 17. [Grifo nosso]).

No mesmo estudo, Marcuschi julga relevante que se busquem regularidades para se proceder a análise de alguma forma genérica. Desta maneira, se um analista se

propuser a agrupar vários textos sob uma mesma designação, terá que encontrar *uma relação de materiais lingüísticos para a análise* (p. 13). Esta assertiva é ilustrada com algumas regularidades do *e-mail*, observadas pelo autor:

A data e o local, que numa carta devem ser postos com clareza, no correio eletrônico, são dados pelo próprio computador; o endereço eletrônico do remetente e muitos outros dados que semiotizam contextos são automáticos (...) **a tecnologia projeta estratégia de textualização, gera um gênero** e subverte, até certo ponto, cânones bem estabelecidos no processo de construção textual epistolar (p. 12. Grifos nossos).

Observa-se que Marcuschi insinua haver uma transmutação da carta pessoal ou do bilhete para o *e-mail*. Antes de considerar o *e-mail* como estando no limite entre a carta e o bilhete, este autor busca, antes de qualquer coisa, regularidades do gênero, a fim de proceder a uma caracterização, entretanto não o faz com o *chat*, preferindo considerá-lo como limítrofe da carta ou como *variação* do telefonema. Embora reconheçamos a existência de semelhanças técnicas (uso da linha telefônica) e lingüísticas (frases curtas, abreviações, etc), salientamos que estes gêneros do discurso (*chat* e telefonema) acontecem em condições de produção e suportes físicos completamente diferentes. Além disso, enquanto o *chat* usa características da língua oral e escrita imbricadamente, o telefonema só dispõe da oralidade. Neste caso específico, o que o autor chama de *variação*, chamamos, para seguir o caminho bakhtiniano, de *transmutação*.

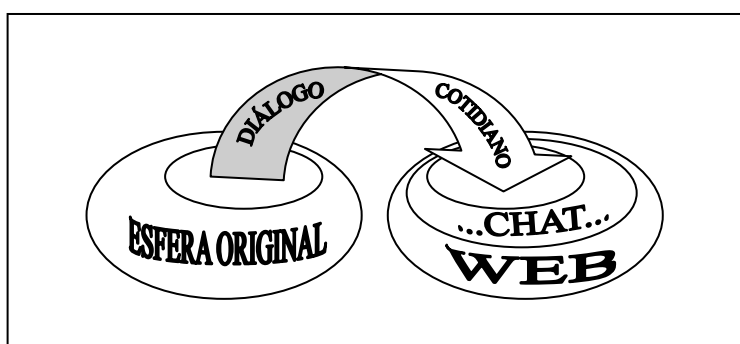
Pagano (2001), a exemplo do que faz Marcuschi (2000a) assegura que

um exemplo de novo gênero, surgido a partir de transformações de gêneros existentes, é também o *e-mail* ou comunicação via correio eletrônico. Híbrido de carta, telefonema, telegrama e de outros gêneros, o *e-mail* tem hoje uma identidade genérica própria, vinculada às condições tecnológicas de sua produção e a uma comunidade discursiva que faz uso dele (p. 87).

O que se percebe é que a autora condiciona a identidade genérica do *e-mail* aos aspectos tecnológicos, além de admitir que tal gênero existe graças à transmutação de

outros que lhe pré-existiam. Ao nosso ver, o mesmo procedimento, adotado por Marcuschi (2000a) e Pagano (2001), pode ser assumido com o *chat*. Neste sentido, o quadro 02, abaixo, também elaborado por nós, busca fazer uma adaptação das noções de esfera complexa de comunicação e transmutação de Bakhtin (1997) para dar conta de nosso objeto de estudo.

QUADRO 02
TRANSMUTAÇÃO DO DIÁLOGO COTIDIANO
PARA A ESFERA ELETRÔNICA



No quadro 02, consideramos, primeiramente, a *Web* como uma esfera complexa de comunicação humana, ou, como prefere Marcuschi (2002a), um domínio discursivo. Sendo um espaço de práticas humanas de comunicação, conseqüentemente, tal esfera originará muitos gêneros para organizar as práticas linguageiras vividas ali. Entre estas práticas está o *chat*. Observa-se que as reticências, antes e depois da palavra *chat*, indicam a possibilidade de existência de outras formas genéricas oriundas do domínio do discurso eletrônico.

Consideramos pertinente salientar que o *chat* e todos os outros gêneros emergentes da *Web* trazem as marcas desta esfera. Isto pode ser representado pela seta, que liga os dois círculos grandes, indicando a transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera de origem para o contexto eletrônico. Verifica-se, ainda, que a seta não só conduz o diálogo cotidiano para o *chat*, mas representa a assimilação daquele no interior deste, reinterpretando-o. Assim, como ocorre com a inserção do diálogo cotidiano no romance

(quadro 01), o diálogo eletrônico também se manifesta pela escrita, mudando, consideravelmente, seu estilo.

Para concluir, podemos sugerir, apoiados em Bakhtin (1997), que o *chat* é um gênero do discurso eletrônico, resultado da transmutação do diálogo cotidiano para a *Web*. Além disso, conforme assegura Pagano (2001), em relação ao *e-mail*, o *chat* também é reconhecido e usado por uma comunidade discursiva, conforme veremos nos capítulos 04 e 05 desta Dissertação.

1.2. SWALES E A NOÇÃO DE GÊNERO E DE COMUNIDADE DISCURSIVA

1.2.1. SWALES E BAKHTIN: PONTOS DE APROXIMAÇÃO

De certa maneira, os estudos de Swales (1990; 1992) se sustentam nos pressupostos bakhtinianos⁶, ou seja, trata-se de uma teoria desenhada a partir da noção de língua como ação e atividade comunicativa. Subjacentes a essa noção de língua existem dois importantes conceitos que interessam mais diretamente ao nosso estudo, a saber: o conceito de gênero e o de comunidade discursiva.

Para Swales (1990), o que fundamenta um gênero é o seu *propósito comunicativo*, o qual é reconhecido por todos os membros de uma determinada comunidade discursiva. Além do propósito comunicativo, um gênero textual, segundo as lentes swalesianas, precisa evidenciar uma estrutura esquemática permeada pelo conteúdo, pelo estilo e por uma *audiência pretendida*. Na definição, abaixo, Swales associa os conceitos de gênero e de comunidade discursiva:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham um dado conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos *experts* membros da **comunidade discursiva** e, com isso, constituem a base para o gênero. Tal base, modela a **estrutura** esquemática, influencia e

⁶ Ressaltamos que Swales (1992: 04) afirma que descobriu Bakhtin, tardiamente: *assim, permitam-me uma reparação tardia, e garantir-lhes que hoje meu exemplar do longo ensaio de Bakhtin sobre 'o problema dos gêneros de discurso' encontra-se, como diria um negociante de antiguidades, terrivelmente desgastado.*

condiciona a escolha do **conteúdo** e do **estilo** (Swales, 1990: 58 [Grifos nossos]).

Essa maneira de conceber gênero nos remete, forçosamente, ao que já fora observado por Bakhtin (1997), o qual, conforme já mostrado, anteriormente, postula que uma forma genérica é reconhecida não só pelo estilo e conteúdo, *mas também por sua construção composicional* (p. 279).

Segundo Bakhtin (1997) os envolvidos na prática comunicativa assumem uma postura *responsiva ativa*. De acordo com sua visão, a responsividade está ligada as experiências múltiplas de comunicação verbal, uma vez que elas vão, paulatinamente, fixando-se em nossa consciência de tal maneira que acabamos por adquirir fluência no uso dos gêneros da mesma forma que o fazemos com a língua materna, pois *ao ouvirmos a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero* (Bakhtin, 1997: 302). Deste modo, a responsividade pode ser definida como a capacidade inerente ao ouvinte que, por sua vez, pode avaliar, responder e interagir, ainda que em silêncio, aos atos de fala.

Parece que as noções de responsividade de Bakhtin (1997) e de audiência pretendida de Swales (1990), se não apresentam similaridades, parecem se completar, pois ambas são convergentes no que se refere à interação verbal. Swales defende que a audiência pretendida, embora seja algo inscrito no gênero, estabelece elo com a noção de linguagem como ação social. Bakhtin, por sua vez, demonstra que a responsividade está, de modo bem mais saliente, no ouvinte. Acerca da questão, Biasi-Rodrigues (2002: 51) observa que

a noção de audiência [...] é um fator determinante dessa ação [verbal e, por isso] exerce influência direta nas escolhas que o falante/escritor faz, quando em situação de produção[para] criar textualidade e interagir com o provável ouvinte/leitor,

o qual, por sua vez, assume uma postura ativa de responsividade (Bakhtin, 1997), garantindo o sucesso da interação verbal.

Marcuschi (2000a) também percebe as similaridades entre os dois autores. O que Swales (1990) chama de *propósito comunicativo*, como elemento decisivo na escolha e

no reconhecimento de um gênero textual, equivale, segundo Marcuschi (2000a: 36), ao que Bakhtin (1997) chama de “intuito discursivo”: *Isto dá a entender que a escolha do gênero é forjada com propósitos comunicativos específicos, de modo que os gêneros podem ser agrupados com estes critérios, tal como tentado por Swales (1990)* (Marcuschi, 2000a: 36).

Retornando ao propósito comunicativo, considerado por Swales (1990) como o critério mais seguro de estudo e análise de um gênero textual, talvez fosse pertinente recordar Bhatia (1997), o qual, seguindo a mesma orientação, prioriza o propósito comunicativo como aspecto *mais central à teoria de gêneros* (p. 02). Relacionando o que ele chama de “versatilidade genérica” com a noção de propósito comunicativo, este autor chega a propor uma espécie de cadeia hierárquica de propósitos comunicativos, a fim de se identificar os “subgêneros” dos gêneros promocionais.

Embora os gêneros sejam identificados essencialmente em termos dos propósitos comunicativos aos quais tendem a servir, esses propósitos comunicativos podem ser caracterizados em diferentes níveis de generalização (Bhatia, 1997: 04).

Faz-se necessário, no entanto, recordar que muitas são as práticas de linguagem e, por conseguinte, muitos serão os gêneros. Isso se deve ao fato de que as práticas sociais se alteram ou, no dizer de Bakhtin (1997), as esferas de comunicação ficam complexas, reclamando outras formas de organização das práticas tão heterogêneas. Essas outras formas são os gêneros de discurso (Bakhtin), os quais assumem características diversas.

Por esta razão, ao rever o conceito de propósito comunicativo, Swales *et al.* (2001: 05) observa que tal critério (...) *não pode, por si mesmo, ajudar analistas a decidir, rápida e incontrovertidamente, qual dos textos – A, B ou C – pertencem ao gênero X ou Y.* Nesse último trabalho, o autor se utiliza de três gêneros textuais distintos⁷, para mostrar que o propósito comunicativo, embora não seja dispensado, não pode ser o principal critério a se observar. Essa postura atual do autor é justificada pelo aumento de estudos sobre os mais variados gêneros, fazendo com que as teorias fiquem mais complexas diante de gêneros também complexos. O próprio Swales (1990) já

⁷ Lista de compras, carta de respostas curtas a recomendações e folhetos de companhias comerciais.

preconizava essa visão atual quando sugeriu que há uma variação muito grande de gêneros.

Sendo assim, não seria falsa a afirmação de que reconhecer, descrever e classificar uma forma genérica não consiste numa tarefa simples. O terreno parece muito “movediço” e, assegurar que o propósito comunicativo (Swales, 1990; Bhatia, 1997) seria a maneira mais eficaz de proceder à análise, por tudo o que comentamos acima, pode ser perigoso.

Em conclusão, pode-se dizer que a noção de gênero para Swales interessa ao presente estudo por apresentar ecos claros das bases epistemológicas de Bakhtin (1997). Nossa pesquisa se preocupou em descrever o *chat* como um gênero e, por esta razão, buscou identificar, conforme atesta Swales (1990), a “base do gênero” e como essa base regula a *estrutura, o estilo e o conteúdo*. Além disto, buscou também caracterizar um grupo de *internautas* como uma legítima comunidade discursiva que reconhece e usa o *chat* como um dos gêneros que organizam sua comunicação. Neste último aspecto, os trabalhos de Swales (1990; 1992) foram fulcrais na presente pesquisa.

1.2.2. A COMUNIDADE DISCURSIVA

A noção de comunidade discursiva adotada por esse autor assume especial relevância em nosso estudo, pois entendemos que para caracterizar o *chat* como um gênero emergente do meio virtual, é preciso, também, verificar se este é reconhecido e usado por uma *comunidade* discursiva. Afinal, o autor assegura que *os gêneros pertencem a comunidades discursivas* (1990: 09).⁸ E como bem observou Biasi-Rodrigues (1998: 12), ao resenhá-lo, *o gênero (...) está fortemente atrelado à noção de comunidade discursiva*, de modo que falar de gênero sem falar de sua noção correlata, segundo a ótica *swalesiana*, é tarefa impossível.

O autor define comunidade discursiva como *um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos*, distinguindo-a de comunidade de fala, definida como *um grupo sociolinguístico homogêneo de pessoas que compartilham região geográfica e background* (Swales,

⁸ Embora reconheçamos que esta não seja a condição *sine qua non* para o estudo de um gênero.

1992: 08). Para este autor, os critérios adotados para a primeira definição são os que determinam que para um grupo ser considerado uma comunidade discursiva deverá:

1. possuir um conjunto de objetivos públicos comuns amplamente aceitos;
2. possuir mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. usar mecanismos de participação principalmente para prover informação e *feedback*;
4. utilizar e, portanto, possuir um ou mais gêneros para a realização comunicativa de seus objetivos;
5. ter desenvolvido um léxico específico;
6. admitir membros com um grau adequado de conhecimento relevante e perícia discursiva.

Como os estudos de Swales (1990; 1992) estão mais ligados à área do ensino, ele, certamente, elegeu como exemplo prototípico de comunidade discursiva, a acadêmica, fechando muito o referido conceito, de modo que tais critérios sofreram virulentas críticas, conforme ele mesmo relata em seu artigo de 1992. Seus alunos lhe mostraram que ambientes discursivos extra-acadêmicos dialogam com a Academia, pois um sujeito não pertence a uma única comunidade discursiva, o que acarreta variadas práticas sociais e diversos relacionamentos com outras comunidades (sejam de fala ou discursiva).

Por estas razões, Swales (1992: 11) retoma os critérios de comunidade discursiva, realizando, dessa vez, algumas alterações. Esses também são em número de seis. Na redação de cada um deles acrescenta algo, exceto no critério dois. Vejamos esses critérios, resumidamente, na transcrição que fizemos, os quais afirmam que uma comunidade discursiva:

1. possui um conjunto perceptível de objetivos, os quais podem ser formulados pública e explicitamente e também ser no todo ou em parte estabelecidos pelos membros;
2. possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: prover o incremento da informação; para canalizar a inovação; para manter o sistema de crenças e de valores; para aumentar seu espaço profissional;
4. utiliza uma seleção crescente de gêneros;
5. já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica;

6. possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela.

Além de admitir que as comunidades discursivas e as comunidades de fala (num sentido mais amplo) interagem e se interinfluenciam, como bem nota Biasi-Rodrigues (1998), Swales (1992) assume uma postura que enlarga a noção de comunidade discursiva, de modo que podemos fazer as seguintes considerações:

- os objetivos de uma comunidade discursiva não estão, simplesmente, definidos por alguém superior, pois, depois da reformulação, passam a contar com a participação de seus membros;
- os mecanismos de participação não mais se limitam a promover o *feedback* e a informação, mas se abrem às possibilidades da inserção do novo na comunidade;
- se as práticas sociais podem ser inovadas, como pressupõe o terceiro critério, é natural que os gêneros aflorem, diversificando-se para dar conta do uso que se diversifica também, mas sem descaracterizar a comunidade, uma vez que os mecanismos de participação, também, buscam *manter os sistemas de crenças e de valores* (Swales, 1992:11);
- talvez, devido ao caráter de inovação a que se abre agora a nova comunidade discursiva, o léxico não se encontra já definido, como o disse alhures Swales (1990), mas está em busca de uma *terminologia específica*.
- a admissão de novos membros agora não é filtrada por uma *perícia discursiva*, ainda que não abra mão de uma hierarquia que deverá ser respeitada, seja ela explícita ou implícita.

Observa-se que, nas considerações que fizemos acima, não tocamos no segundo critério. Este foi o único em que o autor não fez alteração, pois *sem mecanismos, não há comunidade* (1992: 10). Ainda que essas reformulações tenham alargado a noção de comunidade discursiva, é óbvio o fato de que o autor ainda projete a utilização desses critérios em comunidades discursivas mais formais como a acadêmica, por exemplo. No entanto, alguns estudos foram feitos, no sentido de aplicarem tais critérios, tratando de outras comunidades discursivas, dentre os quais podemos mostrar os trabalhos de Batista (1998), já citado anteriormente, e a pesquisa de Bernardino (2000).

O primeiro trabalho utiliza os critérios de comunidade discursiva, mas a autora quase que se limita a citá-los, sem discuti-los nem questioná-los. Batista mostra o *e-mail* como o objetivo comum, o mecanismo de intercomunicação, a troca de informação, o gênero utilizado pela comunidade, e diz, ainda, que o léxico usado no *e-mail* é específico por tender à informalidade e, por fim, salienta que os membros são *experts* em escrever *e-mails*. Essas considerações ficaram marginais na pesquisa, uma vez que a autora não reserva sequer uma página completa à caracterização de sua comunidade discursiva, preferindo ressaltar a descrição do referido gênero.

O segundo trabalho a usar esses critérios em uma comunidade discursiva, que não a acadêmica, foi o de Bernardino (2000), a qual estudou os depoimentos de Alcoólicos Anônimos em uma lista de discussão na *Internet*, e procurou, além de descrever o gênero depoimento, aplicar a noção de comunidade discursiva sugerida por Swales. Vale lembrar que a autora discute e aplica, em seu texto, os critérios de 1990 e os de 1992, o que não fez, por exemplo, Batista (1998).

1.2.3. AS COMUNIDADES VIRTUAIS

As pesquisas mencionadas, acima, vêm ao encontro de nosso propósito de também testar os critérios *swalesianos* de comunidade discursiva no contexto eletrônico. Por esta razão, passaremos agora a relacionar o conceito de Swales com a noção de comunidade virtual de Lévy (2000), segundo o qual um dos princípios geradores da cibercultura foi a criação de comunidades virtuais. Este fato é relevante para nós na medida em que um dos objetivos desta pesquisa foi estudar uma comunidade virtual, descrevendo-a como uma legítima *comunidade discursiva* no sentido que lhe atribui Swales (1990; 1992).

De acordo com Lévy (2000: 127),

uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

Esta definição tem similaridades importantes com os critérios de comunidade discursiva de Swales, vistos acima. Logicamente, este último dá um tratamento, explicitamente,

lingüístico ao objeto de estudo, o que não faz Lévy. No entanto, sendo uma comunidade virtual usuária da linguagem, naturalmente, as semelhanças podem ser apontadas, como mostraremos no capítulo 05.

O que se pode observar ao contrapor os dois autores é que existem semelhanças plausíveis entre os dois tipos de comunidades, como os interesses comuns, a cooperação entre si, a utilização de gêneros, etc. Tais semelhanças tornam uma comunidade virtual passível de ser estudada, lingüisticamente, como uma comunidade discursiva. Porém, Erickson (1997) critica o uso desta expressão para grupos que usam as conversações em tempo real, via computador, para se socializar. Para este autor *tais conversações podem ser melhor visualizadas como instâncias de um gênero participativo em vez de comunidade* (p. 01).

Na análise das conversações *on-line*, Erickson (1997) priorizou a identificação do propósito comunicativo, das regularidades de forma e conteúdo e da situação que ocasiona estas regularidades. Particularmente, compreendemos que o *chat* não é em si uma comunidade discursiva (ou virtual), mas um gênero que pode ser reconhecido e utilizado por uma comunidade. De modo que, em nossa análise, percorremos o caminho inverso de Erickson (1997) por definirmos gênero a partir de comunidade discursiva tal como o faz Swales (1990; 1992). Em adendo, vale salientar o que assegura Crystal (2001) acerca das salas de *chat*. Este autor diz que elas desenvolvem, nos usuários, um senso de comunidade de discurso, o que vem ao encontro de nossa proposta.

Faz-se, no entanto, necessário que consideremos as peculiaridades da sala **Café Utne**, estudada por Erickson (1997) para que compreendamos suas escolhas. Primeiramente, esta sala permite que o novo usuário, ao “entrar”, tenha acesso a todo o texto conversacional já desenvolvido ali, antes de sua chegada. Um outro aspecto a se considerar é o fato de que todos os envolvidos na atividade de interação podem ver tudo o que se passa no bate-papo *on-line*, ou seja, não existem opções como “*falar reservadamente com*” ou “*ignora*” como as salas atualmente oferecem. Possivelmente, estas características tenham despertado no autor o interesse de direcionar seu estudo da maneira já mencionada acima.

Para ilustrar, talvez fosse relevante citarmos outras comunidades virtuais, como a Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), possivelmente, a mais conhecida entre os

lingüistas. Esta comunidade virtual nasceu de uma lista de discussão⁹ que, por sinal, tem servido de mecanismo de interação e participação entre os lingüistas que aderiram ao grupo. Tal lista de discussão serve para divulgar teses, dissertações, artigos e outros gêneros acadêmicos, notícias de congressos, além de outros tópicos que nem sempre são de interesse científico da comunidade de lingüistas. Isto se ajusta às palavras de Lévy (2000) quando diz que *as comunidades virtuais oferecem, para debate coletivo, um campo de prática mais aberto, mais participativo* (p. 129). Podemos também associar essa prática da CVL ao fato de uma comunidade discursiva usar uma *seleção crescente de gêneros* (Swales 1992: 11), o que aproxima os dois conceitos em questão.

Marcuschi (2002) aponta as listas de discussão como um espaço muito propício à criação de comunidades virtuais. Este gênero permite que uma mensagem enviada para o endereço eletrônico central seja, automaticamente, reenviada para todos os outros endereços eletrônicos que constem da lista. Para pertencer a essas comunidades virtuais, basta que se envie uma mensagem para o endereço central, que, na maioria das vezes, é diferente do endereço daquele que serve de moderador do grupo. Depois de receber a resposta de aceite, o participante começa a receber, diariamente, na caixa postal todas as mensagens direcionadas à lista, tal como ocorre na CVL.

Além das listas de discussão, existem também as salas de *chats*, onde acontecem os chamados bate-papos virtuais. Essas salas se multiplicam, pois, além daquelas fixas que são mantidas pelos grandes provedores de acesso como **Uol**, **Globo.com**, **Terra**, **Bol**, **Ig**, entre outros, existem as que são criadas pelos usuários. Entre estas existem os espaços virtuais concedidos por provedores como o **Yahoo!** e o **MSN** que possibilitam ao usuário gerir *chats*, listas de discussão, banco de fotos, desenhos ou filmes, etc, em uma *home page* pessoal, geralmente, gratuita. Ainda que sejam muitos e variem nas finalidades, os *chats possuem algumas regularidades, ainda que não bem definidas, como por exemplo, o uso de sinais gráficos para a expressão de emoções* (Abreu, 2002: 88).

Se a *Internet* suscita comunidades virtuais como as que citamos, gerando uma cibercultura, é natural que essas comunidades desenvolvam gêneros distintos para que se comuniquem de forma satisfatória. Naturalmente, esses gêneros trazem consigo as

⁹ No capítulo 02, faremos uma breve discussão a respeito das listas de discussão. Sobre o assunto, sugerimos a Tese de Doutorado de McCleary (1996).

marcas e as características da esfera da qual procedem. Acerca da idéia de compreender tais manifestações de comunicação como gêneros, Lévy (2001a) afirma que

considerar o computador apenas como um instrumento a mais para produzir textos, sons ou imagens sobre suporte fixo [...] equivale a negar sua fecundidade propriamente cultural, ou seja, o aparecimento de **novos gêneros ligados à interatividade** (p. 41 [Grifos nossos]).

A nomenclatura técnica para esses gêneros emergentes da cultura eletrônica ainda está se estabelecendo, mas adotamos a expressão “gêneros hipertextuais” que vem sendo usada por Xavier & Santos (2000; 2000a). Tal expressão, como veremos no próximo capítulo, daria conta da classificação dos gêneros que têm nascido com o avanço das tecnologias digitais.

CAPÍTULO 02

A ESFERA ELETRÔNICA EM ESTUDO

Para cada uma das grandes possibilidades do signo, texto alfabético, música ou imagem, a cibercultura faz emergir uma nova forma e maneira de agir. O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto.

(Pierre Lévy)

Neste capítulo, discutiremos a problemática que envolve a investigação dos gêneros eletrônicos, abordando o contexto digital em que estes gêneros estão inseridos. Para tanto, dividiremos o capítulo em três blocos. No primeiro, caracterizaremos a esfera eletrônica, mostrando o conceito de *ciberespaço* como origem da noção de *cibercultura* para, em seguida, diferenciarmos *Internet* de *Web*, a fim de elucidar a confusão que, comumente, se faz entre os dois termos. Na sequência, discutiremos questões relativas ao hipertexto, como o letramento digital e os novos gêneros. Para encerrar este bloco, apresentaremos um sumário histórico dos *chats* seguido de sua classificação.

No segundo bloco, faremos algumas incursões pelas pesquisas já realizadas a respeito dos gêneros desta esfera de comunicação, destacando pontos relevantes para o nosso estudo. Primeiramente, apresentaremos os estudos estrangeiros para, em seguida, discutirmos os estudos brasileiros. Estes últimos, por se diversificarem teoricamente, serão divididos, de acordo com a base epistemológica seguida por seus autores. Assim, teremos pesquisas do primeiro grupo (Análise da Conversação), do segundo grupo (Linguística Aplicada) e do terceiro grupo (Análise de Gêneros).

Em conclusão deste capítulo, trataremos, ainda, das questões terminológicas relativas ao nosso objeto de pesquisa. Discutiremos as designações dadas aos *chats* por diferentes autores para mostrar, por exemplo, que algumas nomeações minimizam a

complexidade do referido gênero quando este acontece via *Web*. Finalizaremos, propondo uma terminologia que justifique a análise que faremos neste trabalho.

2.1. A ESFERA ELETRÔNICA

2.1.1. O CIBERESPAÇO

Segundo Lévy (2000), o termo ciberespaço tem origem na ficção do romance *Neuromante*, publicado em 1984 pelo escritor norte-americano William Gibson. Esse termo foi criado para designar uma espécie de um espaço sem geografia. O ambiente inusitado é chamado pelo autor de *ciberespaço*, o qual, no romance, corresponde ao cenário onde se conflituam as multinacionais motivadas pelo desejo de invadir as *fortalezas secretas de informação*, isto é, o universo formado pelas redes de computadores. Este universo é similar a um cofre virtual onde as multinacionais guardam dados e informações relevantes. Na ficção, esse *ciberespaço* pode ser “visitado fisicamente” por algum herói que, uma vez inserido no cenário, passa a viver as mais inusitadas aventuras.

O termo logo foi adotado e incorporado ao léxico dos usuários e dos estudiosos das Redes Digitais. Lévy (2000), por exemplo, define *o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela intercomunicação mundial dos computadores* (p. 92). No entanto, pode parecer esdrúxulo, à primeira vista, o fato de associarmos a um espaço constituído por *hardwares*, *softwares* e outros aparatos técnicos a idéia de cultura, já que, segundo a visão de Geertz (1989: 61), *sem os homens certamente não haveria cultura*.

Entretanto, não podemos esquecer que as máquinas e os programas são criações dos homens, talvez por isso, Ianni (2001: 16) considera que as *culturas e civilizações* [sejam] *atravessadas [...] pela eletrônica*. Xavier (2002: 44) mostra alguns dos exemplos capazes de ilustrar um movimento social muito intenso na esfera eletrônica: a utilização de caixas eletrônicas, a manipulação da TV, do vídeo e do DVD pelo controle remoto, o uso do telefone celular até o exemplo mais prototípico de prática social perpassada pela cultura eletrônica, que é o acesso à *Internet*.

O ciberespaço, no mesmo sentido comentado acima, por “interfacear” seres humanos entre si, *hardwares* com *softwares*, seres humanos com *hardwares* e *softwares*, provoca uma cultura muito especial. Lévy (2000) a chama de *cibercultura*, Marcuschi (2002) e Ianni (2001) chamam-na de *cultura eletrônica*. Se existe uma cultura desenvolvida neste contexto, ou seja, se homens, máquinas e programas computacionais interagem, então podemos definir cibercultura como as práticas sociais vividas nesse *ciberespaço* de interação. Tais práticas, contudo, não surgiram prontas e definidas como as que exemplificamos acima, sendo preciso todo um processo de descobertas de *softwares* e outros recursos técnicos que pudessem propiciar o que vemos hoje.

2.1.2. INTERNET OU WEB?

Comumente estes dois termos são confundidos e, na maioria das vezes, são entendidos como sinônimos. Cumpre, então, a esta sessão delimitar os dois conceitos, a fim de justificarmos o perfil que faremos dos *chats*.

A *Internet* nasceu em 1969 nos Estados Unidos para interligar, originariamente, laboratórios de pesquisas. Nesta época, era conhecida por ARPAnet¹⁰. O termo *Internet* é resultado da ampliação da tecnologia da ARPAnet ao conectar, além dos laboratórios, as universidades americanas e, posteriormente, instituições do mundo inteiro.

Inicialmente, a *Internet* possibilitava, somente, a troca de banco de dados e dispositivos gráficos entre os pesquisadores, mas, logo em seguida, descobre-se que a Rede de computadores, também, permitia a cooperação verbal, surgindo, desta maneira, o uso do correio eletrônico. Hoje, a *Internet* é a soma de mais de 40 mil redes espalhadas pelo mundo que, graças ao conjunto de regras do chamado protocolo TCP/IP (*Transmission Control Protocol/Internet Protocol*), podem se comunicar entre si. Entre estas redes existe a *Web*, a que mais cresce no mundo todo, sendo a responsável pela popularização da *Internet*.

A rede *World Wide Web* ou, simplesmente, a *Web* é bem mais recente do que a *Internet* (conjunto de todas as redes) e, como veremos, do que o *chat*. Ela foi criada em

¹⁰ Para verificar um estudo sobre a origem da *Internet* sugerimos as *home pages* <http://www.crystalnet.com.br/inter10.html> , <http://www.uol.com.br/mundodigital/beaba/manual.htm> e, finalmente, <http://www.aisa.com.br/oquee.html>.

1991, na Suíça, por Tim Berners-Lee e, originariamente, servia para fazer a conexão entre os computadores das instituições de pesquisa com o propósito de dinamizar e facilitar o acesso.

A idéia era fazer com que importantes documentos científicos fossem *hiperlinkados*, ou seja, ligados entre si em um mesmo suporte, e ganhassem uma roupagem dinâmica, possibilitando um acesso fácil e rápido. A criação do *Mosaic*, um programa que facilitava o acesso em ambiente como o *Windows*, foi o que alavancou o crescimento e a propagação desta Rede, fazendo com que se destacasse entre as outras da *Internet*. A idéia de construir páginas eletrônicas foi tão aceita que não demorou muito a ganhar adeptos em todo o mundo¹¹. Hoje já se tornou trivial a criação das *home pages*. É comum encontrarmos muitas páginas pessoais ou institucionais espalhadas pela Rede. Este crescimento só foi possível porque o *Windows* é um ambiente gráfico que possibilita o funcionamento de texto (*Word*), imagem (*Power Point*) e som (*CD Player*), entre outros recursos e aplicativos.

A *Web* funciona através de seu próprio protocolo HTTP da expressão *Hipertext Transfer Protocol* ou protocolo de transferência de hipertexto, sigla que aparece em todos os endereços da Rede. Como se vê, a grande marca da *Web* é o hipertexto com toda sua riqueza semiótica e dinamicidade (Demétrio 2001: 35). Assim sendo, quando textos, imagens e sons se interligam formam um hiperdocumento (Lévy, 2000) que pode ser acessado a qualquer momento e de qualquer lugar, basta que se tenham as condições técnicas para isto e os endereços eletrônicos que permitem a circulação das informações.

Há dois aspectos relevantes para que se compreenda o endereço eletrônico¹². O primeiro é relativo ao endereço de caráter pessoal (o *e-mail*), cuja formação obedece a seguinte ordem: o nome do dono do endereço, seguido do símbolo @ (lê-se arroba), o nome do provedor de acesso e de sua natureza, acrescido da abreviação indicadora do país¹³. O segundo, diz respeito à composição do endereço de uma *home page*. Este

¹¹ No Brasil existem *sites* que facilitam a criação de *home pages* pessoais de maneira gratuita como por exemplo o <http://www.hpg.com.br>.

¹² Autores, como Marcuschi (2002a), têm afirmado que o endereço eletrônico é um dos gêneros do discurso eletrônico. Assim se expressa o autor: *entre os gêneros mais conhecidos e que vêm sendo estudados podemos situar pelo menos estes: e-mail, bate-papo virtual em aberto (...) endereço eletrônico* (pp. 11-12).

¹³ Esta composição é válida também para *e-mails* de empresas e instituições.

segue o protocolo próprio da *Web* que é o <http>, seguido de dois pontos e duas barras, da sigla *www* (para indicar a *Web*), o nome da *home page*, seguida da explicitação da natureza que pode ser: **com** – comercial; **org** – organização não-lucrativa; **mil** – militar; **net** – rede e **gov** – governamental. Finalmente, a menção ao país como, por exemplo, **br** para endereços brasileiros, **fr** para endereços franceses, **it** para os italianos e assim sucessivamente.

Há, entretanto, uma curiosidade em relação aos endereços eletrônicos usados nos EUA¹⁴. Estes não apresentam a sigla indicando o país, encerrando-se na natureza do provedor, geralmente de caráter comercial. Contudo, esta característica não está fixada, apenas, a endereços americanos, haja vista existirem, por exemplo, provedores brasileiros, como o <http://www.globo.com> ou ingleses, como o <http://www.hotmail.com>, os quais não apresentam as siglas que indicam o país de origem.

Como se pode ver, além de ser um hiperdocumento de autor coletivo (Ramal, 2000), a *Web* também tem-se manifestado como um espaço novo de interação humana, cuja comunicação se dá *de uma maneira infinitamente mais ampliada e mais complexa* (Lévy, 2000: 14), através de muitos serviços e comunidades virtuais que se formam em torno de objetivos e propósitos comuns. Isto significa que o hipertexto passa a ser um espaço de enunciação digital, no sentido que lhe confere Xavier (2002).

2.1.3. HIPERTEXTO: LETRAMENTO DIGITAL E NOVOS GÊNEROS

O hipertexto tem atraído a atenção de muitos autores, de modo que a discussão acadêmica acerca do assunto já é bastante acirrada. Lendo McKnight *et al* (1991), verifica-se a existência de autores como Beeman *et al* (1987)¹⁵ que defendem que o hipertexto trará um desenvolvimento substancial para educação, e outros como Marchionini & Shneiderman (1988)¹⁶, cujas idéias sustentam que *a aplicação de*

¹⁴ Para maiores detalhes, consulte-se a página <http://www.uol.com.br/mundodigital/beaba/manual.html>

¹⁵ BEEMAN, W. O. *et al*. Hypertext and pluralism: from lineal to non-lineal thinking. *Proceedings of Hypertext' 87*. University of North Carolina, Chapel Hill. 1987. pp. 67-88.

¹⁶ MARCHIONINI, G. & SHNEIDERMAN, B. Finding facts versus browsing knowledge in hypertext systems. *Computer*. January, 1988. pp. 70-80.

computadores [na educação, por exemplo,] aperfeiçoará a performance cognitiva, mudando o modo de pensarmos (McKnight et al, 1991: 06).

Xavier (2002), em sua tese de doutoramento, também elenca uma série de autores que segue uma perspectiva similar (Cf. Landow, 1992; Tumam, 1992; Lanhan, 1993;)¹⁷. Sendo o hipertexto complexo, e relativamente novo, é natural que a posição de uns seja de deslumbramento e de outros seja de moderação (Snyder, 1998; Burbules, 1998). Enquanto os primeiros vêem o hipertexto como o caminho certo para a trans e a interdisciplinaridade, os últimos têm observado e estudado o hipertexto como um meio de informação, ou, nas palavras de Snyder (1998: 126), *uma estrutura composta por blocos de textos conectados por links eletrônicos, os quais oferecem diferentes caminhos para os usuários*. No bojo desse debate, há quem defenda, como é o caso de McKnight et al, (1991) que *o hipertexto deveria ser visto como o próximo estágio na evolução das tecnologias de comunicação e como um possível agente de um aumento em nossa sofisticação intelectual e tecnológica* (p. 06).

No Brasil, a Lingüística Textual tem buscado adotar, também, uma postura de moderação (Cf. Xavier 1999, 1999a, 2001, 2002; Marcuschi, 2000, 2000b; Koch, 2002). Marcuschi (2000), por exemplo, acredita que *as visões eufóricas e deslumbradas sobre as potencialidades do hipertexto, mesmo estando ele na sua infância, têm sido desmesuradas*. Este autor julga perigosas as visões sobre o hipertexto na educação e, por isso, dá destaque ao *grande risco de banalização do hipertexto não só na sua concepção e uso, mas no seu emprego indevido no próprio ensino*. [O autor crer] *que é na educação e confecção de softwares hipertextuais para o ensino que mora o perigo maior* (p.02).

Em Marcuschi (2000), a caracterização do hipertexto não se reduz à não-linearidade, a qual é questionada como “eixo definidor de hipertexto”. Um texto impresso também apresenta uma estrutura hipertextual se se considerar a não-linearidade como critério de análise. Basta que se atente para os recursos, como as notas de rodapé, os gráficos, os índices e outros que tiram o leitor da seqüencialização da atividade de leitura. Seguindo, então, a proposta de autores como Snyder (1998),

¹⁷ LANDOW, G. *Hipertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory*. Baltimore and London: John Hopkins University Press, 1992. / TUMAM, M. *Literacy online: the promise (and peril) of reading and writing with computers*. London: University of Pittsburgh Press, 1992. / LANHAN, R. *The electronic word: democracy, technology and arts*. Chicago Press, 1993.

Burbules (1998), entre outros, Marcuschi (2000) considera como elementos básicos e como critérios mais pertinentes de caracterização hipertextual os *links* e os *nós* textuais que se escondem atrás deles.

Parece que o ponto de maior divergência entre o texto impresso e o hipertexto, no que concerne às orientações dadas ao leitor, é que naquele o leitor tem uma atitude mais passiva, quando precisa seguir, pelo menos *a priori*, a rigidez da linearidade e da seqüencialização do texto, enquanto que neste, o hiperleitor (para usar o termo de Xavier, 1999a) rompe com essa postura, construindo, ele próprio, os caminhos da hiperleitura no uso dos elementos hipercoesivos (os *links*) do hipertexto. Este fato também é observado por Lévy (2001) quando afirma que

o suporte digital apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó a outro, fazem-se nele com grande rapidez, da ordem de segundos (p. 44).

É preciso, no entanto, dizer que os *links* também não podem ser reduzidos a veículos que servem, apenas, de condução do *internauta* de um nó a outro ou de um local a outro dentro do *ciberespaço*. Por detrás do ato de clicar está o que Burbules (1998) chama de *movimentos retóricos* e Xavier (2001) chama de *uma forma digital de fazer referência*, pois os *links* não são apenas *engenhocas digitais* com mera função estética dentro da *home page*, isto é, não são vazios de sentido.

Ainda que todos tenham em comum o ato do *clik*, os *links* se diferenciam nas distintas relações sêmicas que estabelecem dentro do hipertexto. Burbules defende que *o link é a estrutura elementar que representa um hipertexto como uma teia sêmica de relações de significados* (p. 105). O fato de Burbules afirmar que os *links* são instrumentos de retórica, deve-se à associação que o autor faz dos interconectores às figuras de retórica como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, a hipérbole, etc. São do autor as seguintes palavras:

estou usando a linguagem dos tropos [...] para descrever tipos de links, a fim de ressaltar sua variedade e significação não neutra. Quero mostrar que os links, como movimentos retóricos, podem ser

avaliados e questionados por sua relevância. Eles implicam escolhas, revelam suposições (Burbules, 1998: 110).

Não iremos fazer aqui uma descrição desses *links*, como o faz Marcuschi (2000) ao resenhar Burbules. Nosso objetivo é, tão somente, o de mostrar como esses autores (Snyder, 1988; Burbules, 1998; Marcuschi, 2000) compreendem a dinamicidade da natureza hipertextual e de como não elegem a não-linearidade como critério-mor de hipertextualidade, ainda que essa deva ser vista como o caminho que o *internauta*, no caso do *hipertexto internetiano*, escolhe no ato do *clik*.

Como vimos, tais autores têm legado ao *link* vários valores, entre estes o de caracterizar e definir o hipertexto. Faz-se necessário, no entanto, que reflitamos um pouco mais sobre o eixo definidor da hipertextualidade. Parece que tal definição anda longe de encerrar um consenso entre os pesquisadores. Snyder (1998: 126), por exemplo, mostra que o som, a imagem (com ou sem animações) e a escrita são considerados partes constitutivas da estrutura hipertextual. Estas linguagens (som, imagem e escrita), também chamadas de hipermídia (Cf. Demétrio, 2000), amalgamadas em um mesmo suporte (a tela do computador)¹⁸, são consideradas por Xavier (2002) como um *modo de enunciação digital*, cuja representação se dá pelo que o autor designa de *equação enunciativa*, como evidencia a figura 01.

FIGURA 01

| |
|--|
| TEXTO + IMAGEM + SOM = HIPERTEXTO \implies MODO DE ENUNCIÇÃO DIGITAL |
|--|

Fonte: Xavier, 2002: 110

Observa-se, na figura 01, acima, que a noção de hipertexto, adotada pelo autor, não se prende, somente, a não-seqüencialidade da/na hiperleitura, nem tampouco se restringe aos *links* e aos nós textuais, mas diz respeito, também, à reunião das várias

¹⁸ Ressaltamos que para Xavier (2002) a tela do computador e não o hipertexto [e seus gêneros] é o suporte. Tal perspectiva é também assumida nesta Dissertação.

mídias, as quais são indispensáveis, segundo a pesquisa de Xavier (2002), para tornarem o hipertexto envolvente, além de lhe ampliarem o sentido¹⁹.

Esta noção de hipertextualidade assume singular importância em nossa pesquisa por duas razões. A primeira delas reside no fato de Xavier (2002) conceber o hipertexto a partir da coexistência da multissemiose que se instaura através das linguagens da escrita, da imagem e do som. A segunda razão, imediatamente correlata à primeira, centra-se na noção de *enunciação digital*, cujo alicerce se dá, de acordo com o autor, *pela integração das várias mídia (verbo-auditivo-visual)* (Xavier, 2002: 105). Conclui-se que, sendo *um modo de enunciação digital*, o hipertexto gera gêneros hipertextuais²⁰, os quais comungam de suas características, como, por exemplo, o *chat* na *Web*, objeto da presente pesquisa.

A expressão “hipertexto internetiano”, usada por Marcuschi (2000b), sugere que existem outros tipos de hipertexto, tais como os vendidos em qualquer banca de jornais em forma de CDs. Interessa-nos o hipertexto localizado em *um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si* (Lévy, 2000: 44). Xavier (2002) comunga da mesma finalidade quando salienta para seu leitor:

consideramos Hipertextos apenas os dispositivos “textuais” digitais multimodais e semiolingüísticos (dotados de elementos verbais, imagéticos e sonoros) que estejam *on-line*, isto é, os que estejam indexados à *Internet*, reticuladamente interligados entre si e que possuam um domínio URL ou endereço eletrônico, na *World Wide Web* (p. 26).

Em nosso caso, interessamo-nos por este hipertexto porque gera as comunidades virtuais e os gêneros que emergem da prática dessas comunidades, criando, inevitavelmente, uma *cibercultura* (Lévy, 2000), conforme já mostrado acima, pois as

¹⁹ Quando perguntados sobre a participação das imagens, ícones, animações e efeitos sonoros na construção do sentido geral do Hipertexto, os hiperleitores apresentaram respostas muito interessantes. 40% responderam que a presença desses recursos **amplia o sentido** (...) e 75% de todos os participantes da enquete disseram que **a as imagens, animações e sons tornam o Hipertexto mais envolvente, claro e interativo** (Xavier, 2002: 100 [grifos do autor]).

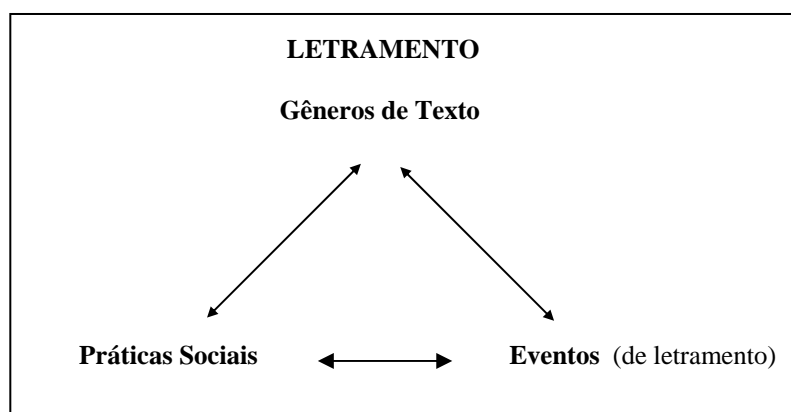
²⁰ Acerca desta questão, remetemos o leitor a Costa (2000: 44), o qual afirma que *o uso da Internet [é] responsável pelo surgimento de novos gêneros (hiper)textuais (Chat, e-mail, fórum, home page), ligados à interatividade verbal e, conseqüentemente, se torna responsável por novas formas e/ou funções de leitura e escrita.*

pessoas que passaram a ser usuárias de hipertexto começaram a somar suas vozes na polifonia que se instaura na complexa esfera de comunicação que é a *Web*, de maneira que se inserir, com sucesso, nesse novo comportamento lingüístico é, para Xavier (2002), uma questão de letramento digital, já que somente ao letrado alfabético é permitido o manuseio dos recursos hipertextuais para navegar, co-escrever (especialmente no caso dos *chats*, fóruns eletrônicos, listas de discussão, etc) e participar do hipertexto.

A necessidade de um “letramento digital”, apontada por Xavier (2002), não se impõe como um novo paradigma a ser seguido, mas se configura como um tipo de letramento, ao qual os indivíduos vão aderir ou não, por uma questão de necessidade. Se o letramento é contextualizado, então é razoável afirmar, na perspectiva deste autor, que somente as necessidades poderão persuadir o indivíduo a adotar um tipo ou os tipos de letramento que melhor se adequem à sua realidade de práticas sociais.

Segundo argumenta Xavier (2002), essas relações sociais passam a ser desenvolvidas por meio de gêneros textuais, a fim de poder dar corpo à comunicação, de modo que as práticas sociais e os eventos de letramento passam a ser intermediados pelos gêneros de texto. A figura 02, a seguir, dada pelo autor, evidencia que as partes, envolvidas neste jogo, estão numa situação de interdependência:

FIGURA 02



Fonte: Xavier, 2002: 59

Observa-se, no *trivium*, acima, que as práticas sociais e os eventos de letramento se inter-relacionam, de modo que os gêneros ficam no topo, como mediadores. O esquema sugere, ainda, que as partes estão numa disposição circular para, juntas, darem suporte à interação. O que se percebe é que Xavier postula que a *Web*, do mesmo modo que as outras esferas de comunicação, contribui para a emergência de novos gêneros, a fim de que estes sirvam de intermédio entre as novas práticas sociais e o tipo de letramento digital.

A existência, em tempo real, de bate-papos por escrito, fóruns eletrônicos de discussão, comunidades virtuais, correio e postagem de mensagens eletronicamente (e-mails), simultaneidade de textos, sons e imagens dividindo um mesmo espaço de interpretação (Hipertexto) são modos de enunciação digital (tese central que defendemos neste trabalho) que reivindicam competências outras, geram eventos de letramento sofisticados e demandam gêneros textuais próprios que precisam ser sistematizados, para serem bem compreendidos e utilizados. As condições sócio-culturais e tecnológicas estão se colocando rapidamente no cenário universal de maneira a favorecer o florescimento do letramento digital, que começa a fazer verdadeiro sentido na vida real daqueles que dele têm-se utilizado, manifestando modificações explícitas em suas atitudes lingüísticas, cognitivas e interacionais (Xavier, 2002: 61).

Como é comum no hipertexto, para se chegar a qualquer ponto do *ciberespaço*, o usuário, inevitavelmente, passará pelo famoso “evento *clik*” em um *link*, ou seja, o manuseio do *mouse*. No caso do hipertexto internetiano, entretanto, por detrás de um *link* não só se escondem, por exemplo, os *nós* textuais e as *home pages*, mas em muitos casos está um grupo muito numeroso de pessoas em plena interação. São as chamadas salas de *chat* ou bate-papo virtual, as quais abrigam uma prática de linguagem escrita recheada de marcas de oralidade e revestida de elementos complexificados que são dados pela tecnologia do provedor, conferindo uma nova reconfiguração à conversação. São os recursos hipertextuais que, por imitarem os *movimentos retóricos* dos *links* (Burbules, 1998), entram como parte constitutiva do gênero *chat* e de outros provenientes da mesma esfera.

Nesta perspectiva, assumimos a terminologia *gênero hipertextual* por compreendermos que o *chat*, além de partilhar do mesmo espaço hipertextual, assume, também, características próprias deste espaço, como a intersemiose marcada pelo som, imagem e escrita. Estes elementos complexificam a conversação em um suporte digital, a tela do computador, por esta razão, acreditamos que tais elementos imprimam regularidades no *chat*. Além disso, essas características impõem restrições específicas de uso e reclamam de seus usuários um mínimo de letramento digital, uma vez que, adicionados às falas tecladas, estarão os elementos hipertextuais, a fim de que as escolhas lingüísticas, que marcam essa prática linguajeira, possam acontecer.

Esse letramento começa na escolha do *nickname*²¹ ao qual será endereçada a mensagem, na forma de tomar o turno, no tipo de som que será enviado (beijo, assobio, sussurro, etc), no tipo de imagem e de *emoticons*²² que podem entrar nas “falas”, entre outras. É preciso dizer que essas escolhas são projetadas na tela, juntamente, com outras marcas automáticas, permitindo, assim, a descoberta de algumas regularidades desse gênero, conforme será mostrado no capítulo 04.

A seguir, recuperaremos o histórico dos *chats*, de modo que a distinção feita, no item 2.1.2, entre *Internet* e *Web* e a discussão apresentada sobre o hipertexto possam ser úteis para o entendimento da discussão que pretendemos apresentar após o histórico.

2.1.4. HISTÓRICO DOS CHATS

A conversação em tempo real, na *Internet*, é tão recente quanto os estudos que se fizeram a respeito dela. A origem do IRC²³, uma espécie de acrônimo para *Internet Relay Chat*, é finlandesa. Esta interação *on-line* nasceu dentro de uma Instituição Acadêmica, quando o finlandês Jarkko “Wiz” Oikarinen, membro do Departamento de Informação e Processamento do Conhecimento da Universidade de Oulu, escreveu o primeiro IRC. O primeiro cliente, ou o primeiro programa de IRC, foi escrito com o

²¹ Apelido escolhido pelos *internautas* para iniciar a interação nos bate-papos virtuais. Ver sessão 5.5.3 e anexo 02.

²² Do inglês *emotin* + *icons* ou ícones de emoção. São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes de *chat* utilizam para expressarem emoções durante a conversação. Ver mais detalhes no capítulo 04 e no anexo 03.

²³ Vale a pena verificar a *History of IRC (Internet Relay Chat)* na *home page* <http://damiel.haxx.se/irchistory.html>

intuito de fazer migrar as notícias que vinculavam pelo BBS²⁴ de sua rede pessoal, a tolsum.oulu.fi, para uma interação de caráter conversacional que ocorresse em tempo real. Isto se deu, exatamente, no verão de 1988.

Em pouquíssimo tempo, o *chat* se espalhava pelo mundo e começava a entrar na *Internet*, propiciando um avanço considerável, pois em 1989 já havia 40 servidores em conexão pelo mundo inteiro. Até esse momento, os usuários precisavam dispor de uma senha que os ligasse a um dos servidores do IRC, caso quisessem viver a experiência de conversar, em tempo real, com muitas pessoas ao mesmo tempo, usando o computador como canal.

Porém, a partir de agosto de 1990, com a criação do servidor eris.berkeley.edu, ocorreu uma grande mudança, pois este servidor permitia que outras pessoas tivessem acesso aos IRCs sem precisar de senha. Nesse período, o IRC não tinha mais um número limitado de participantes, podendo comportar muita gente na atividade de interação em Rede.

Os *chats* ficaram, mundialmente, famosos devido a eventos históricos²⁵. Basta que se recorde a guerra do Golfo Pérsico, em 1991, quando muitos documentos começaram a circular pela *Internet*, despertando a curiosidade dos frequentadores dos *chats* que se reuniam em um único canal de IRC para discutir sobre o tópico “guerra”. Ainda podemos citar o movimento social, ocorrido em Moscou, contra Boris Yeltsin em 1993, o qual levou muitos russos a dar seus depoimentos nos canais de *chat* sobre a questão, além do grande terremoto de Kobe, no Japão, em 1994 e do assassinato de Ytzahak Rabin, em 1995.

Tais acontecimentos foram um marco para os *chats*, que se tornaram uma grande *ferramenta* de comunicação, no sentido defendido por Scheneuwly (1994). Estes encantavam por ser capaz de propiciar interação, entre muitas pessoas, em tempo real, através de um computador e, depois, porque a descoberta deste espaço fez com que os *softwares*, criados para promover a comunicação intermediada pelo computador, fossem se sofisticando cada vez mais.

²⁴ *Sistemas onde um computador central, equipado com diversos modems, serve como base para troca de informações entre os usuários que acessarem o BBS a partir de seus computadores pessoais* (Lévy, 2000: 251), assemelhando-se ao correio eletrônico.

²⁵ Para maiores detalhes sobre os eventos históricos, consultem-se as seguintes *home pages* <http://www.aisa.com.br> e <http://www.uol.com.br/mundodigital/manual.html>

Assim, foram surgindo versões cada vez mais sofisticadas de modo que, atualmente, os *chats* têm-se proliferado em grande escala, tornando-se, como observa Fonseca (2002), mais um excelente meio de comunicação entre as pessoas, com crescente riqueza de recursos, dependendo dos programas que utilizem. Adicione-se, ainda, a vantagem de se acessar uma sala de *chat* com um custo de uma ligação telefônica local.

2.1.5. TIPOS DE CHATS

Como vimos na sessão 2.1.3, três anos antes de existir a *Web* já existiam os *chats*. Enquanto estes surgiram no verão de 1988, o sistema de hipermídia *World Wide Web* surgiu em 1991. Isto implica no fato de que na *Internet* existem três maneiras de interagir numa conversação em tempo real, a saber: o IRC, o ICQ e o *chat* na *Web*, do qual se ocupou esta pesquisa. Estes tipos serão caracterizados, de maneira sumária, a fim de que possamos localizar nosso objeto de estudo. A classificação será, posteriormente, discutida, no item 2.3, à luz do que pensam autores como Fonseca (2001; 2002), Paiva (2001), Nader (2001), Marcuschi (2002) e Abreu (2002).

O IRC²⁶ é um programa que se conecta à Rede mundial de computadores, permitindo a interação *on-line*. O acesso ao IRC é condicionado à instalação de um cliente no computador de quem se interessar em adquiri-lo. Evidentemente, além da instalação do *software*, o usuário deverá dispor de um servidor, a fim de que se efetive a conexão. Nestes tipos de *chats*, o acesso à imagem é condicionado ao uso do *scanner* acoplado ao computador do usuário. As imagens enviadas não aparecem na mesma tela em que ocorre a conversação, mas em arquivos separados. Além deste recurso limitado, o usuário poderá desenhar ícones de emoção, combinando caracteres do teclado do computador para gerar e enviar os *emoticons*. No geral, podemos dizer que este *chat* acontece muito mais pela via escrita do que por outros recursos semióticos.

O ICQ foi desenvolvido pela empresa israelense chamada Mirabilis (Demétrio, 2001) e é um tipo de *chat*, cuja utilização, assim como o IRC, também, depende da instalação de um programa próprio²⁷ no computador do usuário. Durante a instalação, o

²⁶ Nader (2001) aponta para excelentes clientes de IRC como mIRC, pIRCh, vIRC e o InteRfaCe. Destaca os servidores BrasIRC e o BRASnet por operarem em língua portuguesa.

²⁷ Para maiores detalhes, sugerimos a *home page* (em inglês) <http://www.icq.com/> ou a *home page* (em português) <http://www.icq.com.br/>.

programa orienta o usuário para o registro através de um número. Será por este número que os adeptos do ICQ se buscarão pela *Internet*, justificando, assim, o nome do *chat*. A sigla **ICQ** é alusão à pronúncia da expressão inglesa *I seek you* (**aiciqiu**), cuja tradução seria “eu procuro você”. As letras **i**, **c** e **q** passaram a denominar este tipo de *chat*. O ICQ foi o primeiro *chat* a possibilitar que o usuário organizasse uma lista de amigos, de modo que, todas as vezes que estes estivessem *on-line*, o sistema, automaticamente, o avisasse, possibilitando, caso quisessem os interagentes, conversar em tempo real.

Dito de uma outra maneira, todas as vezes que o usuário se conectar à *Internet*, o sistema rastreia os amigos listados. Pode acontecer que, ao se conectar, o usuário perceba que nenhum dos amigos da lista esteja conectado. Mas isto não o impedirá de tentar uma interação, basta clicar com o *mouse* em cima do *nickname* que lhe interessa, para que uma janela se abra, permitindo-lhe deixar uma mensagem escrita. Como se vê, essa natureza conversacional pode ser síncrona e assíncrona. Por esta razão, Marcuschi (2002) classifica-o de **bate-papo virtual agendado**.

Além destes, no Universo *On-line* também já despontam os *Worlds Chat*²⁸ e o *WebChat Broadcasting System*. Os *Worlds Chat* acontecem em um ambiente tridimensional semelhante aos cenários de jogos dos *videogames*. Por esta razão, é necessário que se instale um programa especial. O *WebChat Broadcasting System* funciona nas páginas da *Web*, em forma de texto, podendo-se anexar fotos dos participantes para ornamentar as páginas de conversação. Também, faz-se necessário que um *software* especial seja instalado no computador, a fim de que este *chat* possa funcionar. Vale a ressalva de que, por dependerem da instalação de programas especiais, estes *chats* não têm tantos usuários como os que funcionam, diretamente, na *Web*.

Finalmente, os *chats* na *Web* representam a maneira mais acessível e, por isso mesmo, mais utilizada pelos usuários. Estes apresentam algumas vantagens bastante atrativas. Em primeiro lugar, não impõem, como requisito, a instalação de um programa no computador, bastando ao usuário, somente, a utilização de seu *navegador*²⁹. Estão imersos no contexto hipertextual da *Web*, compartilhando, deste modo, de sua riqueza

²⁸ Sugerimos o site <http://www.fulano.com.br> para maiores informações sobre estes *chats*.

²⁹ Programas gráficos ou paginadores utilizados para acessar a *Web*. O *Internet Explorer* e o *Netscape* são exemplos dos mais conhecidos e utilizados.

semiótica e de sua linguagem bastante envolvente, o que atrai muitos usuários. São muitos os *sites* que hospedam esses *chats*. Estes se proliferam numa velocidade espantosa e se organizam em várias categorias tais como **idades e regiões, sexo, idade, temas**, etc.

Todos estes *chats* podem ser operados com os recursos hipertextuais do som, da imagem e, logicamente, da escrita, sendo esta bastante peculiar. Excelentes exemplos de *chats* na *Web* são os oferecidos pelo provedor Universo *On-Line* (UOL). São mais de três mil salas de *chats* organizadas nas mais variadas categorias.

2.2. INCURSÕES PELOS PRINCIPAIS ESTUDOS

2.2.1 PESQUISAS SOBRE GÊNEROS ELETRÔNICOS NO EXTERIOR

São recentes os estudos sobre os gêneros eletrônicos. Na literatura em língua inglesa, autores como Erickson (2000), Yates (2000) e Crystal (2001) têm voltado olhares atentos para o discurso eletrônico³⁰. O primeiro autor discute e aplica a teoria de gênero em um sistema de interação desenhado, exclusivamente, para este fim, o segundo analisa a influência da escrita na sociedade, a partir da difusão da *Internet*, organizando os gêneros do meio digital em um *continuum* tipológico da relação fala/escrita, e, finalmente, o último dedica um longo capítulo de seu livro *Language and Internet* sobre os *chats*. Destes, discutiremos apenas os trabalhos de Erickson e Crystal por interessarem mais de perto ao nosso propósito. Vejamos, detalhadamente, em que consistem estes estudos e qual sua importância para o nosso.

Antes de discutir a aplicação da teoria de gênero à comunicação mediada por computador (CMC), Erickson (2000) se apóia em Miller (1984), Bazerman (1988) e Swales (1990) para mostrar como estes autores têm concebido a noção de gênero. A definição, abaixo, de acordo com Erickson, resume a forma pela qual os autores supracitados têm trabalhado.

³⁰ É interessante notar que certos autores, como Davis & Brewer (1997) e Jonsson (1997) preferiram o termo “discurso eletrônico” à expressão “comunicação mediada por computadores” (CMC) porque enquanto a última focaliza o canal por onde ocorrem estas interações, a primeira centra esforços no uso da língua que os usuários fazem para se comunicarem em Rede.

Um gênero é um modelo de comunicação criada por uma combinação de forças individuais, sociais e técnicas implícitas numa situação recorrente de comunicação. Um gênero estrutura a comunicação ao criar expectativas partilhadas sobre a forma e o conteúdo da interação, amenizando, assim, a carga de produção e interpretação (Erickson, 2000: 03).

Esta definição, segundo argumenta o autor, apresenta os caminhos atuais pelos quais trilham os estudiosos contemporâneos. Erickson mostra que o resumo é um exemplo de que os gêneros têm sua estrutura e propósito comunicativo delimitados a partir do contexto social. Para o autor, o texto curto do resumo (estrutura) e o conteúdo (que normalmente revela a área de conhecimento) facilitam a identificação de seu propósito comunicativo. A conclusão do autor é que tanto a estrutura quanto o propósito comunicativo do gênero resumo não são aspectos aleatórios, mas, respostas de uma combinação de forças técnicas, sociais e institucionais que circundam a comunidade discursiva que o produz, o consome e o faz circular.

Erickson (2000) faz toda essa discussão teórica para mostrar que a aplicação da teoria de gêneros ao contexto digital amplia as discussões devido às novas questões que surgem. Uma das questões mais importantes trata da maleabilidade que afeta a comunicação humana vivida nesta esfera. Segundo o autor, este universo discursivo imprime “fluidez” (p. 03) em seus gêneros, deixando-os mais maleáveis que aqueles impressos ou falados.

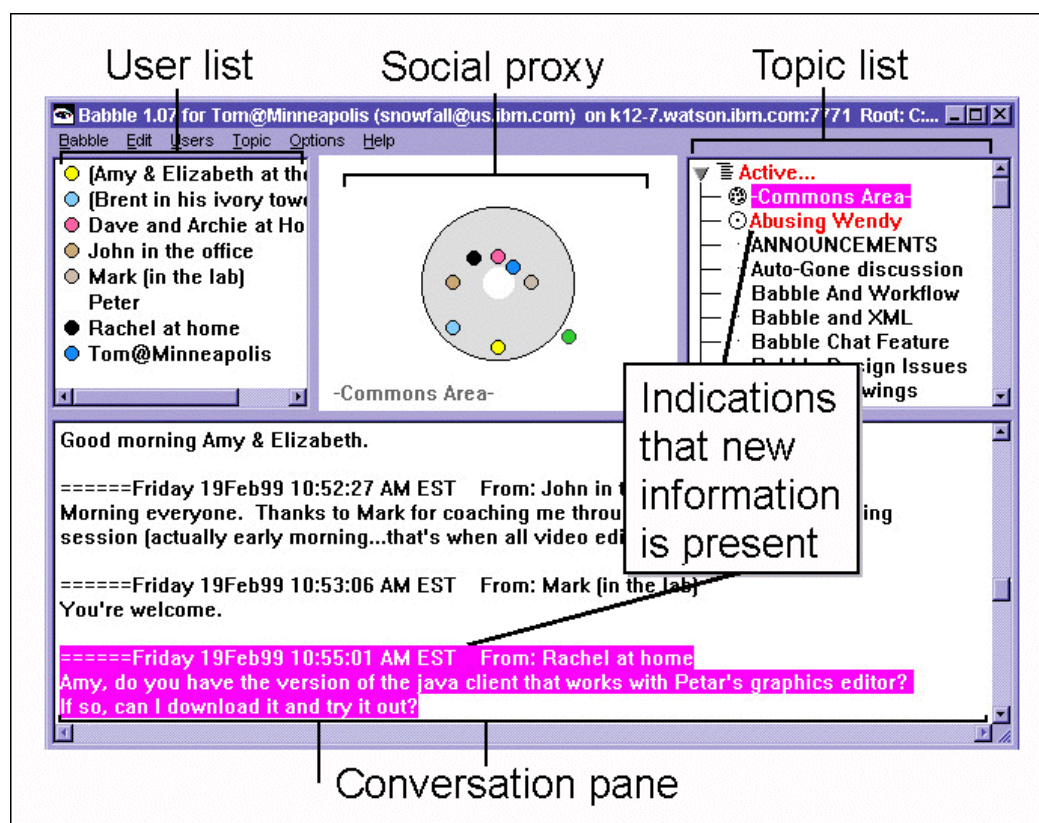
Erickson atesta que este fato tem despertado resistência por parte de alguns estudiosos como Bergquist & Ljungberg (1999)³¹, os quais assumem a maleabilidade dos *chats* como argumento contra a afirmação de que a conversação digital tenha características de gênero. Erickson (2000: 04), entretanto, reage a esta resistência dizendo que *muitos daqueles que utilizam a teoria norte-americana de gênero parecem preferir reservar a rubrica de gênero a modos de discurso bem estruturados, relativamente amplos, particularmente incorporados aos documentos*. Em um trabalho anterior, Erickson (1997: 04) defende que *a interação virtual tem o potencial de acelerar a evolução de novos gêneros* e, naturalmente, os procedimentos teórico-

³¹ "Genres in Action: Negotiating Genres in Practice." Proceedings of the Thirty Second Annual Hawaii International Conference on Systems Sciences (ed. R. Sprague), IEEE Press, 1999.

metodológicos se complexificam para abarcar o objeto que se configura como um gênero emergente.

Assim, Erickson (2000) discute e aplica a teoria de gênero em um sistema chamado BABBLE³², desenvolvido pelo autor. O nome do sistema se justifica graças a sua capacidade de comportar várias maneiras de interação, já que suporta conversações, síncronas e assíncronas, de um grupo formado por 19 pessoas em ambiente de trabalho. A maneira pela qual o sistema foi desenhado permite que o usuário visualize pistas relevantes a respeito de suas participações e presenças. A tela 01, abaixo, apresentada pelo autor, evidencia a organização deste sistema.

TELA 01
SISTEMA BABBLE



Fonte: Erickson, 2000: 05

Conforme pode ser observado na tela 01, seguindo o sentido horário das setas, o sistema BABBLE apresenta as seguintes pistas: uma lista de usuários; uma espécie de

³² Do inglês, podendo ser traduzido como “murmúrio” ou “muitas vozes”.

“buscador social”³³; uma lista de todos os tópicos que estão ou podem ser desenvolvidos e, por fim, uma *janela* onde ocorre o texto conversacional. Observa-se, ainda, que a lista de tópicos está interligada com a *janela* de conversação. Isto significa que ao clicar com o *mouse* sobre um tópico de sua escolha, o usuário terá sua “fala” sublinhada com a mesma cor que apareceu na escolha do tópico.

Conforme já mencionado, uma característica bastante notória deste sistema é que ele comporta desde as interações síncronas até as interações assíncronas, possibilitando ao usuário a vantagem de estar ou não presente, sem prejuízo do entendimento, uma vez que o(s) tópico(s) permanece(m) ali até que o usuário acesse o sistema de novo. Neste aspecto, a conversação se assemelha ao que Marcuschi (2002) chama de *bate-papo agendado* ou ICQ, haja vista a conversação, neste caso, acontecer tanto em tempo real quanto com defasagem de tempo.

É importante salientarmos, contudo, que o sistema BABBLE difere das salas de *chats* que têm proliferado pelos mais diversos provedores de acesso à *Internet*. Como bem observa Marcuschi (2002: 15), ao resenhar Erickson (2000), o BABBLE é um sistema muito *versátil e quase corporativo*, o que torna possível aos participantes interagir através de muitos gêneros. O próprio Erickson (2000) afirma que tal sistema é uma *ecologia de gêneros*. Esta noção se explica porque, de acordo com o autor, as conversações ocorridas ali não são exatamente gêneros, mas instâncias de gêneros, pois não assumem regularidades, já que o uso do sistema se dá por meio de *atividade relativamente síncrona cercada por uma constelação de conversações assíncronas* (p. 07).

A importância que o estudo de Erickson (2000) assume para o nosso reside no fato de que o autor, antes de caracterizar as conversações como instâncias de gênero, descreve, em telas, o contexto técnico e social onde elas acontecem. Percebem-se, nesta postura do autor, reflexos da posição adotada por Miller (1994) e Swales (1990). De acordo com Miller (1994: 24) a estrutura de um gênero está, intrinsecamente, imbricada à situação social. A autora acredita que as ações recorrentes acabam por se “estabilizarem”, de modo a se refletirem nos gêneros que organizam essas ações.

³³ Este buscador exibe quem está na conversação em andamento. As bolinhas coloridas dentro do círculo indicam quem está participando, de maneira que quando uma bolinha sai do círculo é porque um usuário sai da interação.

Igualmente, Swales (1990: 58) postula que o gênero está relacionado ao contexto de uso de uma comunidade discursiva. No entanto, não podemos esquecer de que quem primeiro atrelou o estudo de gênero ao contexto social foi Bakhtin (1997), conforme mostrado no capítulo 01.

Um outro autor norte-americano que também tem estudado a linguagem oriunda do meio eletrônico, conforme dito acima, é Crystal (2001). Referindo-se ao *chat*, este autor chama a atenção para o fato de que os grupos usuários deste gênero não se limitam a mera troca de informação, pura e simplesmente, mas vivem *uma interação pessoa-a-pessoa que é predominantemente social* (p. 168).

Segundo o autor, a linguagem desenvolvida no *chat* é *fascinating* por duas razões. A primeira diz respeito ao caráter primitivo da escrita, pois esta não passa por editores, revisores e críticos, mas se encontra *em seu estado puro, não editado, espontâneo* (p. 169), garantindo um rico material lingüístico para estudo; a segunda razão é que o *chat* assume uma profunda versatilidade lingüística, além de desenvolver, nas pessoas que se comunicam por este gênero, um senso de comunidade do discurso.

Como membros de uma comunidade, os usuários, segundo Crystal (2001: 161), assumem uma identidade de profundo *valor discursivo*, que é o *nickname*. Neste sentido, o autor sugere que se faça um levantamento dos *nicknames*, de acordo com a motivação discursiva que eles assumem. Marcuschi (2002: 23) realiza uma classificação desses apelidos, considerando os nomes ligados à tecnologia, à flora, à fauna, a personalidades famosas, à motivação erótica, etc. Em nosso estudo, os *nicknames* são estudados como identidades eletrônicas (Crystal, 2001), cuja elaboração é motivada por um “reinventar” da escrita, resultante da mescla de letras, símbolos e cifras, conforme mostraremos no item 5.5.3 e nos anexos 02.

Em relação às abreviações, Crystal (2002) as analisa como uma marca, genuinamente, lingüística deste gênero. Associa as formas abreviadas ao que ele chama de *pressão pragmática* (p. 134), já que a economia de caracteres representa a tentativa de ganhar tempo e de conversar de maneira clara, embora com contribuições curtas. Neste sentido, não seria divergente relacionarmos essa necessidade dos usuários ao que Grice (1982) chama de categoria de quantidade, a qual postula que a informação não deva ser mais nem menos do que se espera. Ora, o fluxo conversacional do *chat* é muito

intenso, de modo que os participantes, normalmente, não esperam e nem enviam turnos compridos. Crystal (2001: 156) diz que o envio de uma grande quantidade de informação não é algo desejado nem esperado pelos usuários de *chat*, de modo que todos assumem a abreviação como uma espécie de “contrato” de comunicação, no sentido apresentado em Maingueneau (1997: 30).

Como se percebe, os trabalhos de Erickson (2000) e Crystal (2001) assumem importância para o nosso. O primeiro, devido à descrição do contexto tecnológico e da caracterização de conversações de um grupo fixo que interage através do sistema já mencionado e o segundo, por compreender que o *chat* é um gênero, cuja linguagem desenvolve, nos usuários, senso de comunidade de discurso, uma vez que as escolhas lingüísticas como as abreviações, os *nicknames* e os *emoticons* são encarados como um contrato de comunicação que deve ser observado pelos participantes.

2.2.2. PESQUISAS SOBRE GÊNEROS ELETRÔNICOS NO BRASIL

Das pesquisas realizadas no Brasil, destacaremos aquelas que apresentam as contribuições mais relevantes para este estudo. Tais pesquisas podem ser divididas em três grupos: as que analisam o objeto à luz da Análise da Conversação (Cf. McCleary, 1996; Vellasco, 1999; Hilgert, 2001; Nader, 2001 e Fonseca, 2001), as que se situam no universo da Lingüística Aplicada (Cf. Lacombe, 2000; Gazeta, 2000; Souza, 2000; Paiva, 2001 e Fonseca, 2002) e, finalmente, as que estudam o objeto na perspectiva da Análise de Gêneros (Cf. Batista, 1998; Xavier & Santos, 2000 e 2000a; Komesu, 2001; Abreu, 2002; Araújo, 2002 e Marcuschi, 2002 e 2002a).

2.2.2.1 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

Embora McCleary (1996) se ocupe da lista de discussão, uma modalidade assíncrona de CMC, caracterizando-a a partir das marcas de oralidade que ponteam este discurso, julgamos pertinente observar as considerações que o autor faz a respeito das interações síncronas que ocorrem na *Internet*. Neste sentido, o nosso interesse se centra na discussão, apresentada pelo autor, sobre o IRC. Em relação a estas conversações, interessa-nos a descrição feita do contexto técnico. Segundo sua análise, o controle das

infinidades de janelas que o *internauta* julgar conveniente abrir, durante a sessão de *chat*, torna essa modalidade de comunicação bastante complexa (p. 31).

De acordo com McCleary (1996: 31), *a complexidade conversacional potencialmente supera até aquilo que um conversador hábil consegue administrar durante um coquetel animado*. Esta assertiva do autor se refere ao número de participantes do *chat* que, na maioria dos casos, é grande. Para conseguir falar com muitas pessoas, ao mesmo tempo, o usuário precisa controlar as muitas janelas que se abrem e se fecham, de acordo com os tópicos que esteja desenvolvendo, reservadamente, com outros usuários.

Para o autor, esta participação numerosa incide na troca e organização do turno, que se torna complexa. Os pares adjacentes, devido à rapidez com que se dá esta modalidade de CMC, não parecem mais adjacentes e o usuário deverá realizar as ligações coesivas mentalmente. Concomitante a isto, o autor salienta o uso das abreviações e dos *emoticons* como *um repertório grande de código para representar o não-verbal* e como pistas relevantes para manter a participação ativa dos usuários (p. 35).

Essas observações são importantes para nossa pesquisa por algumas razões. Em primeiro lugar, um dos objetivos que orientaram esta investigação foi o de descrever o contexto técnico, presentes nas telas do *chat*, para relacionar a complexa intersemiose gerada neste contexto à transmutação do diálogo cotidiano para a *Web*. Em segundo lugar, chamou-nos a atenção o fato de o autor considerar complexa esta atividade de interação, pois nos dá margem para seguir a proposta de Bakhtin (1997) sobre a formação dos gêneros. Além disso, a interpretação que McCleary (1996) faz das abreviações e dos *emoticons* se assemelham ao que fizemos nesta pesquisa. Dito de outra maneira, o que McCleary (1996: 29) aponta como *complexidade das conversações*, estudamos aqui como marcas de um novo gênero que surge como resultado das complexificações, pelas quais passam o diálogo cotidiano quando absorvido pela esfera em questão.

Velasco (1999) assume um enfoque teórico-metodológico da sociolinguística interacional para investigar os *provérbios e outras expressões populares* em uma lista de discussão. Embora se trate de uma análise de uma modalidade assíncrona de

comunicação, esta pesquisa, também, nos interessa na medida em que a autora observa as ocorrências de abreviações e *emoticons* em seu *corpus*. Como a pesquisa se serve dos conceitos da Análise da Conversação, as abreviações e *emoticons* são analisados como marcadores conversacionais, ainda que abreviações como *ves* [vocês] sejam entendidas, também, como *marca denotativa de pressa e informalidade* (p. 130). A conclusão de Vellasco (1999: 139) é que *o discurso internáutico [favorece] uma tecnologização da fala, que sustenta uma linguagem oral dependente da escrita*. Esta conclusão remonta a nossa hipótese central, segundo a qual o *chat* é um gênero do discurso gerado pela mudança de esfera do diálogo cotidiano, ou seja, o que a autora chama de *tecnologização da fala*, chamamos, neste trabalho, de *transmutação*, já que o *chat* é, de fato, um diálogo reformatado pelo contexto plurisemiótico da *Web*, na qual se cruzam escrita, som e imagem para imprimir, neste evento interativo, as marcas do novo gênero.

Para encerrar a discussão sobre as pesquisas deste primeiro grupo, passaremos agora a apresentar as três últimas, cujo objeto comum é o *chat*, investigado sob a perspectiva da Análise da Conversação. Contudo, o nosso interesse incide no tratamento que estes autores dão às formas abreviadas, aos *emoticons* e a outras características que são latentes neste tipo de interação virtual.

No trabalho de Hilgert (2001: 51), as formas abreviadas são interpretadas como *uma das marcas mais evidentes do gênero chat*. Segundo os resultados do autor, estas formas, em sua maioria, são formadas por um conjunto de letras que são reconhecidas pelo falante nativo da língua *por fazerem essas letras parte de sua constituição gráfica* (*idem*). Assim se expressa o autor: *em nosso corpus identificamos as seguintes abreviaturas: N (não), q (que), tb/tmb (também), vc (você), hj (hoje), blz (beleza), tc (teclar), td (tudo), pq (porque), kd (cadê)* (Hilgert, 2001: 51).

Esta citação nos leva a perceber que os *internautas* assumiram uma espécie de contrato de comunicação, segundo o qual é preciso reduzir o número de caracteres para interagir nas salas de bate-papo. As abreviações apresentadas por Hilgert (2001) não apresentam vogais em sua forma, restringindo-se às consoantes. Ao observar nosso *corpus* verificamos também muitas ocorrências similares, de modo que procuramos diferenciar, quantitativamente, as abreviações que excluem as vogais daquelas que as apresentam em sua forma, conforme se pode verificar no item 5.5.1.

Nader (2001), em relação ao *chat* dos canais de IRC, estudou as características lingüísticas, além da troca de turnos, da organização tópica e da identificação dos marcadores conversacionais. Centraremos atenção ao que a autora chama de *características lingüísticas* (p. 10) por ter uma relação mais direta com a proposta de nossa investigação. De acordo com Nader (2001: 50), as escolhas lingüísticas que aparecem no *chat* só podem ser compreendidas por quem possui *conhecimento sobre as salas de bate-papo*, haja vista, estas apresentarem um discurso permeado por abreviações, repetições de letras e de *emoticons*.

Em nosso estudo, apoiamo-nos em Bakhtin (1997: 302) para associar essas ocorrências às marcas próprias do gênero, pois *a comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos*. Além do mais, o fato de algumas pessoas estranharem as escolhas lingüísticas do *chat* pode, também, ser explicado se ancorarmos nosso argumento em Bakhtin (1997), pois segundo este autor

são muitas as pessoas que, dominando magnificamente a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não dominarem, na prática, as formas do gênero de uma dada esfera (p. 303).

Fonseca (2001) caracteriza a alocação de turnos em salas de *chat*. Baseando-se em Cherny (1999)³⁴, a autora aponta quatro características para o *chat*: a estrutura temporal, a granularidade da mensagem, o canal e a não estocagem de mensagem (p. 75). Destas características, interessam-nos a segunda e a terceira.

Em relação a granularidade, a autora mostra que os turnos longos não são constantes no *chat* porque *reduz[em] o ritmo da conversação, o que a torna menos interativa* (p. 76). Esta constatação de Fonseca (2001) vem ao encontro do nosso objetivo de identificar e classificar as abreviações como estilo do gênero e como opções lexicais da comunidade discursiva dos *Tananans*. Ora, se existem abreviações é porque os usuários não enviam e nem esperam turnos longos, portanto, tendem a observar a máxima da quantidade de Grice (1982).

³⁴ CHERNY, L. Conversation and community in a virtual Word. In. *Standfork*. Califórnia: CSLI Publications. pp. 149-199, 1999.

Quanto ao canal, a terceira característica, julgamos interessante o modo como a autora classifica os comandos dos atos ilocutórios. Segundo seu argumento, estes comandos, quando ativados, *procuram reproduzir sinais prosódicos, paraverbais e não verbais presentes nas interações face a face* (p. 77), além de assumirem *a função [de] alocar turnos* (p. 78). Em nosso trabalho, estes comandos são descritos e analisados como elementos geradores de complexificação do gênero, uma vez que, para ativá-los, o usuário deve manejar o teclado e o *mouse*, a fim de operar, simultaneamente, com mais de uma linguagem.

2.2.2.2. LINGÜÍSTICA APLICADA

Passaremos agora ao segundo grupo de pesquisa, o qual ancora a análise no campo da Lingüística Aplicada. Como o objeto destas pesquisas é de nosso interesse, destacaremos alguns pontos que contribuem com nossos objetivos.

Souza (2000), por exemplo, assume o objetivo de identificar as marcas de oralidade que figuram nas “falas” de aprendizes de inglês, que fazem do *chat* um mecanismo para prática desta língua. A partir de programas como o mIRC versão 5.41, o ICQ versão 98 e o Yahoo! Pager, o autor formou seu *corpus* para que, além de identificar as marcas de oralidade, pudesse relacioná-las as suas respectivas funções comunicativas. Entre as marcas estudadas estão as abreviações, as repetições de letras e sinais de pontuação, o uso indevido de maiúsculas e minúsculas e etc.

Esta análise nos interessa na medida em que o autor diferencia redução ortográfica de abreviação. De acordo com Souza (2000), a primeira está relacionada ao fato de que a leitura de algumas letras evoca o som de certos vocábulos, de modo que é comum, no *corpus* examinado pelo autor, ocorrências da forma “u” em detrimento da utilização do forma “you”. Já a segunda, na visão de Souza, não segue a motivação das reduções ortográficas, mas são utilizadas pela necessidade de conversar com muitas pessoas ao mesmo tempo, por isto são previsíveis. Não concordamos com esta distinção e, por esta razão, no presente estudo tratamos toda e qualquer forma abreviada como tal, mesmo aquelas que evocam o som de vocábulos como “kd” [cadê], por exemplo.

Gazeta (2000) estuda as interações extraídas de *chats* e de entrevistas *on line*, a fim de verificar se estas atividades se configuram em novos gêneros. Seguindo a noção

de *continuum* tipológico da relação fala/escrita, a autora conclui que essas interações marcam *o surgimento de um novo gênero a partir de gêneros já existentes* (p. 115). É exatamente neste ponto que o estudo de Gazeta (2000) interessa ao nosso, pois vemos aí ecos da concepção bakhtiniana de transmutação, sobre a qual nos referimos anteriormente.

Lacombe (2000) estuda o desempenho dos alunos em aulas de inglês ministradas no meio virtual. Entre as modalidades de CMC estudadas, a autora relata a experiência dos *chats*, embora esta modalidade não seja o escopo de sua investigação. O que nos interessou neste estudo foi o fato de a autora afirmar que *as pessoas que já têm esse hábito [de interagir em salas de chat] podem ajudar a tornar o espaço mais interessante e interativo* (p. 58). Esta assertiva nos remonta ao que Bakhtin (1997: 304) salienta em relação ao domínio dos gêneros; segundo o autor russo *é de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço [...] o intuito discursivo que livremente concebemos*. Lacombe (2000: 62) afirma, ainda, que uma sala de *chat* se constitui em um ambiente muito rico para um curso de línguas, já que o aluno passará a desenvolver a improvisação, uma vez que esta modalidade de CMC gera *necessidades comunicativas genuínas*. Em nosso estudo, estas necessidades são analisadas como marcas do gênero e relacionadas ao que Bakhtin (1981: 92) chama de *necessidades enunciativas*.

2.2.2.3 ANÁLISE DE GÊNEROS

Para finalizar, passaremos a apresentar o terceiro grupo de pesquisas que se caracteriza pelo objetivo de relacionar a análise de gêneros ao contexto digital. A pesquisa de Batista (1998) poderia ser enquadrada no segundo grupo, pois a autora considera que seu trabalho assume *aplicação ao ensino de inglês instrumental (...) e aplicação ao ensino de inglês para fins gerais* (pp. 141-143), no entanto, a autora também assume que sua investigação se empenha em estudar o *propósito comunicativo* do gênero, o qual ela designa de *e-mail de troca de informação*, escrito em inglês por funcionários de uma multinacional no Brasil.

Nosso interesse principal não reside, exatamente, na descrição que é feita do referido gênero, mas na aplicação dos critérios de comunidade discursiva de Swales (1990) ao grupo pesquisado, ainda que essa aplicação não seja realizada de maneira

satisfatória. Batista (1998) se limita a, praticamente, citar os critérios sem relacioná-los com profundidade à comunidade pesquisada, conforme já mencionado no capítulo anterior. Talvez valha a ressalva de que a autora deixa de observar a reformulação que Swales (1992) realiza em sua concepção de comunidade discursiva.

Xavier & Santos (2000) sugerem, ancorados em Bakhtin (1997), que a *Web*, enquanto esfera complexa de comunicação, absorve gêneros primários e secundários, simultaneamente, gerando o que eles estão chamando de *gêneros hipertextuais* (p. 54), rótulo também adotado no presente estudo. Estes autores consideram que o hipertexto, além de reconfigurar a escrita e enriquecer a linguagem com uma superposição de sistemas semióticos, mistura as várias funções sócio-comunicativas de gêneros anteriores aos hipertextuais. Evidentemente, estas três características não aparecem com a mesma intensidade em todos os gêneros deste domínio discursivo e, por esta razão, os autores ponderam:

Certamente, em cada um dos gêneros hipertextuais haverá uma tendência ao predomínio de um dos sistemas sócio-comunicativos. Constata-se na prática linguageira das salas de bate-papo, os chamados chats, o emprego intenso de *emoticons* e figuras, algumas delas até com recurso de animação, a fim de se obter um ritmo conversacional mais próximo do diálogo cotidiano. O mesmo já não ocorre com os Fóruns Virtuais e com os E-mails nos quais se usam menos expressões indicadoras de emoção, poucas figuras e mais enunciados verbais (Xavier & Santos, 2000: 55).

Embora não descrevam um gênero em particular, as considerações teóricas mencionadas, acima, vêm ao encontro da proposta de nossa pesquisa. Além disto, os autores assumem que as questões referentes aos gêneros oriundos da Web necessitam *de análises mais refinadas, a fim de ganhar consistência e se consolidar no cenário dos estudos relativos aos gêneros* (p. 57).

Em um outro estudo, Xavier & Santos (2000a), partindo da mesma concepção teórica, descrevem o fórum eletrônico como um gênero hipertextual. Deste estudo, interessa-nos a análise que os autores fazem das escolhas lingüísticas usadas no referido gênero. Entre estas escolhas, os autores analisam os períodos curtos, os truncamentos e as abreviações como marcas da oralidade que simulam o debate em fóruns presenciais.

Neste contexto, tal estudo, também, nos oferece suporte para a análise que apresentaremos mais adiante.

Um estudo bastante inovador sobre o discurso eletrônico foi o desenvolvido por Komesu (2001). A autora levantou a hipótese de que as *home pages* pessoais ou, simplesmente, páginas eletrônicas marcavam o surgimento de um novo gênero caracterizado pela função fática da linguagem. Para verificar tal hipótese, este estudo comparou 50 páginas eletrônicas, retiradas da *Internet*, com a escrita das apresentações pessoais encontradas em *orelhas* de livros impressos, em (auto)biografias, cartas manuscritas e *e-mails* pessoais, a fim de *identificar o que pode ser tomado como característico dessa escrita digital, no âmbito de convivência com outras práticas de escrita* (Kosemu, 2001: 11).

A conclusão da autora é que a *home page* pessoal é um gênero do discurso, cujas características *apontam para a tentativa de o escrevente representar aspectos prosódicos da conversação na modalidade escrita* (p. 91). A análise dos sinais de pontuação como exclamação, interrogação e reticências nos chamam a atenção por assumirem funções similares no *chat*. Além deste interesse, apoiamo-nos na pesquisa de Komesu (2001) para apontarmos a *home page* como um dos gêneros³⁵ que organizam a comunicação na comunidade discursiva dos *Tananans*, conforme mostraremos no item 5.4.

Abreu (2002) ressalta que as novas tecnologias têm constituído novos gêneros do discurso, destacando o uso do computador conectado em Rede como um forte instrumento facilitador da aprendizagem. A autora assume o *chat* como um legítimo gênero que possui regularidades, ainda que não bem definidas. Seu estudo, no entanto, elege o *chat educacional*, deixando de contemplar o que ela chama de *chat social*. Segundo a autora *a transposição do chat do contexto social mais amplo para o contexto da educação propicia o surgimento de um novo gênero educacional* (p. 88). O nosso interesse neste trabalho reside na questão de a autora assumir o *chat* como um gênero,

³⁵ Sobre a classificação de uma *home page* como gênero não existe consenso entre os autores. Marcuschi, por exemplo, é categórico quando avisa ao seu leitor: *antes de mais nada, ressalto que não vamos tratar como gênero a home page [...], já que ela não passa de um ambiente específico para localizar uma série de informações, operando como um suporte e caracterizando-se cada vez mais como um serviço eletrônico* (Marcuschi, 2002: 10. Grifos do autor).

além de adotar a concepção teórica de Bakhtin (1997). Adicione-se, ainda, que o nosso objeto não assume o propósito comunicativo daquele analisado por Abreu, embora ambos sejam *chat*, um *gênero em constituição* que entre as características a autora aponta os *emoticons* (p. 88). Enquanto aquele abriga um número bem restrito de participantes, o *chat* aberto abriga um grande número de usuários.

Não podemos deixar, ainda, de mencionar dois trabalhos atuais de Marcuschi (2002; 2002a), onde encontramos reflexões teórico-metodológicas acerca dos gêneros emergentes do meio digital. Nestes trabalhos o autor compreende que a *cultura eletrônica* favorece *uma explosão de novos gêneros* (2002: 19) e que *esses gêneros têm características próprias e devem ser analisados em particular* (Marcuschi, 2002a: 13).

Nestes últimos estudos sobre gênero, o autor sugere, apoiado em Bakhtin (1997), que o analista de gêneros eletrônicos observe a *composição*, o *estilo* e o *tema*, além de ser crucial o fato de se considerar a *integração de recursos semiológicos* (Marcuschi, 2002: 15) como parte constitutiva das marcas desses eventos. Assume relevância para o nosso trabalho a atenção que Marcuschi dá às formas de semiotizações. Segundo o autor, convém ao analista, que estuda esse objeto, observar os *emoticons* como uma das formas de semiotizações, além de verificar outros índices que se manifestem pela escrita em um estilo fragmentário. Acrescente-se o fato de o autor considerar indispensável à descrição dos *recursos operacionais disponíveis nas salas de chat* (Marcuschi, 2002a: 24), os quais, por simularem gestos e atitudes de um diálogo face a face, configuram-se como características importantes desse gênero.

Finalmente, outro aspecto fulcral para a nossa pesquisa incide na questão da transmutação, também adotada por Marcuschi (2002: 20), quando observa que *seguramente, esses gêneros não são inovações absolutas, quais criações ab ovo, sem ancoragem em outros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na transmutação dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos*. Este aspecto foi assumido em Araújo (2002), onde, considerando o *hipertexto internetiano* como um modo de produção textual que gera gêneros com características hipertextuais, descrevemos, em um pequeno artigo, as marcas hipertextuais do *chat*, estudado como gênero de uma esfera complexa de comunicação que é a *Web*. Naquele estudo, iniciamos uma discussão a respeito da intersemiose som-imagem-escrita como

marca da mudança de esfera sofrida pelo diálogo cotidiano. A discussão é retomada e ampliada nesta Dissertação.

Consoante vimos, na exposição sucinta que fizemos acima, as pesquisas, cujo objeto foi o texto eletrônico, permitiram que nos ocupássemos do *chat* para caracterizá-lo como um dos gêneros eletrônicos. Das que se ocuparam desse empreendimento, os gêneros contemplados foram o *e-mail* de troca de informação, a lista de discussão, a *home page* e o *chat* educacional. Com exceção das reflexões apresentadas por Marcuschi (2002a) e das que fizemos em Araújo (2002), parece inexistir, no Brasil, um estudo mais exaustivo que caracterize o gênero *chat*. Em adendo, excetuando-se Bernardino (2000), que caracteriza como comunidade discursiva os Alcoólicos Anônimos, que mantêm a troca de depoimentos numa lista de discussão em um ambiente internetiano, constata-se, ainda, que não existe um estudo aplicando a referida noção em uma sala de *chat*.

Neste sentido, a presente pesquisa pretende contribuir com os estudos sobre os gêneros digitais, especificamente, no entendimento do *chat* que não possui o propósito comunicativo educacional, mas que se apresenta como um gênero reconhecido e usado como suporte verbal de uma determinada comunidade virtual que se constitui, também, em uma genuína comunidade discursiva.

2.3. A TERMINOLOGIA REFERENTE AOS CHATS

Alguns autores têm buscado classificar os *chats* de acordo com características técnico-funcionais que estes apresentam. Porém, como mostraremos, a seguir, existe uma ampla flutuação terminológica entre esses autores. Consideramos normal, no entanto, que, na literatura, não exista um consenso de conceitos e terminologia para este objeto. Primeiro porque se trata de um gênero emergente que ainda está se estabelecendo; em segundo lugar, porque os estudos sobre eles ainda são pouquíssimos e estão acontecendo, isoladamente.

Fonseca (2002), por exemplo, divide os *chats* em três grupos distintos, a saber: **videoconferências**, **voice chat** e os **chats de texto**. Nos *chats* do primeiro grupo, os participantes têm acesso ao som da voz e à imagem uns dos outros. O equipamento, portanto, é mais sofisticado porque deve incluir microfones e microcâmeras acoplados

ao computador. O custo para participar destes *chats* é similar ao de uma chamada telefônica local. Os *voice chats*, a exemplo do primeiro, também oferece acesso à voz, mas não à imagem. Esta é a diferença básica entre os dois. Além disto, no *voice chat*, o usuário pode usar sua voz e também operar com a escrita.

Nos *chats* de texto há, segundo a autora, três subclassificações: os ***chats de texto livre***, os ***chats de texto moderado*** e os ***chats de texto especial***. Nos *chats* que pertencem ao primeiro grupo, a conversação é de tema livre, podendo ser negociada no momento da interação. Este *chat* não apresenta um moderador, alguém que faça a triagem das mensagens, a fim de evitar a poluição causada pelo envio de mensagens indesejadas. A figura do moderador é comum nos *chats* de texto do segundo tipo. A interação nestes *chats* acontece com um tópico já definido. Finalmente, a autora ressalta que os *chats* de texto do tipo especial, além de contarem com a presença do moderador e de um tópico definido, contam, ainda, com o horário e a data, previamente, combinados.

Embora Fonseca (2002) admita que os *chats* de texto possam aceitar imagens e fotos, particularmente, não consideramos que o rótulo ***chat de texto*** seja o mais pertinente. Julgamos que esta categorização minimiza muito a complexidade do *chat* na *Web*, um gênero tão praticado pelos que aderiram à cultura hipertextual.

Recordemos que a *Web* tem como marca principal a intersemiose som-imagem-escrita, a qual torna sua linguagem fecunda e plural. Neste sentido, conforme assevera Kastrup (2000: 42), a conjugação destes recursos semióticos produz efeitos, inclusive, na cognição já que *a interface homem-máquina opera no nível onde o atual aguarda a dimensão virtual*. Deste modo, sendo o *chat* na *Web* uma das manifestações hipertextuais da enunciação digital (Xavier, 2002), não poderíamos minimizá-lo ao texto, dada sua característica de **hipertexto**, conforme a discussão apresentada na sessão 2.1.3.

Um outro autor que também se preocupou em diferenciar os *chats* foi Marcuschi (2002a), o qual sugere, pelo menos, cinco tipos distintos de *chats*: **bate-papo virtual aberto**, **bate-papo virtual reservado**, **bate-papo virtual ICQ** (agendado), **bate-papo virtual em salas privadas** e **bate-papo virtual educacional**. Embora todas essas modalidades aconteçam no mesmo suporte tecnológico e com características similares,

o autor os separa e os vê como gêneros distintos, porém a caracterização que propõe ainda é *incipiente* (p. 14) e merecedora de mais testes, a fim de que seja validada.

Observando a classificação proposta por Marcuschi em contraposição a que apresentamos acima, verificaremos algumas divergências. Enquanto Fonseca (2002), por exemplo, considera que a videoconferência e os *voice chats* sejam *chats* distintos, Marcuschi (2002: 12) prefere chamar estes gêneros de **vídeo-conferência interativa**, por esta razão tal categorização não se encontra na classificação que o autor faz a respeito dos *chats*.

Fonseca (2002) chama a atenção para este *chat*, no qual são definidos o moderador, o tópico, o entrevistado, a data e o horário da interação. Talvez, por isto, em um trabalho anterior, a autora (2001: 80) tenha assinalado sua aproximação com a entrevista. Marcuschi (2002), por sua vez, considera este gênero eletrônico como **entrevista com convidado** (p. 1) e não como *chat*. Hilgert (2001: 23), similarmente a Fonseca (2001; 2002), prefere designar esta atividade interativa de *bate-papo com convidados*.

Mais uma vez as discrepâncias terminológicas entre os autores são salientes. Diante dessa discussão, lembramos, por exemplo, dos *chats* oferecidos pelo provedor **globo.com**. Têm sido rotineiros os bate-papos com convidados especiais, em sua maioria artistas. Estas conversas têm horário e data marcados, apresentam tópicos definidos e um moderador para coordenar as perguntas das mais de 50 pessoas que entram na sala. O curioso é que o referido provedor e a emissora de televisão do mesmo grupo têm chamado este evento de *chat*. Reside, neste fato, uma questão importante, a de se considerar o princípio *swalesiano* de que os membros de uma comunidade discursiva nomeiam os gêneros que utilizam para se comunicar. Segundo Swales (1992), esta questão é importante e o analista deve levá-la em consideração. Este fato também fora observado por Marcuschi (2000: 24), o qual atesta que *as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal nem ad hoc, mas teórica e socialmente construída* [Grifos nossos].

Para finalizar, poderíamos ainda discutir as designações para as aulas que acontecem em formato de *chat*. Alguns autores têm chamado este evento de *aulas chats*, outros como Marcuschi (20002) de *bate-papos educacionais* e Abreu (2002) de *chats*

educacionais. Como é notório, o caso da flutuação terminológica não é tão problemático quanto os discutidos, anteriormente. Tudo indica que as expressões **aulas chats**, **chats educacionais** e **bate-papos educacionais** encerram um consenso entre os autores. Todos apontam para algumas características como a construção interativa do conhecimento, uma duração máxima que varia entre 60 a 90 minutos, tópico definido, troca mais lentas de turnos, além de um número bastante reduzido de participantes em relação aos outros tipos de *chats*.

Consideramos, ainda, outras oscilações terminológicas no que se refere às expressões **chat de texto livre**, de Fonseca (2002), **bate-papo virtual em aberto** de Marcuschi (2002) e **chat educacional** e **chat social** de Abreu (2002). Compreendemos que estas propostas de nomeações minimizam demais estes eventos. Vejamos o porquê.

Um **chat de texto livre** se assemelha aos que ocorrem nos canais do IRC, cujo funcionamento depende da instalação, no computador, de um programa especial e a participação dos usuários é mais produtiva pelo uso da escrita. Considerando que o *chat* no IRC apresenta uma espécie de moderador, chamado *operador de canal* (Nader, 2001), consideramos que este se assemelha a outro tipo de *chat* de texto, chamado por Fonseca (2002) de **chat de texto moderado**, que, por sua vez, acontece diretamente na *Web* sem a necessidade da instalação de um *software* especial.

Lembremos o que diz Fonseca (2002) acerca do **chat de texto livre** e o que Marcuschi (2002) diz ser o **bate-papo virtual em aberto**. Para aquela, o *chat* de texto livre ocorre sem moderador e sem um tópico definido. Semelhantemente, Marcuschi diz que o bate-papo virtual em aberto não apresenta tópico definido nem moderador e todos na sala têm acesso a tudo que se projeta no monitor. Essas noções coincidem com o que diz Nader (2001) a respeito dos canais do IRC. Segundo a autora, as conversas nos canais de *chat* do IRC não seguem uma temática, embora os usuários possam ler, na tela principal, o tópico definido. Para a autora *o tópico deixado na entrada do canal não possui relação com aquilo que será conversado entre os dois usuários em particular ou na tela geral* (Nader, 2001: 54).

Isto significa que os *chats* nos canais do IRC podem se configurar tanto em **chat de texto livre** (Fonseca, 2002) como em **bate-papo virtual em aberto** (Marcuschi, 2002), já que os usuários não obedecem ao tópico inscrito na tela e, além disto, têm a

possibilidade de se mostrarem como *bate-papo virtual reservado* (Marcuschi, 2002), uma vez que o *internauta* pode abrir quantas janelas julgar necessário para os diálogos reservados com outros parceiros.

Por fim, as expressões *chat educacional* e *chat social*, da maneira como empregadas por Abreu (2002), dão a entender que o primeiro tipo de *chat* não é social, pelo simples fato de ter um propósito comunicativo diferente. Não seria a educação um ato gerido pela ação social? E não seriam as questões inerentes às relações sociais as que definem um gênero, conforme apontam autores como Miller (1984), Swales (1990; 1992) e, principalmente, Bakhtin (1997)? As expressões utilizadas por Abreu (2002) são, na realidade, de Horton (2000)³⁶ que, para diferenciar os *chats* de natureza educacional daqueles que não assumem este propósito comunicativo, propõe os rótulos, acima, mencionados. Acreditamos que tanto os *chats educacionais* quanto os outros assumem caráter de *chat social*, haja vista ser a interação a sua maior característica.

Em nosso entender, os *chats* que acontecem no interior do hipertexto, poderiam ser chamados de *chats hipertextuais*, por trazerem, em sua textura, marcas indeléveis da riqueza plural da linguagem do hipertexto, de modo que os elementos sonoros, imagéticos e escritos se fundem para compor o texto conversacional, ainda que a escrita, nestes gêneros, apresente características distintas da usual. Não esqueçamos que a *Web* é um serviço da *Internet* baseado no hipertexto. Deste modo, acreditamos que, além de não precisar da instalação de um cliente no computador, a formatação do gênero *chat* ocorrido nesta esfera muda, consideravelmente, porque este traz as marcas hipertextuais da esfera.

Para concluir, queremos deixar claro, no entanto, que não estamos propondo a melhor designação para o gênero *chat*, de maneira que aquelas apresentadas, acima, estejam equivocadas. Nesta discussão, nosso objetivo foi o de mostrar como o objeto é complexo e como fica difícil fazer classificações dos gêneros que emergem da mídia digital. O próprio Marcuschi (2002: 10) aconselha que

o grande risco que corremos ao definir e identificar esses gêneros situa-se na própria natureza da tecnologia que os abriga. Seu

³⁶ Ver a home page <http://www.horton.com/DesigningWBT>

vertiginoso avanço pode invalidar com grande rapidez as idéias [...] expostas. Isso obriga-nos a ter muita cautela nas afirmações feitas.

Com base na discussão deste capítulo e, sobretudo, no conselho dado por Marcuschi, é que preferimos adotar a terminologia **gênero hipertextual**, já que para acessar nosso objeto de estudo não foi necessário instalar um *software* especial em nosso computador, bastando-nos, somente, o ambiente gráfico do *Windows* e uma assinatura do provedor Universo *On-line* (UOL).

CAPÍTULO 03

METODOLOGIA

Se a interpretação está construindo uma leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia. Uma boa interpretação de qualquer coisa – um poema, uma pessoa, uma estória, um ritual, uma instituição, uma sociedade – leva-nos ao cerne do que nos propomos interpretar.

(Clifford Geertz)

O objetivo deste capítulo é relatar o caminho trilhado para consolidar o estudo que fizemos do *chat* e da caracterização de um grupo de *internautas* como comunidade discursiva. Para tanto, o capítulo foi dividido em duas sessões distintas. Primeiramente, apresentaremos a abordagem e os procedimentos metodológicos que nortearam a investigação e a análise propriamente dita, focalizando a importância da figura do observador participante passivo e ativo para nosso estudo. Para encerrar, mostraremos como procedemos para a constituição do *corpus* analisado.

3.1. ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS

Qualquer pesquisa científica precisa estar pautada em algum método que propicie o alcance dos objetivos, os quais são centrados na comprovação ou refutação das hipóteses. Por esta razão, a escolha do método apropriado possibilita uma sistematização das etapas do processo investigativo (Lakatos & Marconi, 1991; 1992).

Para desenvolver esta pesquisa, adotamos o método etnográfico, por se tratar de um estudo com base empírica e do tipo *observacional* (Cavalcanti, 1990), portanto de cunho interpretativista (Carvalho, 2000). A escolha deste método tornou nossa análise exeqüível, pois tivemos que *abandonar a ficção da neutralidade científica e assumir a consideração dos valores na pesquisa como um fator positivo e não negativo* (Santos

Filho, 1997:42). Embora tenhamos seguido a orientação etnográfica, não deixamos de trabalhar com quantificações, que, contudo, não assumiram, aqui, propósitos de generalizações estatísticas, mas foram usadas para nos auxiliar na interpretação dos dados. Esta orientação, de acordo com Gamboa (1997: 106), permite que os números sejam *interpretados e contextualizados à luz da dinâmica social*, tornando a análise qualitativa.

Para a compreensão deste método de estudo, o qual se pauta sobre a observação participante, buscamos, também, apoio em Schawartz & Schawartz³⁷ (*apud.* Haguette, 2000). Estes autores defendem quatro aspectos relevantes que precisam ser contemplados numa pesquisa que assuma este tipo de procedimento:

- coleta de dados;
- esclarecimento do papel do pesquisador (pode ser revelado apenas parte de sua intenção);
- tempo necessário à observação;
- modificação do contexto, ao mesmo tempo que o pesquisador, também, deixa-se influenciar por ele.

Estes quatro aspectos foram vivenciados. Coletamos os dados, informando ao grupo pesquisado do que se tratava nosso trabalho. Para tanto, nosso envolvimento foi quase que restrito aos encontros *on-line*, pois nosso interesse era observar como acontecia o uso do gênero *chat* quando os participantes se comunicavam nessa modalidade, além de verificar se era possível classificarmos esse grupo segundo os critérios de *comunidade discursiva* de Swales (Cf.1990; 1992).

Sobre a decisão de querer modificar ou não a comunidade pesquisada, Schwartz & Schwartz (1969) estabelecem a diferença entre *observador participante ativo* e *observador participante passivo*. De acordo com estes autores, o primeiro tipo de observador maximiza sua participação, a fim de imprimir mais qualidade em seus dados; quanto ao segundo tipo, ocorre o processo inverso, uma vez que a interação entre observador e observados é mínima.

³⁷ SCHWARTZ, M. & SCHWARTZ, C. Problems in participant observation. In. G.J. McCall, & J. C. SIMMONS (org.). *Issues in Participant Observation, a text and Reader*. Massachusetts, Addison-Wesley Publishing Company, 1969. pp. 89-104.

Os autores priorizam o primeiro em detrimento do segundo por não verem como ameaça à objetividade a inevitável interferência do pesquisador no contexto social do grupo. Em relação a essa diferença, Haguette (2000: 73) assevera que optar entre um e o outro é mais uma questão de escolha metodológica, ou seja, tal escolha deve acontecer em função dos objetivos da pesquisa. Por esta razão, neste estudo, optamos pelos dois tipos. A seguir, mostraremos como nos apropriamos da figura do observador participante passivo e ativo, respectivamente, dados os aspectos cronológicos da observação.

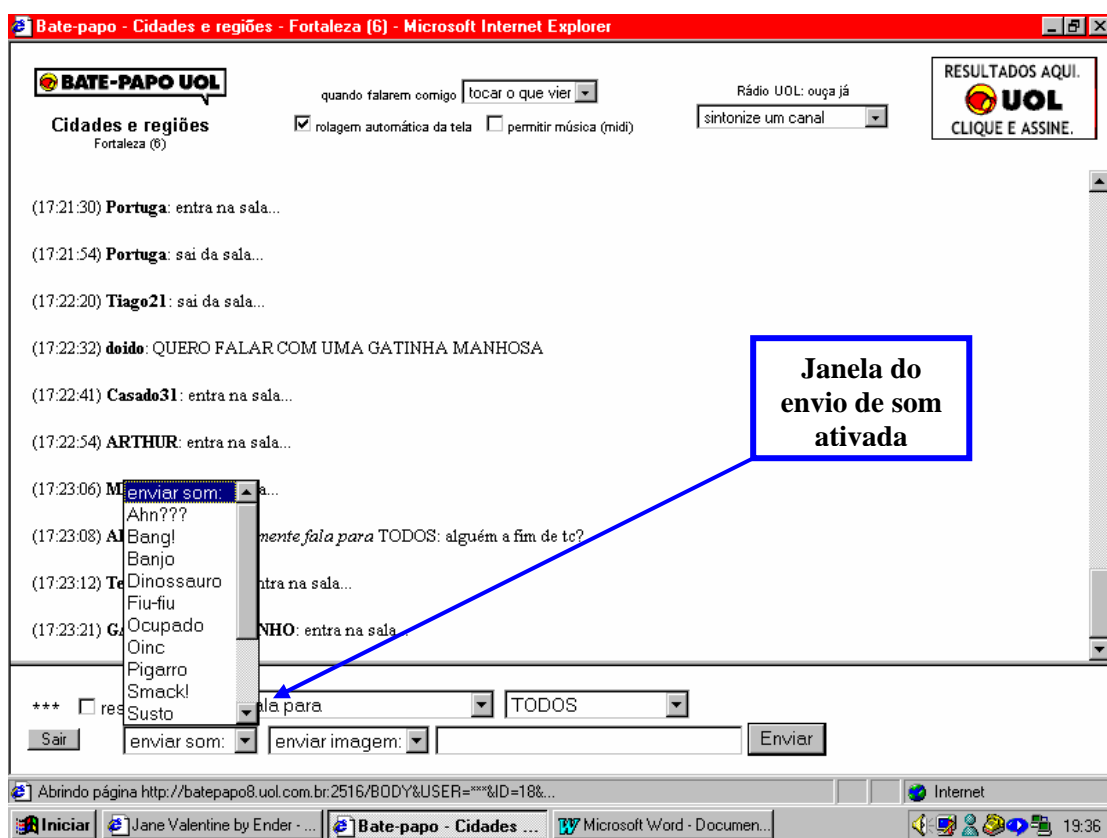
Para a efetivação da observação participante passiva, optamos pelo provedor de acesso à *Internet* UOL (Universo *On-Line*). Nossa escolha se deve ao fato de este provedor ser o maior de toda a América Latina, hospedando mais de três mil salas de *chat*, das mais variadas categorias. Desta maneira, passamos a acessar, aleatoriamente, as salas de *chat* deste provedor, sem, no primeiro momento, optar por nenhuma em particular. O objetivo era perceber como se dava o funcionamento do gênero, quais regularidades podiam ser observadas como marcas da transmutação. Para isto, acessávamos as salas sem participarmos da interação.

Esta observação aconteceu durante oito domingos, totalizando, assim, dois meses, a saber: maio e junho de 2001. A escolha do domingo não foi aleatória, pois este é o dia de maior pico nas salas de *chat* brasileiras, possivelmente devido aos custos reduzidos dos pulsos telefônicos.

Nos dois meses, constatamos que, durante a conversação, os usuários usavam bastantes elementos sonoros como músicas, assobios, gritos, urros, beijos, além de muitas imagens. Estes elementos se mesclavam com o texto escrito de forma tão harmoniosa que formavam um todo discursivo. Verificamos que a união do som com a imagem e a escrita tornavam o *chat* um gênero bastante complexo. Hipotetizamos, então, que esta intersemiose seria a marca da transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera de origem para a *Web* e resolvemos gravar as telas, a fim de que pudéssemos localizar os mecanismos de envio de sons e imagens. Abaixo, apresentamos a tela 02, a primeira que gravamos.

TELA 02

RECURSO DE ENVIO DE SOM ATIVADO



Em cada tela, em situação de uso *on-line*, semelhante a que vimos acima, evidenciamos um comando ativado. Inicialmente, sentimos dificuldades em saber como realizar uma descrição clara destes comandos, a fim de que as marcas do som pudessem ser observadas pelo leitor. Para dirimir este problema, transformamos em arquivos de *Word* todas as possibilidades de telas que indicassem um comando usado pelos usuários, já que não era possível ativar todos, ao mesmo tempo, em uma única tela, pois cada vez que se clicava em um comando o outro sumia. Entretanto, compreendemos que trazer todas as telas para o texto de análise seria cansativo para o leitor, por isso, as telas foram legendadas, a fim de que pudéssemos localizar, com mais clareza, esses comandos, conforme se pode observar na análise feita nos capítulos 04 e 05.

Ainda, durante esta observação, recortamos algumas seqüências conversacionais, cujo tópico tratava da utilização dos mecanismos operacionais

mostrados nas telas. Desta maneira, além de descrevermos como os usuários ativam tais comandos, também mostramos conversações sobre o assunto. O resultado desta observação rendeu a análise dos mecanismos hipertextuais do *chat* como marcas da transmutação em dois momentos distintos.

Para o primeiro momento, os critérios adotados foram localizar e descrever a intersemiose gerada através das linguagens sonoras e imagéticas, presentes nas telas dos *chats*³⁸. No segundo momento, verificamos nas interações os usos dos *emoticons*, das repetições das letras e sinais de pontuação, da letra **K**, além da representação da nasalidade. Por indicarem simulações paralingüísticas, estes índices, referentes ao segundo momento, foram estudados como marcas do fenômeno da transmutação e como marcas estilísticas do gênero³⁹.

Para o estudo da comunidade discursiva, escolhemos uma única sala de *chat*: a sala 01 de Fortaleza e nela adotamos a postura ativa de observação participante. Esta escolha se deu porque, durante a observação discutida, anteriormente, conhecemos, na referida sala, um grupo de *internautas* chamado *Tananans*. Este grupo frequenta a sala, com muita assiduidade.

O tempo necessário para esta observação participante foi o de oito domingos, durante os meses de julho e agosto de 2001, seguidos de dois encontros *off-line*⁴⁰ em duas sextas-feiras⁴¹ (uma em cada mês), a fim de que pudéssemos esclarecer o propósito de nosso estudo e pedir permissão ao grupo para desenvolver a atividade de pesquisa, já que *realizar um estudo, principalmente se este envolve a observação do cotidiano de um determinado grupo de pessoas, o pesquisador vê-se na necessidade de tomar decisões que envolvem um grande número de alternativas morais e responsabilidades* (Guerra-Vicente, 2000: 60).

³⁸ Salientamos que não quantificamos dados nesta análise. Apenas descrevemos as telas e os comandos operacionais por entendermos que estes, além de suprirem as deficiências paralingüísticas do *chat*, acabam criando regularidades no gênero. Além da coleta das telas, esta observação, também, nos proporcionou coletarmos uma quantidade expressiva de textos conversacionais, completando, desta maneira, nosso *corpus*, segundo veremos no item 3.2.

³⁹ Para efeitos de comparação e de interpretação, foram utilizados, nesta análise, gráficos com quantificações percentuais.

⁴⁰ Ainda nesta sessão, explicaremos como se dá este tipo de encontro.

⁴¹ Nossa escolha pela sexta-feira é porque nesse dia há um maior número de membros.

Como os participantes dos *Tananans* são amigos que se conheceram (em sua maioria) pela *Internet*, os *nicknames* acabam por se transformar em sua identidade, uma espécie de segundo nome próprio, usado, inclusive nas reuniões *off-line*. Compreendemos que alguns poderiam não querer que suas “falas” figurassem no *corpus*, por isso ressaltamos a necessidade de participarmos de dois encontros *off-line*. A essa preocupação Taylor & Bogdan⁴² (1998, apud Guerra-Vicente, 2000) vêm como *ética na pesquisa* de cunho etnográfico.

Para que sistematizássemos o estudo sobre o grupo de *internautas* em questão, procuramos, primeiramente, conhecer a origem do grupo para, posteriormente, estudá-lo. Segundo um texto publicado em uma das *home pages* do grupo,

tudo começou quando algumas pessoas, que não tendo muito o que fazer nos seus empregos durante o horário do almoço, passaram a freqüentar o Bate-papo do Uol. Sempre as mesmas pessoas na mesma sala... passaram a se relacionar. De freqüentar nas horas vagas para o dia todo foi um “pulo”. Mais tempo na sala conversando, se conhecendo e conhecendo mais pessoas, foi estreitando os laços de amizade. As horas de trabalho se transformavam em horas de lazer em poucos segundos, num apertar de teclas. Um belo dia, a irreverência Tananan começou aflorar e o chapa Magoo, um dos que freqüentava a sala, vendo aquele povo todo teclando mais do que trabalhando, não se conteve e disse a célebre frase: “Vou dizer pro chefe de vocês tananan... vou dizer tananan”. Essa besteira mais do que besta acabou pegando. Daí surgiu esse nome: Tananan by Magoo. E **Tananan acabou virando sinônimo de Sala 01 de Fortaleza**” (<http://www.betocereal.hpg.com.br> [Grifos nosso]).

Além dos encontros *on-line*, na sala de bate-papo, esta comunidade virtual passou a desenvolver outros mecanismos de participação e de intercomunicação que não só o *chat*. Com a necessidade de se conhecer pessoalmente, o grupo passou a adotar os encontros *off-line*, onde a comunicação passa de intermediada pelo computador para a comunicação face a face, conforme se pode constatar nesta outra passagem do mesmo

⁴² TAYLOR, S. & BOGDAN, R. (1994). *Introduction to qualitative research methods: a guidebook and resource*. 3ª. Ed. New York: John Wiley & Sons.

texto que citamos acima: “depois vieram os encontros, sendo o mais tradicional o encontro aos sábados na Ponte Metálica. O resto vocês já sabem” (<http://www.betocereal.hpg.com.br>). Acerca dos encontros *off-line* dos **Tananans**, podemos associá-los ao que diz Lévy (1999) sobre esta questão: *é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou adicional* (p. 128).

O que nos chamou a atenção para esta sala foi o cuidado que este grupo tinha com o discurso que, pouco a pouco, vinha se caracterizando como discurso próprio. As primeiras sessões de *chats*, que transformamos em arquivo de *Word*, mostravam que o discurso produzido pelos **Tananans** era também administrado pelo grupo, para que não se descaracterizasse, lembrando muito os critérios de comunidade de discursiva de Swales (1990; 1992) e a definição de comunidade discursiva dada por Maingueneau (1998: 29). O exemplo 01, abaixo, mostra uma ocorrência desta natureza:

- (01)
 - (13:10:16) **Seçretâ f@ëë™** grita com Thaís: foi mal..msg errada!
 - (13:11:13) **Thaís** fala para Seçretâ f@ëë™: não entendi!
 - (13:11:55) **Thaís** fala para Seçretâ f@ëë™: o que é msg?
 - (13:12:19) **Seçretâ f@ëë™** grita com Thaís: Mensagem!:-) ô bixinha burra! Já vi k esta anda looooge de ser 1 tananan. Logo vi. Com 1 nick xulo destes. Aprenda (M) en (S)a (G)em. Assim vc fica pra tras linda. Nossa fala tem regras basikas.
 - (13:12:49) **Seçretâ f@ëë™** grita com TODOS: (11:55) Thaís fala para Seçretâ f@ëë™: o que é msg?// VIRAM o k da faltar as aulas de tanânês????

Conforme se pode perceber em (01), o discurso entre os **Tananans** assume um caráter normativo, causando estranheza a quem não pertence ao grupo. Um outro aspecto comum é o uso constante de *nicknames* estilizados e coloridos. Este fato nos levou a adotar o *nickname* **NAUM**, a fim de sermos aceito pelo grupo. Escolhemos tal alcunha em alusão à marca de nasalidade **-aum** tão freqüente nas “falas” do grupo⁴³.

⁴³ Ver item 4.2.4.

Acreditávamos que um *nickname* assim seria mais aceito. Neste sentido, quando nos apresentamos ao grupo, fomos recebidos com euforia por parte de alguns e rejeição por parte da maioria. Paulatinamente, fomos sendo aceitos, até que nosso *nickname* foi trocado como sinal de aceitação plena, como sugere o exemplo abaixo.

- (02)

(17:38:48) **Secreta Spice ®** grita com O CIENTISTA: c viu a msg q a veveh deixou no muro, pra vc? é só ir lá e dar um “Ctrl C” no nick do jeito q ela pôs e depois um “Ctrl V” no teu Word... entendeu?? Né?

Conforme se pode verificar em (02), nosso *nickname* de **NAUM** passou para **O CIENTISTA**. Como não sabíamos utilizar os caracteres, a fim de estilizá-lo, **Secreta Spice ®** nos incentivou a irmos ao “muro”, um espaço reservado aos recados dentro da *home page*, para copiarmos a forma **Ø ©;ëñt;št@**. Este novo apelido nos foi dado por um dos membros mais antigos do grupo, a **Vãşçã;ñã** (Vascaína). Desta maneira, assumimos nossa nova identidade eletrônica (Crystal, 2001) dentro do grupo, como sugere (03).

- (03)

(01:41:15) **Vãşçã;ñã** grita com **Ø ©;ëñt;št@**: É ESSE O SIGNIFICADO DO NICK:) É SUA CARTEIRA DE IDENTIDADE NA ONE⁴⁴:)))) FOI UMA ESPÉCIE DE BATISMO NÉ?

Esta troca de apelido facilitou nossa etnografia, pois nos fez compreender que assumir um *nickname* com estas características era relevante para que fôssemos aceitos no grupo e para que tivéssemos acesso ao *discurso normativo* desta comunidade discursiva (Maingueneau, 1998). Além disso, passamos a ser reconhecidos a cada vez que nos conectávamos para observação participante ativa, facilitando nossa interação com o grupo. Entre os lingüistas, esta postura encontra suporte também em Marcuschi (2002: 05), o qual defende que a melhor forma de coletar dados para um estudo profícuo

⁴⁴ A expressão “*na one*” é referência à sala 01.

sobre os *novos modos de interação ligados aos respectivos gêneros é uma análise etnográfica* (grifos do autor) e em Swales (1992: 08), o qual mostra que, até um certo tempo, o estudo de comunidade discursiva era mais tarefa dos etnógrafos do que de lingüistas.

De posse da postura etnográfica, escolhemos como critério de estudo dos *Tananans* a noção de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992). Deste modo, estudar, lingüisticamente, a prática comunicativa dos *Tananans* como uma comunidade discursiva, segundo os critérios do referido autor, significa verificar, sobretudo, se esta comunidade virtual possui:

- objetivos comuns;
- mecanismos de interação;
- mecanismos de participação;
- seleção crescente de gêneros;
- terminologia específica em desenvolvimento⁴⁵;
- estrutura hierárquica.

O resultado deste teste está descrito no capítulo 05.

3.2. A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Da observação participante ativa completamos nossa amostra para a análise. Cada observação convertida em arquivo de *Word*, quando impressa, rendia uma média de 30 páginas. Se participamos de oito sessões de *chat* com os *Tananans*, significa que tínhamos, em média, 240 páginas impressas de *chat*. Esta quantidade de texto conversacional se deve ao fato de esta atividade de interação acontecer com uma velocidade espantosa. Em pouquíssimos segundos é possível verificar um número muito grande de turnos projetados no monitor.

Para resolvermos este problema, buscamos apoio, também, metodológico em Bakhtin (2002). Segundo este autor, *o gênero possui sua lógica orgânica, que em certo sentido pode ser entendida e criativamente dominada a partir de poucos protótipos ou*

⁴⁵ Neste item, utilizamos gráficos com quantificações percentuais para nos auxiliar na interpretação dos dados.

até fragmentos de gênero (p. 159). Esta decisão metodológica também encontra suporte em Maingueneau (1997: 35) quando afirma que *cabe ao analista definir, em função de seus objetivos, os recortes genéricos que lhe parecem pertinentes*. Deste modo, os trechos conversacionais, apresentados neste estudo, servem para que tenhamos uma compreensão do funcionamento e do estilo do gênero *chat* que se manifestam nas marcas da transmutação.

Observando o horário, que aparece entre parênteses, pode-se verificar que há uma certa distância de tempo entre um turno e outro. Notoriamente, isto se dá porque os participantes conversam com muitas pessoas ao mesmo tempo. Nosso procedimento foi recortar algumas duplas ou pequenos grupos para selecionar turnos, em que se pudessem isolar pares adjacentes⁴⁶, distribuídos em seqüências conversacionais (SCs).

Separamos **30** seqüências soltas e **05** SCs para servir de ilustração tanto na caracterização do gênero *chat* quanto na caracterização da comunidade discursiva. Adotamos como critério de definição da amostra das SCs a identificação dos usos dos *emoticons*, das repetições de letras e sinais de pontuação, da letra **K**, e, finalmente, da representação da nasalidade, usada para evitar o uso do til, a fim de identificarmos as marcas da transmutação e do estilo na escrita do gênero *chat*. Na caracterização da comunidade discursiva, observou-se o uso das abreviações, da formação de palavras e da escrita peculiar na criação dos *nicknames* para o estudo do léxico.

Para a análise das SCs, utilizamos quantificações, a fim de que pudéssemos visualizar a comparação feita entre elas. Por esta razão, disponibilizaremos as SCs nos anexos 01, com o intuito de o leitor ter acesso à seqüência completa, já que estas foram, no corpo do texto, fragmentadas em função de nossos objetivos.

Conservamos os textos das seqüências da maneira como ocorreram durante o *chat*. Por esta razão, serão encontradas falhas de digitação, comuns nas interações via *Internet* e decorrentes, dentre outros fatores, da pressa com que os usuários digitam para conseguir manter contato com o maior número possível de participantes, quando se

⁴⁶ Marcuschi (2002a) alerta para a organização dos turnos neste tipo de interação, pois *as seqüências nem sempre são ordenadas e pareadas no formato P-R ou de pares adjacentes* (p. 25), já que existem inúmeros fatores que podem influenciar, como os de cunho técnico (lentidão na conexão, por exemplo) e os próprios da interação via *chat*, como, por exemplo, o elevado número de participantes. Acerca da questão, remetemos o leitor ao trabalho de Hilgert (2000: 26-27), o qual faz uma excelente análise da organização e caracterização dos turnos em sala de bate-papo virtual.

tratam de interações em tempo real. A única alteração que fizemos foi em relação à formatação de todas as seqüências para fonte *Times New Roman*, tamanho 11. Esta alteração eliminou o negrito que fica nas falas cuja força ilocucionária é o “*grita com*”. Este recurso, uma vez ativado, projeta na tela um texto com letras em negrito que dão a idéia de que os *internautas* estão gritando. No caso dos *Tananans* este recurso é bastante utilizado porque deixa as mensagens bem mais visíveis na tela.

Além das seqüências conversacionais, organizamos, ainda, 13 telas, as quais permitiram a ilustração do uso dos recursos hipertextuais que geram a intersemiose presente no gênero *chat*, assim como a caracterização de alguns critérios da comunidade discursiva.

Em suma, o objetivo deste capítulo foi o de esclarecer nossa opção teórico-metodológica. Esperamos ter conseguido expressar, de maneira clara, como aconteceu cada passo de nossa pesquisa. Nos capítulos subseqüentes mostraremos a análise e o tratamento dos dados, enfocando, primeiramente, a descrição das marcas da transmutação presentes nos elementos semióticos que ponteiavam o *chat*, além da caracterização dos elementos estilísticos desse gênero, para, em seguida, descrevermos a comunidade discursiva dos *Tananans*, usuária e reconhecadora do *chat* como um dos principais gêneros que confere suporte verbal às suas necessidades comunicativas.

CAPÍTULO 04

DESCRIÇÃO DAS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO NO GÊNERO *CHAT*

De onde vêm os gêneros? Pois bem, simplesmente de outros gêneros. Um novo gênero é sempre a transformação de um ou de vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação.

(Tzvetan Todorov)

A finalidade maior desta pesquisa foi mostrar que a transmutação do diálogo cotidiano de sua esfera original para a *Web* gera um novo gênero bastante complexo, o qual estamos designando de *chat*. Temos por objetivo, neste capítulo, apresentar e discutir os resultados da análise que fizemos do referido evento. Os resultados mostraram que este gênero é marcado por uma intensa intersemiose entre os elementos verbal, imagético e sonoro, comuns no universo do domínio discursivo hipertextual.

Esta discussão está organizada em dois momentos importantes. Em primeiro lugar, apresentaremos as semioses baseadas no som e na imagem e os comandos operacionais que se encontram nas telas do *chat*. No segundo momento, analisaremos cinco seqüências conversacionais ou, simplesmente, **SCs**, a fim de descrevermos como se mostram, na escrita, as marcas da transmutação. O objetivo desta análise foi o de mostrar que com a transmutação do diálogo cotidiano para a *Web* houve uma mudança muito importante em sua configuração, uma vez que as pessoas precisavam escrever suas falas em tempo real e para muitas outras ao mesmo tempo.

Para melhor visualização, apresentaremos essas ocorrências em gráficos, não para que sirvam de generalizações estatísticas, mas para que auxiliem na interpretação dos dados. Deste modo, os números, em nosso estudo, assumiram um caráter qualitativo, conforme sustenta Gamboa (1997).

4.1. INTERSEMIOSE NO *CHAT*: MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO

Na intenção de descrever as marcas indicadoras da transmutação do diálogo cotidiano para a *Web*, mostraremos, a seguir, através de um estudo descritivo de algumas telas e de seqüências conversacionais, como se dá e como funciona o jogo intenso da intersemiose do som, da imagem, da escrita e de outros recursos operacionais que permitem o funcionamento técnico e social do gênero *chat*.

Todas as telas foram legendadas, a fim de permitir que o leitor compreenda seu funcionamento e acompanhe a descrição que fizemos dos recursos. Primeiramente, apresentaremos uma tela que mostra o elemento semiótico do som. Ressaltaremos a importância do som para o *chat*, descrevendo as quatro possibilidades de uso desse recurso, evidenciando sua natureza hipertextual. Para reforçar a análise, apresentaremos alguns exemplos de seqüências conversacionais que mostram os usuários conversando e utilizando o som.

Na segunda tela, discutiremos a inserção do elemento imagético no gênero *chat* como indícios de transmutação de gestos faciais e emoções próprias da interação face a face para a interação em tempo real, intermediada pelo computador. Além de mostrar o uso, através de exemplos, pontuaremos na tela a localização deste recurso, para, posteriormente, discutirmos e descrevermos sua utilização.

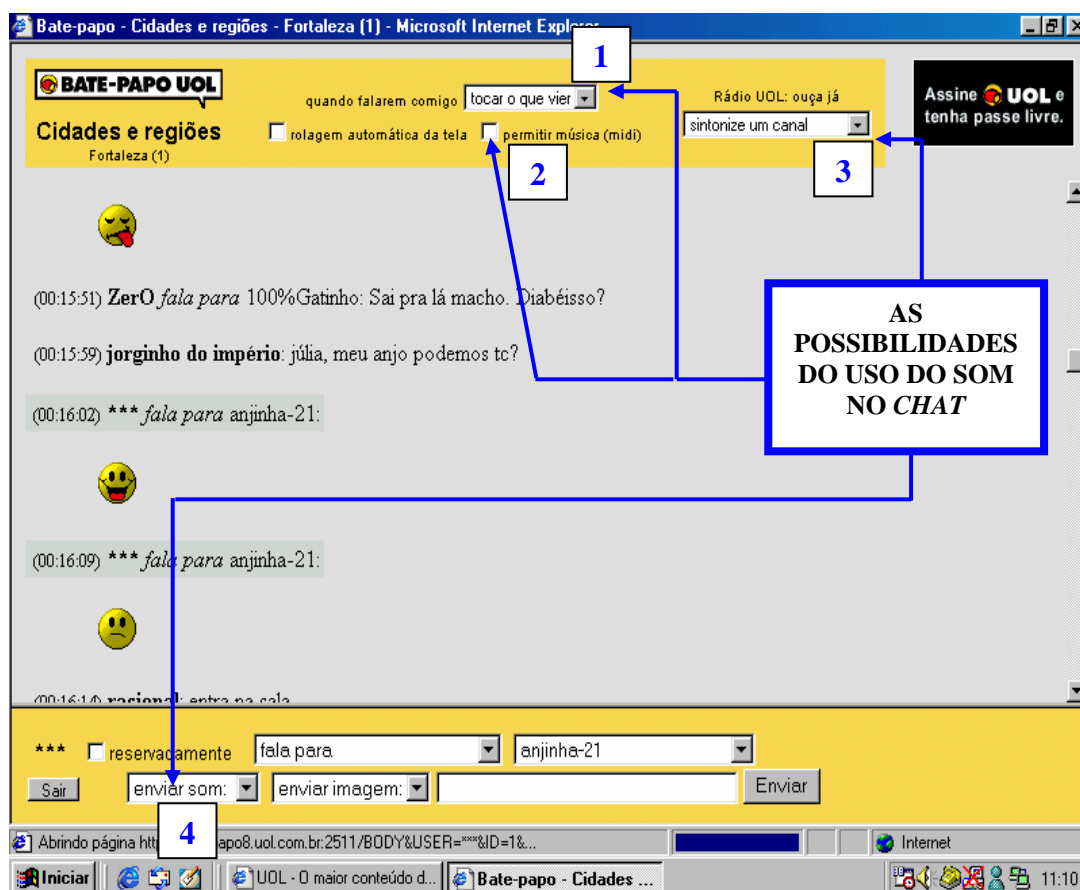
4.1.1. O MECANISMO HIPERTEXTUAL DO SOM

A primeira marca⁴⁷, a ser apresentada, que possibilita uma intersemiose no *chat* é o som. Como se pode observar na tela 03, abaixo, o usuário desse gênero dispõe de quatro possibilidades de operar com o elemento sonoro. Este constitui um dos

⁴⁷ As semioses apresentadas nesta análise não seguem uma ordem hierárquica, de modo que a seqüência ordinal é resultado, somente, de uma decisão metodológica.

elementos semióticos que, em fusão com o verbal e o imagético, suscita as marcas hipertextuais evidentes neste evento sócio-interacional, além de trazer, conforme veremos a seguir, a complexificação para a conversação.

TELA 03 USOS DO SOM



Seguindo a legenda, os recursos disponíveis⁴⁸ são, respectivamente, 1 *aviso automático*; 2 *permitir música (midi)*; 3 *rádio UOL* e 4 *envio de som*. Passaremos a descrever cada opção, enfatizando sua importância para o gênero.

Para ativar o recurso 1, denominado por Marcuschi (2001) de *sistema de alerta*, exige-se a combinação entre a expressão que está fora do retângulo “*quando falarem comigo*” e a segunda, dentro do retângulo, “*toca o que vier*”. Tal mecanismo confere ao

⁴⁸ Salientamos que somente os *internautas* que tiverem o *kit multimídia* acoplado em seu computador é que poderão ouvir os sons, durante as interações, muito embora isto não os impeçam de enviá-los.

internauta a possibilidade de *navegar*, tranqüilamente, pela *Internet* sem se desligar da sala de *chat*. Para sua ativação, basta um clique com o *mouse* em cima da barra de rolagem para abrir uma janela contendo as opções de som, as quais variam de um simples *bip* à escolha de *não tocar nada*. Ao ativar tal recurso, o usuário poderá se deter em outras atividades pelo ciberespaço, como pesquisar, ler e enviar *e-mails*, etc. Deste modo, quando uma mensagem lhe for direcionada, ainda que a *janela* do *chat* esteja minimizada, o sistema, automaticamente, o informará através do som escolhido.

Salientamos que, embora não entre na composição do texto conversacional, esse recurso é importante para o *chat* porque, de certo modo, estabelece interação entre os participantes, como sugere (04).

- (04)

(12:48:26) **Secretã videokê ®** *grita com b@nb@n®: perdaum, estava minimizada vendo o e-mail! Mas ouvi teu chamado e vim :-))*

Verifica-se, pelas expressões em destaque do exemplo, acima, que o recurso supracitado assume sentido de um chamado em forma de som, equivalente a um suposto vocativo quando o diálogo ocorre na esfera original, e o destinatário encontra-se em uma atividade paralela, tal como o interagente de (04). Neste caso, compreendemos que o som, uma vez transmutado para o *chat* na *Web*, associa-se à escrita e gera uma intersemiose, complexificando o gênero.

O recurso 2, indicado na tela 3, mostra-se, também, relevante para a complexificação deste gênero. O quadrado que precede a expressão “*permitir música (midi)*”⁴⁹, possibilita ao *internauta* ter acesso a músicas, podendo, também, enviá-las para a sala de *chat*, durante a interação em tempo real. Muitas vezes as músicas enviadas se transformam em tópico desenvolvido nas interações, segundo evidencia (05).

⁴⁹ Este recurso é condicionado à localização de páginas eletrônicas próprias para este serviço.

- (05)


(15:17:13) **NokululeOon@h@h** *grita com* TODOS: ALGUÉM QUER OUVIR MIDI??????

(15:18:41) **NokululeOon@h@h** *grita com* TODOS: ATENÇAUM TANANANS TIVAR MIDIS!!!!!!

(15:19:34) **NokululeOon@h@h** *grita* TODOS: CLIKEM LÁ EM CIMA EM “PERMITIR MIDI“


(15:21:35) **MEL(*_*)LULA LÁ** *grita com* NokululeOon@h@h: kd o midi?

(15:21:47) **NokululeOon@h@h** *grita com* MEL(*_*)LULA LÁ: perai

(15: 25:01) **NokululeOon@h@h** *grita com* TODOS: 

(15:29:16) **âi ©ömu tö nervoso** *grita com* NokululeOon@h@h este som é manero. Valeu, amigam de qual site???

(15:55:03) **NokululeOon@h@h** *grita com* âi ©ömu tö nervoso: entra no www.geocities.com/audiostore99

Pelo exemplo, acima, vê-se que este recurso se diferencia do apresentado em 1, porque o som entra na composição do texto conversacional sob dois aspectos. Observa-se que no caso 2, o som, além de ter uma materialidade acústica, que lhe é própria, também assume uma materialidade visual. Verifica-se a intersemiose som-imagem-escrita através da superposição da marca visual , da manifestação sonora que decorre dessa marca e, finalmente, da escrita usada para a construção do tópico conversacional, favorecendo, deste modo, a projeção da natureza hipertextual do gênero *chat*. As três linguagens não competem entre si, mas coexistem, harmonicamente, na tela do computador, suporte do hipertexto. Isto se dá porque nenhuma das semioses presentes nos gêneros hipertextuais sofrem descaracterização em sua essência. Sobre a união dos vários modos de enunciar, consideramos instrutivo citar as palavras de Xavier (2002: 100).

Essa bricolagem digital de modos de enunciação, em uma mesma e única tecnologia enunciativa, apóia [a] teoria de que o Hipertexto disponibiliza ao homem pós-moderno mais um modo de enunciar: o digital, e, ao mesmo tempo, descentraliza a escrita, enquanto tecnologia enunciativa dominante. O Hipertexto pulveriza os modos de enunciação e esvazia não só a idéia de predomínio do modo

verbal, mas lança [...] vários outros modos que devem ser processados “todos ao mesmo tempo agora”.

Ainda observando a tela 03, percebemos que a opção 3 se relaciona a um outro modo de utilização do som. Trata-se de uma rádio virtual⁵⁰ que traz o nome do provedor UOL. Para ativar este recurso, o usuário clica na *barra de rolagem*, sintoniza um canal e escolhe o artista e a música que melhor lhe aprouver, dentre opções como *axé, baladas internacionais, cantoras*, etc. Julgamos relevante salientar que 3, a exemplo de 1, também, não entra na composição do texto, no que se refere à materialidade gráfico-visual, entretanto os usuários podem combinar o mesmo canal e ouvirem, enquanto conversam, a música escolhida, conforme mostra o exemplo, abaixo.

- (06)
 - (13:13:10) **Vitinho.pagodeiro** *grita com Zûnu*: sintoniza a Kássia aí e vamu ouvir malandragem, seu malandro.
 - (13:13:29) **@@Jçrrÿ.19** *grita com Dick Vigarista*: mioh forró marmaum
 - (13:14:05) **Zûnu** *grita com Vitinho.pagodeiro*: Ótimo. Pense na kantoura??? sou amarrado na Kassia.
 - (13:14:09) **£dÿ...*** *grita com TODOS*: todos os Tananans vão de Elen mermu :-)
 - (13:14:38) **Vitinho.pagodeiro** *grita com TODOS*: taum massa essa muihé mah.k som.
 - (13:14:53) **Amordo£dy** *grita com £dÿ...**: amor... vou indo nessa agora,,..... fike c a Kassinha... ta?

Com base no diálogo de (06), verifica-se que a música é absorvida pelo *chat* e reinterpretada como parte constitutiva desse gênero, uma vez que motiva tópicos conversacionais, como os do exemplo, acima. Consta-se que a opção 3, difere da opção 2, no que se refere à marca visual que indica o som, e, por isso, afirmamos que sua utilização propicia intersemiose somente com a escrita. Por outro lado, as opções 2 e 3 se assemelham por motivarem, como já dito, a construção de tópicos conversacionais, através da escrita. Podemos, ainda, associar a opção 3 às músicas que, eventualmente, intercalam as interações face a face. Isto significa que o fato de os interagentes de *chat* utilizarem “música ambiente” enquanto conversam não consiste em uma novidade

⁵⁰ Este serviço é exclusividade de assinantes UOL.

absoluta, mas pode ser verificada como estratégia usual que os interagentes, em situação *off-line*, utilizam para complementar o sentido do texto conversacional que co-elaboram ou mesmo para fins de tornar o bate-papo mais agradável e descontraído.

Finalmente, em 4 é apresentada mais uma rica possibilidade de inserção do elemento semiótico do som na construção do texto conversacional do *chat*. Tal recurso está associado às necessidades de suprir os canais paralingüísticos do diálogo cotidiano em sua esfera de origem. Isto é, um estalo, um beijo e outros sons que, normalmente, fazem parte de uma conversa amigável face a face ou via-telefone, transmutam-se para o *chat* e são associados ao texto escrito, tornando o gênero, hipertextualmente, plurisemiótico.

Quando o usuário ativa 4, o procedimento é o mesmo utilizado em relação aos mecanismos anteriores. Clica-se com o *mouse* na barra de rolagem e espera que se abra uma janela, a fim de que possa escolher o som a ser enviado. Dentre as opções de envio de som, pode-se citar *ahn???*, *bang!*, *dinossauro*, *oinc*, *pigarro*, *smack!*⁵¹, etc. Estes sons são enviados para gerar sentidos na interação. Deste modo, quando um usuário, por exemplo, deseja rotular o parceiro de “antigo”, envia um urro de *dinossauro* ou, ainda, para expressar o desejo de beijar, seleciona a opção *smack!* Sobre este mecanismo, vale a ressalva de que estes sons não assumem materialidade visual como em 2, levando-nos a concluir que em 4 a intersemiose reduz-se à superposição verbo-som.

Em conclusão, verifica-se que os mecanismos destacados na tela 03 imprimem características complexas no *chat*, ora resultantes da transmutação de gestos e atitudes próprias da conversação face a face que o som possibilita reinterpretar ora como mecanismos eletrônicos que conferem hipertextualidade ao evento.

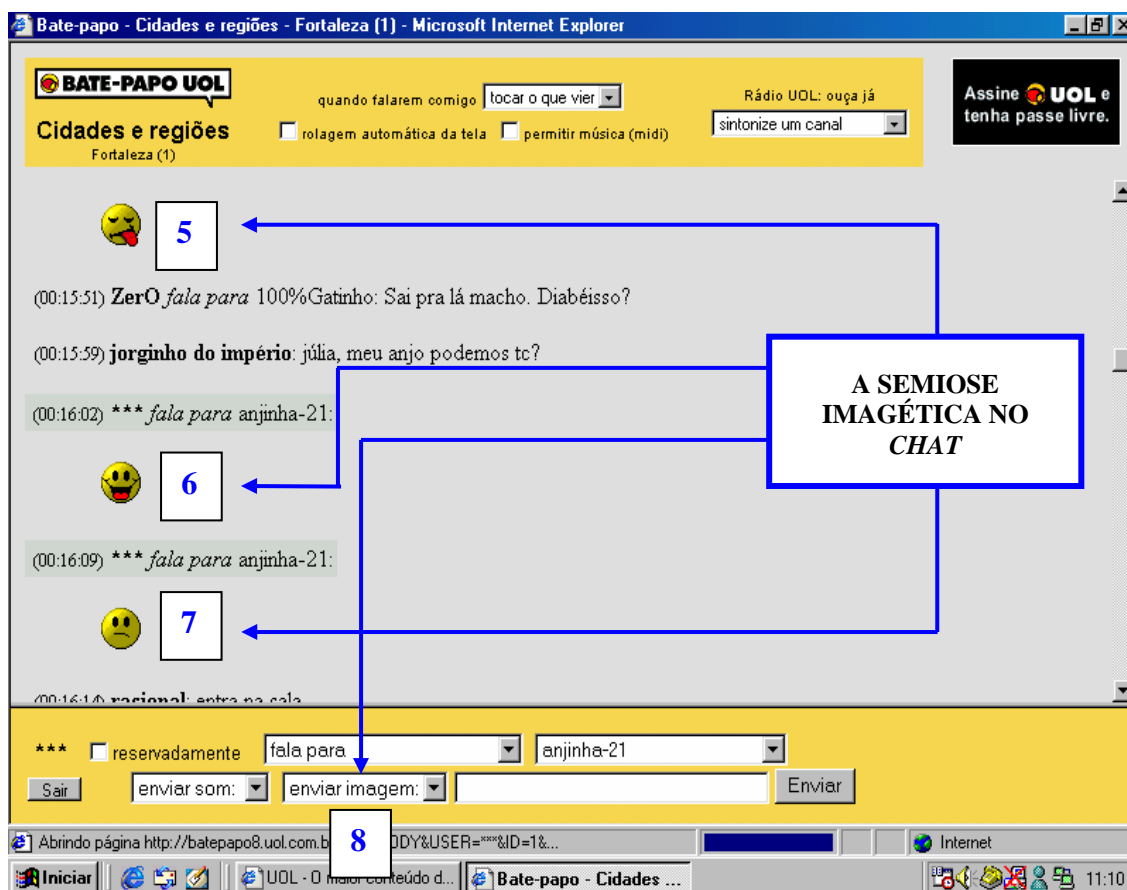
4.1.2. O MECANISMO HIPERTEXTUAL DA IMAGEM

Outra marca, a ser discutida, como indicadora da intersemiose no *chat* é a imagem. Além disso, consideramo-la uma marca relevante da transmutação genérica e um elemento hipertextual que imprime, neste gênero, características de uma linguagem inovadora, a qual instaura nos gêneros hipertextuais *uma possibilidade comunicacional plural, dinâmica e muito mais envolvente* (Xavier & Santos 2000:54). Na tela 04,

⁵¹ Remetemos o leitor à tela 02, apresentada no capítulo 03.

abaixo, mostraremos como se dá o envio de imagens no *chat*, localizando o referido comando.

TELA 04 USOS DA IMAGEM

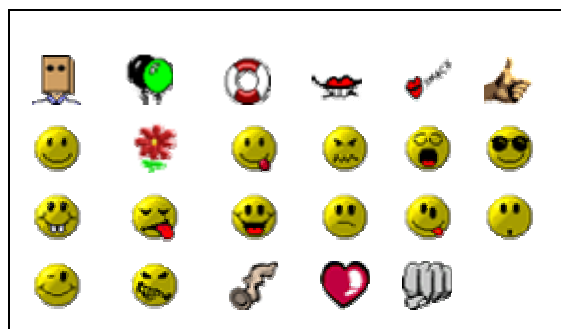


De acordo com a tela, o uso da imagem, complementando ou não a mensagem escrita, está sempre associado à negociação do sentido. Verificam-se, nesta intersemiose, os indícios da transmutação de expressões faciais e estados de espírito, próprios da conversação face a face, para o *chat*, haja vista os interlocutores estarem impossibilitados de expressar, presencialmente, sensações de nojo, conforme se vê na opção 5 da tela, o largo sorriso de 6, cuja função, provavelmente, seja a de um convite para conversar ou, ainda, o constrangimento de 7.

Para que o usuário tenha acesso às imagens, faz-se necessária a ativação do recurso indicado em 8. Como podemos perceber, este é mais um recurso peculiar ao gênero *chat*, deixando-o, hipertextualmente, mais complexo, pois as opções de envio de

imagens entram na conversação para ampliar a negociação de sentido, resultante da imbricação da linguagem pictórica com a linguagem escrita. No quadro, 03, abaixo, reunimos as principais imagens disponibilizadas por 8.

QUADRO 03
PRINCIPAIS IMAGENS USADAS NO CHAT




Consideramos importante informar que, muitas vezes, o envio dessas imagens revela dificuldades em usuários iniciantes, os quais ainda não possuem familiaridade com os recursos oferecidos pelo gênero, conforme ilustra o exemplo 07, abaixo.

- (07)

(12:52:18) **wilşøµ**™ *grita com* Ana: o q tu ker muieh??

(12:56:42) **Ana** *grita com*: keria saber como colokar os coracoes voando e meio loko essa coisa de digita e colokar as carinha.

(12:56:45) **wilşøµ**™ *grita com* Ana: assim oh: significa q tamomandano uns

bjim pras mina da turma 

(12:56:46) **wilşøµ**™ *grita com* Ana: esse outro e pra dizer q agente ta chateado



(12:56:52) **wilşøµ**™: sai da sala...

O exemplo (07) retrata essas dificuldades e a negociação do sentido entre os interlocutores, a partir das imagens. Em relação às dificuldades, as quais são oriundas da

complexificação que a imagem, associada à escrita, suscita no gênero *chat*, reportamo-nos ao que afirmam Xavier & Santos (2000: 55):

Imersa neste universo de múltiplas manifestações, a experiência lingüístico-cognitiva do enunciatário torna-se bem mais farta e potencialmente mais completa em relação à dos gêneros secundários, uma vez que o universo sensorial mobilizado pelo enunciador, no Hipertexto, para produzir o seu discurso ultrapassa o nível do sistema alfabético da escrita e atinge os sistemas pictórico e auditivo.

Com base nessa assertiva, afirmamos que em (07) a intersemiose imagem-escrita exige uma forte carga cognitiva, já que a *internauta* considera complexo operar com os dois elementos, simultaneamente. Isto fica mais saliente quando a mesma confunde a imagem de uma boca, seguida da onomatopéia indicadora do som de um beijo, com corações voando, sendo necessário as explicações de **wilşøµ**™ a respeito das imagens de (07) para que sua interlocutora negocie o sentido de suas mensagens em interações posteriores.

Como vimos, além do som, apresentado na tela 03, a imagem representa para o *chat* um outro recurso de hipertextualidade, cuja função é a de transmutar gestos e atitudes, peculiares a um diálogo convencional, para a riqueza plurisemiótica do *chat* na *Web*. Esta constatação pode ser relacionada com a complexa formação de gêneros sugerida por Bakhtin (1997: 281), uma vez que a imagem, transposta para o *chat*, *perde relação imediata com* [sua] *realidade* anterior, já que se torna componente desse novo gênero.

Mesmo que nosso eixo definidor de hipertextualidade não se restrinja aos *links*, consideramos relevante acrescentar que em alguns momentos pode-se ter a presença deles nas conversas, como se percebe nos exemplos (05), (26), (28), (31) e (32). Xavier (2002: 156) mostra que há vários tipos de *links*. Entre estes, o autor aponta para os que se apresentam sob a forma enunciativa visual (imagens). Por esta razão, reproduziremos, a seguir, no quadro 04, os *links* que assumem a referida forma enunciativa, retirados das telas 02, 03 e 04, a fim de que o leitor perceba sua presença no *chat*. Embora este tipo de *link* seja uma realidade nas telas, entendemos que eles não

interferem no gênero, em seu sentido *stricto*,⁵² pois sua função é tão somente a de fazer propaganda do provedor UOL. Estes *hiperlinks*,

deixam de ser adereços que ornamentam e delimitam artisticamente o espaço de escrita verbal, para se configurarem como elementos-fonte ricos em informação matizes de sentido com peso cognitivo e valor semântico, no mínimo, iguais aos da palavra (Xavier 2002: 157).

QUADRO 04

LINKS PRESENTES NAS TELAS DOS CHATS



A imagem, aqui sob a forma de *link*, reforça a tese central de nossa pesquisa, segundo a qual o *chat*, que ocorre no interior da *Web*, é um gênero hipertextual. Não somente por apresentar *links*, mas também por instaurar *uma nova arquitetura lingüística que reorganiza os elementos verbais, visuais e auditivos, fazendo-os ocupar um espaço específico e relevante dentro da montagem geral desta reconfiguração semiótica* (Xavier & Santos, 2000: 54).

4.2. AS MARCAS DA TRANSMUTAÇÃO NA LINGUAGEM ESCRITA

Nesta sessão, mostraremos que o diálogo cotidiano, transposto para a *Web*, deixa, evidentemente, de utilizar a fala, os gestos, as expressões faciais e outras atitudes que lhe são próprias e passa a reconfigurar uma escrita que consegue abarcar as características do novo gênero e as necessidades enunciativas de seus usuários.

Para Bakhtin (1997) a escrita perpassa todos os gêneros (sejam secundários ou primários), de maneira que a interação desses gêneros entre si pode alterar seus estilos,

⁵² Salientamos que em algumas vezes estes *links*, que ficam no lado esquerdo superior das telas, conduzem os *internautas* à Rádio UOL (opção 03 da tela 03), gerando diálogos como o apresentado em (06).

gerando um novo. Neste aspecto, o autor relaciona o estilo ao gênero e a mudança daquele à noção de transmutação. Portanto, a escrita, no *chat*, além de permitir a constatação de evidências da transmutação na escrita, contribui, também, para que delineemos seu estilo. Neste aspecto, recordamos a discussão feita nos itens 1.1.4 e 1.1.5, que abordam a premissa bakhtiniana de que é impossível proceder a um estudo estilístico dissociado da caracterização de um gênero.

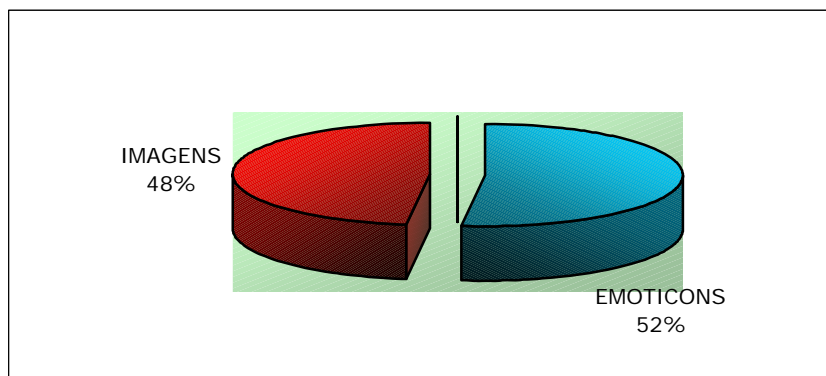
Assim sendo, passaremos a analisar o uso dos *emoticons*, das repetições de letras e sinais de pontuação, da letra **K**, e, finalmente, da representação da nasalidade como marcas do estilo do novo gênero, dando ênfase à resignificação desses elementos como marcas da transmutação da escrita no *chat*.

4.2.1. *EMOTICONS*

Talvez os *emoticons* sejam a marca mais prototípica da transmutação que se reflete na escrita do *chat*, pois sinais de pontuação, letras, números e outros caracteres são combinados, a fim de transmitir emoções e outras manifestações de uma comunicação face a face. Não seria, então, redundante afirmarmos que estes caracteres, assim como as outras marcas já estudadas, foram (no sentido bakhtiniano) absorvidos e reinterpretados pelo gênero *chat*, reconfigurando-se em uma nova escrita.

Para que se tenha uma visão percentual da utilização desses elementos nas interações via *chat*, disponibilizaremos o gráfico 01, abaixo. Antes, porém, salientamos que para fins de comparação, achamos pertinente incluir, no gráfico, o uso das imagens, estudadas anteriormente, por assumirem funções similares às dos *emoticons*, ou seja, transmitir estados de espírito durante a conversação, transmutando gestos e atitudes próprios de uma interação face a face para a esfera eletrônica.

GRÁFICO 01
EMOTICONS E ENVIO DE IMAGENS



Neste gráfico, comparamos o uso de imagens e de *emoticons*. Compreendemos que as imagens estão mais associadas à semiose imagética, enquanto que os *emoticons* estão mais relacionados ao elemento semiótico verbal. Ambos, porém, representam marcas da transmutação de elementos paralingüísticos presentes na conversação convencional. Enquanto os primeiros se apresentam como uma das marcas hipertextuais tão evidentes na *Web*, os segundos complexificam a escrita.

Conversar com alguém através da escrita, como bem observa Demétrio (2001), dificulta na hora de transmitir nossas emoções. De modo que, no *chat*, os usuários desenvolveram a prática dos *emoticons*, a qual consiste em combinar diacríticos, letras do alfabeto, números e outros símbolos para serem reaproveitados, reconfigurando uma nova significação.

Sobre a questão, Lundstrom (1995) afirma que os *emoticons* simulam oralidades por uma imposição da tecnologia. Esta afirmação vem ao encontro de nossas conclusões, as quais mostram que o aproveitamento dos sinais da escrita sugere novas significações, pois os parênteses, o ponto final e a vírgula, originariamente, não assumem as representações descritas, por exemplo, no anexo 3. Deste modo, a inserção dos *emoticons* no *chat* pode ser comparada com o que afirma Pellettieri (2000) acerca da negociação de sentido, uma vez que os *emoticons* exigem dos interlocutores um trabalho cooperativo desde o início da interação, a fim de resolver problemas de compreensão encontrados no discurso. Entendemos que esta necessidade de simular oralidades, gestos, estados de espírito e outras paralinguagens, salienta as marcas da

transmutação no uso dos *emoticons*, além de pontuar, estilisticamente, a escrita híbrida do gênero *chat*.

A seguir, mostraremos um exemplo, no qual a combinação de caracteres se mostra como uma simbiose oriunda da transmutação dos sinais de escrita para a expressão de sentimentos humanos na conversação eletrônica.

- (08)
 (13:05:34) @Dr.Paulinho Carioca@ grita com C@€ŠĂGĂ™: Tu e
 flamenguista, rapah??????? :-(
 (13:05:50) C@€ŠĂGĂ™ grita com @Dr.Paulinho Carioca@:
 roxim :-))))))

No exemplo supracitado, podemos observar que os dois *emoticons* ilustram os sentimentos dos interlocutores em relação ao clube de futebol preferido. Enquanto o primeiro demonstra repúdio a preferência do segundo, este utiliza um *emoticon* para manifestar o prazer que sente em declarar sua posição. Constatamos, ainda, que não há uma norma para usar os caracteres. Observa-se que a mesma combinação dos dois pontos, com o hífen e os parênteses pode sugerir várias emoções diferentes. Esta linguagem, segundo Nader (2001: 32), *só faz sentido para quem envia e-mails [...] e para quem frequenta as salas de bate-papo, ou seja, onde ela foi criada*. Isto só acontece porque o gênero *chat* subverte esta escrita, propiciando uma resignificação destes caracteres.

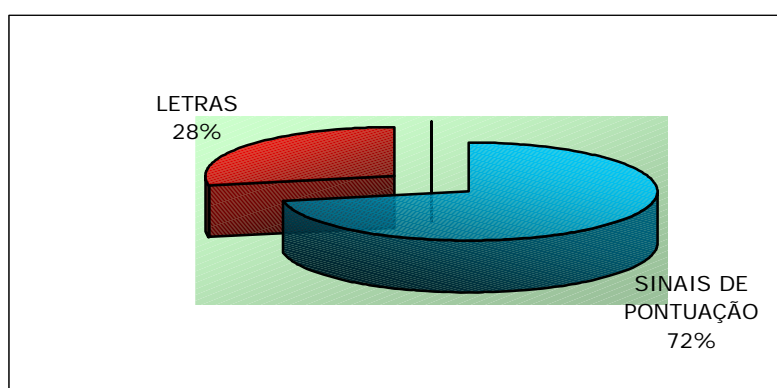
Concluimos que o fato de os *emoticons* lograrem sentido no gênero *chat* é, perfeitamente, associável com o que Bakhtin (1981) postula em relação às formas estereotipadas. Para este autor, tais formas estão ligadas aos objetivos e à composição social de um determinado grupo. Isto significa que a criação de elementos paralingüísticos, como os *emoticons* que apresentamos, acima, só assume relevo significativo se for para suprir as *necessidades enunciativas* dos usuários desse gênero.

4.2.2. REPETIÇÃO DE LETRAS E DE SINAIS DE PONTUAÇÃO

Outra maneira como a escrita do *chat* transmuta estados de espírito é a repetição de letras ou de sinais de pontuação. Nas **SCs** analisadas, esta marca é bastante evidente. Ora para indicar espanto ora para representar euforia e/ou festa e/ou gritos. O *locus* da enunciação do *chat*, necessariamente, evoca estas repetições, a fim de que as necessidades enunciativas se materializem em *formas lingüísticas*, ainda que estas causem estranheza do ponto de vista da norma (Bakhtin, 1997). É preciso lembrar, contudo, que, para Bakhtin, o gênero do discurso está atrelado à noção de cultura. Desta maneira, assim como os *emoticons* e as demais formas (para)lingüísticas, as repetições de letras e sinais de pontuação são, indubitavelmente, marcas de uma cultura digital, ou de uma cultura em uma realidade virtual, como propõe Cadoz (1997).

No que se refere à transmutação e ao estilo, salientamos que as letras e os sinais de pontuação da escrita canônica, ao serem transportados para o *chat* através de repetições, assumem funções similares, a fim de *transcrever os traços da oralidade* (Chaves, 2001: 53). Para fins de comparação dessas escolhas paralingüísticas, mostraremos, no gráfico 02, a distribuição percentual nas **SCs** analisadas.

GRÁFICO 02
REPETIÇÕES DE LETRAS E SINAIS DE PONTUAÇÃO



Embora o gráfico evidencie um número percentual mais expressivo no que se refere à repetição de sinais de pontuação, consideramos que a repetição das letras é tão importante quanto a dos sinais, pois ambas tentam imprimir na interação as marcas

próprias da oralidade. Se por um lado, a repetição de letras atende, unicamente, a necessidade do registro da paralinguagem como choro, espanto, nojo, euforia, etc; a repetição dos sinais de pontuação, além de ser usada para reforçar esse registro, é também usada sem uma função comunicativa específica. Ao nosso ver, isto explica a maior incidência mostrada no gráfico, acima.

Acerca desta questão, Hilgert (2001: 42) justifica a repetição de sinais de pontuação no *chat* dizendo que *o abuso dos pontos de interrogação e de exclamação [...] só se explica como tentativa de evocar impressões da interação face a face, pois um só de cada um dos sinais daria conta respectivamente do sentido interrogativo e exclamativo do enunciado*. Os exemplos, abaixo, retratam essa discussão.

- (09)
(00:12:10) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: ecooooo amiga....pensei q você gostasse de mim 🤔
- (10)
(00:24:47) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: ahhhhh!!!!!!!
- (11)
(00:25:38) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: naum tem ninguém pra cuidar do meu dodói!!! bbuuuuááááá!!!!!!!

O exemplo (09) mostra uma repetição de letras com o objetivo de expressar, na escrita, uma manifestação paralingüística de nojo, típica da oralidade. Observa-se que apenas a repetição da letra “o” é o suficiente para essa função, o que dispensaria o uso da imagem. Em (10) e (11), também, são simulações de manifestações orais referentes à surpresa e ao choro, respectivamente. Contudo, os usuários preferiram utilizar, simultaneamente, as repetições de letras e de sinais de pontuação, sendo que os últimos apenas reforçam o que os primeiros conseguem denotar *per se*.

Nos dois exemplos, abaixo, mostraremos, ainda, a repetição dos sinais de pontuação desempenhando *per se* funções de paralinguagem.

- (12)
(00:07:49) **!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €@ V@K@: mentira amiga???? sério?
- (13)
(20:22:16) **amigo29** grita com ***^*ñindaÄgnes: lesgal?????????**

Observa-se em (12) e (13) que a repetição dos pontos de interrogação caracteriza uma exclamação, lembrando uma alteração na melodia da fala. Isto nos leva a afirmar que não há uma relação do emprego desses sinais com o que prega a escrita canônica, pois o enunciado de nenhum dos dois exemplos são interrogativos. Além disso, vale salientar que tanto em (12) quanto em (13) não se observa a redundância apresentada em (10) e (11) na repetição de letras e sinais de pontuação, com a finalidade de reforçar a oralidade.

Como se pode notar, não há uma norma para o uso destes sinais de pontuação. No *chat* não se segue o que, por exemplo, a gramática aborda sobre o uso destes sinais. O gênero absorve e reinterpreta estes usos para desempenhar várias funções. Neste sentido, concordamos com Bakhtin (1997) quando afirma que a combinação das formas lingüísticas não atende ao abstracionismo científico de uma língua como sistema estável, mas são necessidades enunciativas (Bakhtin, 1981) que se materializam nos gêneros do discurso.

São estas tentativas de expressar atitudes de uma comunicação face a face que poderiam aproximar o *chat* de um gênero primário (Bakhtin, 1997), contudo existem outros elementos, conforme já discutidos, anteriormente, que complexificam muito o referido gênero, de modo que postular uma rotulação fica difícil.

4.2.3. USOS DA LETRA **K**

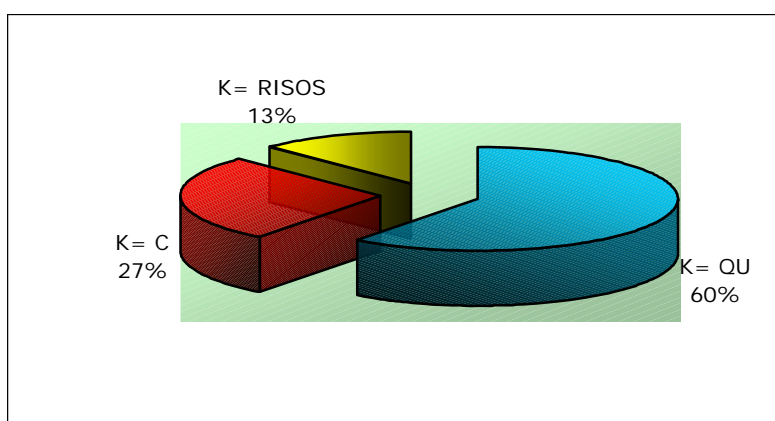
Um outro dado bastante relevante é concernente aos usos da letra **K**. Por ser tão intenso o emprego desta letra no *corpus*, resolvemos estudá-lo em separado. A letra **K**, normalmente esquecida, por não fazer parte do alfabeto vigente da Língua Portuguesa, tem seu uso sempre restrito, segundo Cunha & Cintra (1985), à transcrição de nomes

estrangeiros e seus derivados, além de abreviaturas como Kg (quilograma) e Km (quilômetro) e símbolos de uso internacional como K (Potássio).

Deste modo, a letra **K** não pertence ao conjunto de letras do nosso alfabeto, por esta razão seu emprego não é comum. No entanto, no *chat*, esta letra tem sido usada para substituir as demais letras que representam o fonema /k/. Observa-se que este procedimento dos *internautas* é previsto pelo sistema lingüístico, pois, como bem observa Bechara (1997: 59), *o k é substituído por qu antes de e e i e por c antes de outra qualquer letra.*

As ocorrências encontradas nas **SCs** mostraram que esta letra equivale sempre ao fonema /k/, seja para substituir o dígrafo **QU**, a letra **C**, ou para representar, onomatopaicamente, os risos dos participantes. Vejamos, a seguir, o gráfico 03, onde estão representadas as ocorrências da letra **K** em todas as seqüências conversacionais, separadas para este estudo.

GRÁFICO 03
USOS DO K



Observa-se, neste gráfico, que a opção mais usada em relação à letra **K** é para substituir o dígrafo **QU**, seguida da preferência pela substituição da letra **C**. E, finalmente, em um menor número, o uso do **K** representa as expressões de risos. Associamos essas incidências ao que ressalta Brait (2001) quando diz que *existem formas lingüísticas que entram numa composição e que são articuladas a elementos*

não verbais da situação, constituindo o atributo da enunciação completa (p. 29). Acreditamos que os vários usos do **K**, na composição do *chat*, podem ser relacionados ao caráter multifacetado deste gênero.

As escolhas lingüísticas, representadas pelas equações, **K=QU** e **K=C** poderiam estar associadas às abreviações, a serem discutidas no item 5.5.1, se seu uso não fosse tão aleatório. No entanto, tais opções nos interessam por expressarem tentativas de transcrição da oralidade na conversa escrita. Quanto à equação **K=RISOS**, observa-se a evidência da paralinguagem como marca da resignificação da escrita, oriunda da conversação face a face transmutada para a *Web*, pois o que se percebe é que, além da necessidade de transcrever a fala, o uso da letra **K** representa uma maneira de suprir a falta de um recurso sonoro, conforme os descritos no item 4.1.1, que denote risos. Assim sendo, a opção **K=RISOS** pode ser associada a um elemento estilístico desse gênero, como mostra (14).

- (14)

(00:29:31) **!ñd!ñhã** grita com §μ¶ €® V@K@: de mim? Kkkkkkkkkkkk



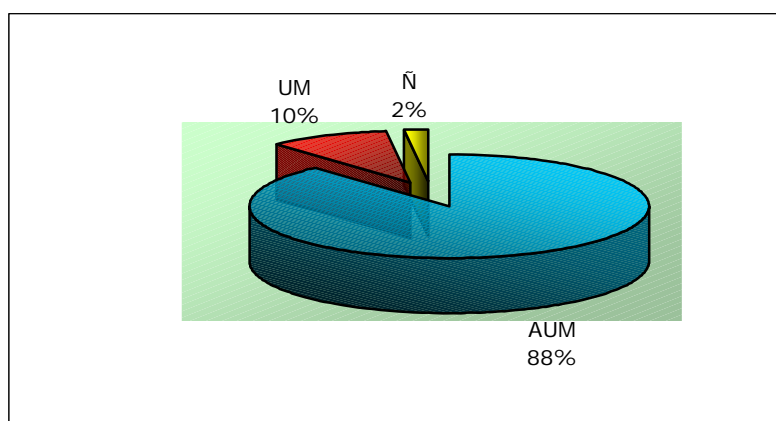
Como se verifica, (14) exemplifica uma tentativa de suprir os canais paralingüísticos que existem no diálogo cotidiano em sua esfera de origem (os risos), mas que na comunicação intermediada pelo computador, faz-se necessário simulá-los. Assim, o uso do **K** para descrever uma expressão facial e/ou sonora de sorriso/gargalhada, torna-se uma marca pertinente de que a escrita no *chat* reflete o fenômeno da transmutação genérica.

Concluimos que se o **K** passa a representar, entre outras coisas, um riso, isto precisa ser observado com lentes bakhtinianas, isto é, uma repetição desta letra, **kkkkkkk**, em um contexto engraçado, parece se revestir de um *status* de signo lingüístico, uma vez que, nesta forma, existe uma natureza semiótica que é compreendida e usada pelos usuários do gênero *chat* (Bakhtin, 1981).

4.2.4. REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE

Mais uma marca, bastante curiosa, é a representação da nasalidade através dos segmentos *-aum*, *-um* e *ñ* nas interações do *chat*. Compreendemos que estes segmentos não representam uma regra fixa, além disso, ao contrário do que esperávamos encontrar, o uso da forma *ñ* quase não apareceu no *corpus*, prevalecendo as outras duas formas, conforme mostra o gráfico 04.

GRÁFICO 04
REPRESENTAÇÃO DA NASALIDADE



Como se vê, a nasalidade é representada no *chat*, quase que exclusivamente, pelo segmento *-aum*, o que nos leva a entender que os internautas evitam o uso do til. Acerca desta questão, Nader (2001: 53) observa que

para ganhar tempo na digitação, muitos termos não são acentuados [de maneira que] digitar o acento ‘~’ fica complicado para o usuário, pois precisa pressionar duas teclas ao mesmo tempo para reproduzir o acento. A solução encontrada foi digitar ‘**naum**’ no lugar de não, ‘**entaum**’ no lugar de então, por exemplo” [grifo nosso].

De acordo com a autora, o fato de o uso do til depender da ativação simultânea de duas teclas representaria um atraso para a conversação. Essa explicação pode ser comprovada pelo baixíssimo percentual do uso de *Ñ*, que quase não apareceu em

nenhum dos casos investigados, com exceção de uma única ocorrência na **SC5**, como mostra o exemplo, abaixo.

- (15)
 - (13:10:11) **Cearamor** *fala para* Lek@: entaum naum fresca com o
cearaaaaaahhhhhhhhhhh
 - (13:10:28) **Cearamor** *fala para* Lek@: tuh torce ferrim eh?
 - (13:10:34) **Lek@** *discorda de* Cearamor: ñ estou com vontade...vai tu que é
melhor!!!

Particularmente, compreendemos que esta escolha lingüística não pode ser explicada, unicamente, porque o usuário precisa utilizar duas teclas, simultaneamente, de seu teclado, até porque existem modelos atualizados em que o uso do til depende somente de pressionar uma tecla. Deste modo, preferimos relacionar o uso desta representação da nasalidade ao que Bakhtin (1997) chama de estilo do gênero, evidentemente, pautado nas assertivas de que *os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero* (p. 284) e de que *nenhum fenômeno novo pode entrar no sistema da língua sem ter sido longamente testado e ter passado pelo acabamento do estilo-gênero* (p. 285).

Retomando o que se propôs nesta sessão, afirmamos que os *emoticons*, as repetições de letras e de sinais de pontuação, os usos do **K** e, finalmente, as marcas de nasalidade são elementos estilísticos em consequência da transposição do diálogo canônico para a *Web*, pois fora de sua esfera de origem, o diálogo suscita nos *internautas* a utilização da escrita para representá-lo. Isto significa que, o fato de os usuários escreverem a conversa, não descaracteriza o que Bakhtin (1997) chama de diálogo, pois o autor também exemplifica a transmutação com a inserção deste evento em um romance, fazendo com que o diálogo na esfera literária também aconteça pela via escrita. A diferença é que o estilo do romance difere do estilo do gênero *chat*, devido as esferas em que estes figuram.

A seguir, passaremos a apresentar a análise da comunidade discursiva dos *Tananans*, grupo de amigos virtuais que reconhecem e usam o *chat* como um dos principais gêneros que conferem suporte verbal às necessidades do grupo.

CAPÍTULO 05

A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS TANANANS

O ciberespaço oferece instrumentos de construção cooperativa de um contexto comum em grupos numerosos e geograficamente dispersos. A comunicação se desdobra aqui em toda sua dimensão pragmática. Não se trata mais apenas de uma difusão ou de um transporte de mensagem, mas de uma interação no seio de uma situação que cada um contribui para modificar ou estabilizar, de uma negociação de significações, de um processo de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos via atividade de comunicação.

(Pierre Lévy).

Geralmente, por serem muito dinâmicas e fluidas, as salas de *chat* não assumem características de uma comunidade discursiva. O anonimato mantido pelos *nicknames* talvez seja um dos fatores que provocam essa impossibilidade. Contudo, a sala que acompanhamos se revela distinta das demais. Primeiro porque nela se reúne um grupo específico que, naturalmente, se conheceu via *Web* e, paulatinamente, foi desenvolvendo uma prática comunicativa cada vez mais regular no sentido de “ritualizar” a comunicação e “normatizar” o discurso. E em segundo lugar, este grupo passou a adotar uma única sala do provedor UOL, o que o caracteriza como comunidade virtual, de modo que, como é dito em uma das *home pages*, *Tananan acabou virando sinônimo de sala 01 de Fortaleza* (<http://www.betocereal.hpg.com.br>).

Se for constatada a aplicação dos critérios swalesianos, a comunidade virtual dos *Tananans* também pode ser compreendida como *um grupo sócio-retórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses (...) recreativos* (Swales, 1992: 08). A seguir, passaremos a apresentar os resultados do teste que fizemos, o qual consistiu em aplicar a uma sala específica de *chat* os critérios já discutidos no capítulo 01.

5.1. OS OBJETIVOS E OS PROPÓSITOS DOS *TANANANS*

De acordo com Swales (1990; 1992), para ser considerado uma comunidade discursiva, um grupo deve ter objetivos e propósitos comuns. Relacionando este critério com o nosso objeto, podemos constatar, em uma primeira instância, que a própria palavra *chat* parece trazer em si a finalidade destas salas na *Web*, ou seja, o objetivo primeiro consiste na atividade de “bater-papo”, interagindo numa comunicação intermediada pelo computador, usando uma escrita permeada de marcas de oralidade e outros recursos semióticos já comentados, anteriormente.

Os *Tananans*, como freqüentadores assíduos de uma sala específica de *chat*, não fogem à regra. Como eles mesmos dizem na *home page*: *as horas de trabalho se transformam em horas de lazer [...] num apertar de teclas* (<http://www.betocereal.hpg.com.br/>). A expressão *num apertar de teclas* revela que esta comunidade tem a conversação digitalizada como um dos objetivos comuns, amplamente aceitos por todos e divulgados em uma de suas páginas eletrônicas. Além das páginas na *Internet* esse objetivo também é flagrado, textualmente, em suas conversas, segundo mostra (16), abaixo.

- (16)

(19:04:51) **=*ÍndiaÄgnes grita com *_*:* Bm somos uma turma de intrnautas (alguns normais tb), que se reúne pra conversar na net, sair, curtir, namorar, viajar, tudo que rola em uma turma de amigos de qualquer outro canto, tem muita amizade, tb tem briga, tudo norma e virtual, tem gente nova, gente madura, gente imatura... Pra te c a galera vc tem q abreviar muito, Ter um nick vestidinho. Aprenda o dicionrio ou caia fora.

Como podemos observar nesta passagem, uma *Tananan* apresenta o grupo a um possível candidato a membro na comunidade. Entre os objetivos (sair, curtir, namorar, viajar) está o de bater papo na *Internet* como um dos mais relevantes para o grupo, como se observa. O curioso é que, pelo menos no caso específico destes *internautas*, não é de qualquer maneira que o grupo “*se reúne pra conversar na net*”, é preciso

compreender algumas peculiaridades do gênero *chat* como saber abreviar as palavras, escolher um *nickname* colorido e estilizado com criações e/ou adaptações de símbolos para corresponder às letras.

Quando um *nickname* não se apresenta dessa forma, os membros do grupo dizem que o apelido está nu (“sem roupinha”). Além de saber criar um *nickname* com essas características, o usuário precisa conhecer as opções lexicais do grupo, conforme podemos observar nessa frase imperativa, retirada de (16): “*Aprenda o dicionrio ou caia fora*”⁵³.

Entre os objetivos amplamente aceitos e difundidos em uma comunidade discursiva, incluem-se os de caráter recreativo. No caso dos *Tananans*, este objetivo ficou expresso em (16), acima. O grupo prioriza a recreação não só no ato de “bater papo” na *Internet*, mas também em outros mecanismos de participação desenvolvidos. Além disso, existe uma espécie de **CÓDIGO TANANAN**, transcrito abaixo na figura 03, criado pelo grupo. Embora o tom seja muito coloquial e se aproxime da linguagem humorística, este código apresenta detalhes que são, rigorosamente, obedecidos pelo grupo.

FIGURA 03
CÓDIGO TANANAN

Podem acreditar, ele existe sim. Apesar de não estar escrito em lugar algum, ele deveria reger a moral e os bons costumes dos familiares. Tananan de verdade já nasce sabendo discernir o certo e o errado.

PREÂMBULO

Nós, Tananautas profissionais, sempre reunidos na sala 01 de Fortaleza, com o objetivo de fazer novas amizades e manter as velhas amizades, esquecer o sarcasmo da rotina, deixar de lado as agruras do mundo em que vivemos, vem promulgar, visando o bem estar dos nossos parentes, aderentes e agregados e a satisfação de nossa lascívia, o seguinte código tananan:

TÍTULO - I

DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS.

Art. 1. Respeitar o próximo, em toda e qualquer circunstância.

Art. 2. Abolir, incondicionalmente, o “reservado”.

⁵³ Ainda neste capítulo, trataremos acerca dos caracteres que estilizam os *nicknames* como parte do léxico utilizado pelos *Tananans*.

Art. 3. Nunca clonar outro Tananan.

Art. 4. Proibido o uso do nick invisível, com exceção para mera observação da sala. O mesmo se aplica para quem entra com um nick desconhecido com o intuito de não ser identificado.

Art. 5. Tananan comprometido é Tananan morto. Escolha outro pra dá em cima.

Art. 6. Mantenha distância:

I – do C-R-Ç-Å-Ë KÏËËR. (come todas☺)

II – do Ulrich. (come queto☺)

III – da †Dama De Preto†® (ela vai se matar☺)

IV – do ø çãriøçã. (arquivando☺)

V – da A vilã da história®. (sexo, sexo, sexo...☺)

Etc....

Parágrafo único – Mais um Tananan! Mais um Tananan!

Parágrafo com redação determinada pela Lei 6969/2001.

DISPOSIÇÕES FINAIS.

Art.7. Salve-se quem puder.

Art.8. Seja o que Deus quiser.

Art.9. Acata-se disposições em contrário (diminui-se a concorrência).

Art.10. Este Código entra em vigor toda vez que for preciso.

É verdade e dou fé.

2001

Fortaleza/CE

Como podemos observar, o **CÓDIGO TANANAN**, apesar de apresentar uma linguagem bastante coloquial e bem humorada, traz, em sua textura, as marcas de um código convencional. Nota-se que os trechos grifados, acima, além de revelar os propósitos e objetivos comuns desta comunidade discursiva, evidenciam, também, regras muito claras a respeito do uso dos *nicknames*, do mecanismo que ativa o *chat* reservado e do respeito que os membros do grupo devem ter para com quem já tem namorado(a). Os exemplos, abaixo, mostram, respectivamente, a observação destas regras.

- (17)

(23:09:08) **Våşçã;ñã** grita com RAZIEL: VISTA SUA ROUPA E SAIA JÁ DO RESERVADO

- (18)

(18:31:31) **Våşçã;ñãLEGÍTIMA** grita com £ørd Nøgrø: naum confunde...

(18:31:54) **£ørd Nøgrø** grita com Våşçã;ñã^{3º}LEGÍTIMA: eeeeeita! Tem gente clonando tu :-)
- (19)

(00:01:49) **††Gø†hic††**:grita com TODOS Um dia vim aki de invisível só pra urubuservar e vi coisa feia
- (20)

(01:24:30) **Våşçã;ñã** reservadamente grita com Ø ©;ëñt;şt@: (01:23:44) Ø ©;ëñt;şt@ grita com »¶r;®«: GOSTEI ta bonito // ela e namorada do chegajunto:)
- (21)

(12:42:33) **®®Jçrrÿ.18 ñã[o-o]** grita com £!!@ no pagode: tia tia ei ew tbm vow..hehehehehe

(12:43:45) **£!!@ no pagode** grita com ®®Jçrrÿ.18 ñã[o-o]: NUM CRIDITU...NÓS VAI TOMAR KAXASSA JUNTOS? CHEGA + BB PQ COMO DIZ HLERA “+ 1 TANANAN, + 1 TANANAN”

Estes exemplos mostram que o **CÓDIGO TANANAN**, acima, é vivenciado na sala de *chat*, o que vem ao encontro do primeiro critério, o qual, segundo Swales (1992), consiste nos objetivos e propósitos comuns, amplamente, aceitos e difundidos entre os membros de uma comunidade discursiva. Deste modo, podemos afirmar que o primeiro critério estabelecido por Swales é preenchido, satisfatoriamente, pelo grupo.

5.2. OS MECANISMOS DE INTERCOMUNICAÇÃO DOS TANANANS

Swales (1992: 10), ao reformular os critérios, afirma, categoricamente, que *sem mecanismos não há comunidade discursiva*. Parece óbvio afirmarmos que os mecanismos de intercomunicação sustentam e enriquecem o grupo, no sentido de os membros se conhecerem melhor e cooperarem para que a comunidade cresça em sua identidade e propósitos. Os mecanismos de intercomunicação representam, assim, os meios pelos quais os membros se comunicam, ou nas palavras de Swales (1992: 11) *testam suas formas e canais de comunicação*.

Sendo uma comunidade discursiva que nasceu dentro de uma esfera complexa de comunicação como a *Web*, é previsível que os *Tananans* desenvolvam, dentro da própria esfera, outros mecanismos de intercomunicação que não só o *chat*. Entre esses mecanismos existe a troca de *e-mails* entre os membros. Esse mecanismo é utilizado, seja para aproximar cada vez mais os membros, seja para passar informações relevantes ao grupo. Na figura 04, abaixo, mostramos um *e-mail* que evidencia uma preocupação técnica.

FIGURA 04
E-MAIL ENVIADO A TODA A COMUNIDADE

De: gusm@gusm.com.br

Para: jucra@hotmail.com

Assunto: MURAL-CORRIGIDO

Data: 16 May 2002 03:02:13 -0000

Amigos.... conseguimos resolver o problema que estava havendo com o muro.Arranjamos um outro local apara pôr o BANCO de DADOS Para quem gosta de acesar direto.. O endereço é:

<http://softnews.info/sites/gusm/muro/muro.htm>

A Página Perfil tá no AR... Você agora preenche seus dados e na hora vai está ONLINE.

GUSM Oh Yessssssssssssssssssssssssssssss

Estamos ligados quase que 24horas para bem servi-los.

COLUNA TANANANAN... esse site é SEU... use, mas não abuse...

<http://www.gusm.com.br/colunatananan>

Responsáveis: GUSM: gusm@gusm.com.br FAITH: ehelry@bol.com.br

Este *e-mail*, enviado a todos os *Tananans*, anuncia a resolução de um problema ocorrido na página⁵⁴ <http://www.gusm.com.br/colunatananan>. O autor do *e-mail* é o participante **GUSM Oh Yessssssssssssssssssssssssss**, um dos membros mais antigos e idealizador da “Coluna Tananan”, que corresponde a uma das páginas eletrônicas do grupo, atualizada, diariamente, devido ao constante uso dos membros em sessões como, “muro”, “paredão”, “*e-messenger*” e outros serviços, conforme ainda veremos nesta sessão.

A temática deste *e-mail* diz respeito a um problema ocorrido em relação ao *software* do “muro”, um local dentro da *home page* dedicado aos recados, e que foi percebido pelo *web designer*. Como o “muro” ficou “fora do ar”, durante um tempo, toda a comunidade reclamou, pois se trata de um espaço bastante utilizado pelos membros do grupo. O exemplo (22), a seguir, mostra que além desses *e-mails* mais “formais”, os membros utilizam este mecanismo para se comunicar, também, de maneira afetuosa com o objetivo de estreitar os laços e fortalecer a amizade.

- (22)

(12:54:48) **Đ;@mäütø mügro™** fala para **Seçretå f@ëë™**: eu ja vou indo viu

(12:55:21) **Seçretå f@ëë™** grita com **Đ;@mäütø mügro™**: ok..tudo bem num tá abrindo, c tem meu e-mail..depois c manda...

(12:55:38) **Đ;@mäütø mügro™** fala para **Seçretå f@ëë™**: mando sim

(12:55:44) **Seçretå f@ëë™** grita com **ø çâriøçå c/ gerador**: puxa! Nem respondi seu e-mail. Aliás os Tananans devem estar loucos pq nunca mais escrevi pra hlera

O exemplo (22), acima, demonstra que a troca de *e-mails* entre os *Tananans* não assume só o caráter apresentado na figura 04, mas também serve para aproximar os participantes. Vê-se que a frase “*aliás os Tananans devem estar loucos pq nunca mais escrevi pra hlera*”, retirada de (22), evidencia que a troca de *e-mails* entre os membros é uma constante, embora **Seçretå f@ëë™** confesse que esteja em débito com os amigos, o que parece se configurar em um caso isolado.

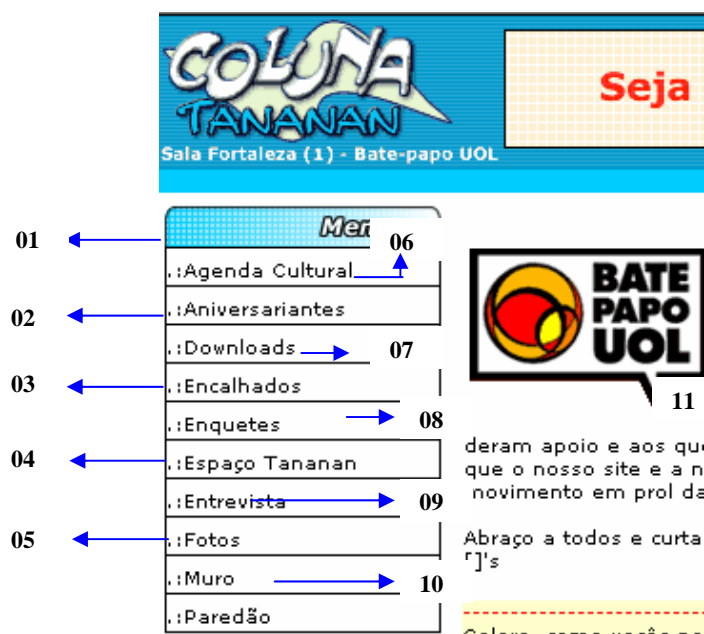
⁵⁴ Na época era este o endereço, mas agora, devido às constantes atualizações, o *site* dos *Tananans* é <http://www.colunatananan.com.br>

Como se pode constatar, o *e-mail* consiste em um forte mecanismo de intercomunicação, mas não é o único. Como o *e-mail* apresentado na figura 05 demonstra, os *Tananans* se utilizam muito de suas *home pages* que, por sua vez, hospedam outros mecanismos tanto de intercomunicação quanto de participação. O grupo conta com muitas páginas. No entanto, as mais visitadas e, portanto, consideradas as oficiais são:

- <http://www.betocereal.com.br>
- <http://www.gusm.com.br/colunatananan>

Apesar de a primeira delas ser a mais antiga, nos deteremos na segunda *home page* mais visitada pelo grupo porque esta oferece mais serviços que permitem a intercomunicação entre os membros. Observemos na tela 05, abaixo, o recorte que fizemos, a fim de localizar estes mecanismos de intercomunicação, para, posteriormente, descrevermos cada um deles.

TELA 05
MECANISMOS DE INTECOMUNICAÇÃO



Observa-se que a tela, acima, se apresenta recortada e legendada. O recorte foi feito para facilitar a visualização da legenda, permitindo que a localização de cada mecanismo ficasse mais precisa. Seguindo a numeração, observa-se que os *Tananans* utilizam os seguintes mecanismos de intercomunicação: 1. Agenda cultural; 2.

Downloads; 3. Enquetes; 4. Entrevista; 5. Muro; 6. Aniversariantes; 7. Encalhados; 8. Espaço *Tananans*; 9. Fotos; 10. Paredão; 11. *Chat*.

A opção 1 permite que os membros troquem informações sobre arte, literatura, espetáculos, shows e outros eventos culturais freqüentados pelos *Tananans*. Estes eventos são divulgados na *home page*. Verifica-se que tais eventos, além de tornarem-se tópicos das conversações da sala de *chat*, motivam o surgimento de “sobrenicks”⁵⁵ como sugere (23), o qual traz como tópico o show que o cantor Zeca Pagodinho fez em Fortaleza.

- (23)

(12:41:40) MEL(*_*)ZecaPagodinho: *grita com* £!!@ no pagode: TU VIU NA HP????? TU VAI TB???

(12:42:11) £!!@ no pagode *grita com* MEL(*_*)ZecaPagodinho: DIX MIGA K VOW TOMAR 1S K ELE LÁ NO PALCO...KKKKKKKKKKKKK AI KEM ME DERA

Como o grupo é formado por *internautas*, o *site* reserva, também, uma *home page* com muitos *downloads*, já que *uma das ações preferidas de todos os internautas é a transferência de arquivos para o seu computador* (Demétrio, 2001: 217). O mecanismo 2 realmente é de intercomunicação, pois a grande maioria dos *Tananans* “baixam” da *Internet* programas que possam estreitar ainda mais o contato uns com os outros. Alguns dos programas que mais despertam o interesse da turma é o ICQ e o MSN *Messenger* da *Microsoft*. Tais programas também são de bate-papo instantâneo na Rede, conforme sugere (24).

- (24)

(13:02:53) ¢»£ø@ä £øk«¢ *grita com* TODOS : gentemmmm baxeí o

ICQ... agora posso falar + k vcs...

(13:03:57) §µTĩñhåHøT *grita com* ¢»£ø@ä £øk«¢: teh k fim... hein???

⁵⁵ Expressões equivalentes ao “sobrenome”. São utilizadas para fazer referencia a eventos ou, conforme veremos, a pessoas do grupo que sejam importantes como namorados.

Verifica-se que as expressões grifadas de (24) denotam que os membros, de fato, consideram o bate-papo pelo ICQ como um importante mecanismo de interação. Observa-se, ainda, que «»£ø®ä £øk«» demorou algum tempo até fazer o *download* do referido programa e a censura de sua interagente denota que tal demora não se justifica, já que a *home page* do grupo disponibiliza este serviço.

As enquetes, opção 3, são uma grande forma de avaliar novos membros, discutir alguns problemas sérios no grupo, a fim de verificar o posicionamento da maioria. Este mecanismo serve também para estimular a amizade, propondo escolhas bem humoradas. O exemplo (25) mostra um membro conversando com um dos criadores da enquete.

- (25)

(20:27:19) ***^*£indaÄgnes** grita com C€R€Ä£ Kİff€R™: to zoando por aqui, hoje respondi tua enquete... aproveita e pergiunta quem quer ser meu novo namorado?

Constata-se que “responder” à enquete é uma prática corriqueira do grupo. Pareceu-nos, que este mecanismo, por ser tão utilizado, passou a assumir um caráter, também, recreativo, como se verifica na figura 05.

FIGURA 05

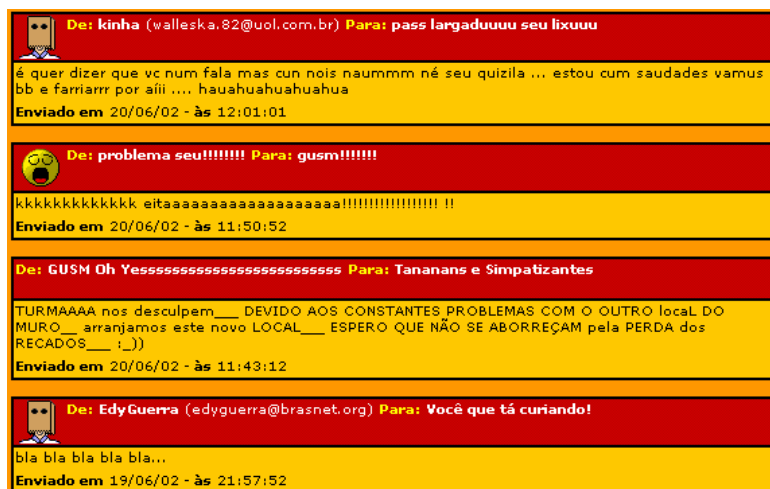
QUAL O CASAL TANANAN MAIS BONITO?



O mecanismo 4 se refere às entrevistas. A cada semana, dois membros do grupo são entrevistados pelos demais. Esta interação se dá de maneira assíncrona, pois as

TELA 06

O MURO



O “muro” apresenta algumas características próprias como: envio de imagens (optativo); *nickname* do enunciador (geralmente seguido de seu *e-mail*) e *nickname* do enunciatário; data e horário do envio. Estas características são similares às utilizadas no *chat* como abreviações, nasalidade marcada pelo segmento *-aum*, usos de repetições de letras e sinais de pontuação, *emoticons* e envio de imagens para simular aspectos paralingüísticos da comunicação face a face. O fluxo de mensagens é tão grande que se pode, facilmente, perceber uma conversação assíncrona sendo desenvolvida por alguns.

Por meio do mecanismo 6, os membros podem consultar quem são os aniversariantes do mês, a fim de não esquecerem de enviar cartões virtuais e realizar, inclusive, as famosas festas de “niver” (abreviação de aniversário), tão comuns entre eles, como mostra (27), abaixo.

- (27)
(13:14:28) ==[pequena]==- grita com TODOS: : VIRAM NA HP NEH?? VAMU COMEMORAR O NIVER DA “TIJOLIN“ NO RANCHO DO COWBOY(NA FILOMENO GOMES...PREDIO JATHAY- VIZINHO AO LICEU CEARÁ-JACARECANGA) DIA 24/06 AS 10:00HS...COM DIREITO A BNH DE PISCINA....HS LEVAM AS BEBIDAS E AS MS VAUM PREPARAR 1

ÓTIMA FJDA...UHUUUU..BORA MEU POVO PASSAR 1DMNG DOIDEIRA
JUNTOS..BEIJOSSSS

Verifica-se que a autora de (27) menciona o mecanismo 6 na sala de *chat*. A expressão “*VIRAM NA HP NEH??*” mostra que todos consultam a opção 6, de modo que o planejamento da festa da *Tananan* “TIJOLIN” aparece como algo previsível para os membros do grupo.

Na sessão 7, estão listados os *Tananans* que não têm namorado(a)s. O objetivo é fazer com que os membros que estejam comungando da mesma situação se comuniquem, a fim de propiciar novos casais *Tananans*. Este mecanismo corrobora o artigo 5 do **CÓDIGO TANANAN**, visto na figura 03. No exemplo (20), dado anteriormente, verificamos a preocupação do grupo em relação a este assunto. Esta temática é tão relevante entre os membros que tem gerado os “sobrenicks”. Algumas *internautas* adotam, como “sobrenicks”, os *nicknames* dos namorados, com algumas adaptações, como se fosse uma atitude de “demarcar território”, conforme mostra o quadro 05.

QUADRO 05
ALGUNS SOBRENICKS

| <i>Nicknames dos Rapazes</i> | <i>Nicknames das Meninas</i> |
|------------------------------|------------------------------|
| Gusm Oh Yesssssss! | P@nzinh@ Oh Yesssssss! |
| NokululeOon@h@h | -=[pequena]=- Noku |
| ßãñõit Šágāž | Srã.Ságāž™ |
| Sølz;µhøFørrøzç;rø | £çµµĩµhåFørrøzç;rå |
| £dÿ...* | Amordo£dÿ...* |

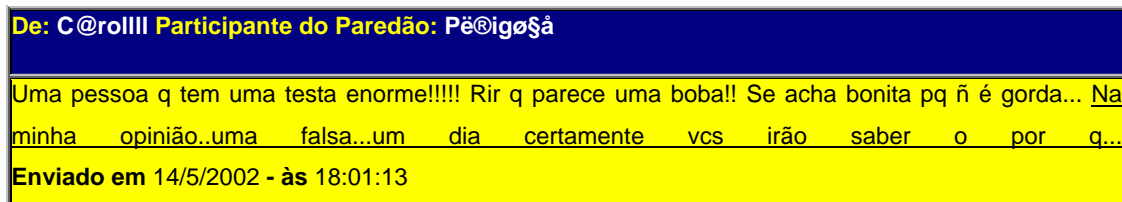
A opção 8, chamada *espaço tananan*, permite que os membros enviem crônicas, poemas e outros gêneros do domínio discursivo literário. Além disso, nesse espaço, os membros podem fazer reclamações e elogios a quem quiser.

Na sessão indicada em 9, os *internautas* têm acesso a um banco de fotos dos membros do grupo. Este mecanismo cria oportunidade para que os membros se

conheçam melhor e, principalmente, favorece o entrosamento de novos *Tananans* com os antigos. Geralmente se conhecem pelo *chat* e consultam as fotos, a fim de ver como é, fisicamente, o amigo virtual. Deste modo, quando há o encontro *off-line* fica fácil se identificarem uns aos outros. Além disso, o grupo tem crescido muito e atraído para a sala 01 muitos simpatizantes, de maneira que existem *Tananans* em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília, em Recife, em Portugal e na Bélgica. Neste sentido, a opção indicada em 9 permite ao usuário “conhecer” os membros que não são de Fortaleza, sede e origem do grupo.

O mecanismo 10 é representado pelo paredão. Neste espaço um membro se candidata para ir ao paredão e todos os outros poderão realizar uma espécie de sabatina, tecendo críticas, elogios e outros comentários. Tudo indica que o nome dado a este mecanismo advém da forte influência do programa de *reality show* chamado *Big Brother Brasil* (BBB), promovido pela Rede Globo de Televisão. A tela 07 reproduz um exemplo de mensagem veiculada pelo referido mecanismo.

TELA 07 O PAREDÃO

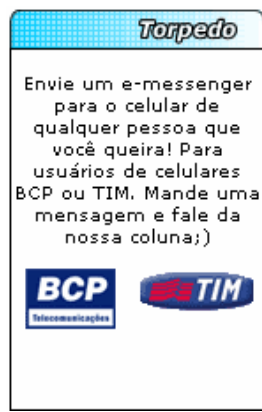


Verifica-se que C@rolllll, autora da mensagem enviada, manifesta seu repúdio à Pë@igøšã, realizando um dos propósitos desse mecanismo que é o de criticar o membro que se candidata ao paredão.

Finalmente, 11 é o mecanismo mais utilizado e mais difundido no grupo que é a sala de *chat* do provedor UOL. Evidentemente não se trata de qualquer sala UOL, mas única e exclusivamente a sala 01 de Fortaleza, da categoria **idades e regiões**. Foi nesta sala onde tudo começou e por esta razão existe um *link* no *site* do grupo, a fim de conduzir, em um clicar de *mouse*, os *Tananans* para sua sala predileta.

Para finalizar, mostraremos, na tela 08, talvez um dos mecanismos mais utilizados pelos *Tananans*, depois do *chat*.

TELA 08
E-MESSENGER



Como podemos perceber, há uma sessão na “Coluna Tananan” que mostra dois *links* sob a forma de imagem, importantes para a manutenção da intercomunicação dentro do grupo. São os *links* dos serviços de telefonia celular da BCP e da TIM NORDESTE, os quais permitem que os membros troquem *e-messenger* (ou torpedos), via celular, entre si. Observa-se, ainda, um *emoticon*, indicando uma piscadela de olho. Esta marca evidencia uma forte escolha (para)lingüística dos *Tananans*, enquanto *teclam* na sala de *chat* ou via celular.

Além dos recursos de intercomunicação oferecidos pela *Web*, este grupo, certamente, se utiliza do telefone fixo e do móvel para manter contato. A atividade intensa de intercomunicação revela que os *Tananans* buscam manter seus valores e identidade como grupo, o que reforça a nossa hipótese de que uma prática comunicativa tão regular e diversificada pode desenvolver, em um grupo virtual, o perfil de uma legítima comunidade discursiva.

5.3. OS MECANISMOS DE PARTICIPAÇÃO DOS TANANANS

Swales (1992), mesmo após a reformulação dos critérios, continuou, de certo modo, a fechar muito seu conceito de comunidade discursiva. Talvez isso se explique porque o termo assume um caráter flutuante na literatura, de modo que esse autor, no desejo de contribuir para delimitar o que diferenciaria uma comunidade discursiva de

outras que não assumiam este perfil, acabou por minimizar a heterogeneidade das práticas de linguagem. Autores como Bonini (1998), chegaram a constatar que os referidos critérios não contemplavam, por exemplo, a comunidade discursiva dos jornalistas. Por esta razão, em um outro trabalho, Bonini (2002), para fazer validar a hipótese de que existe uma comunidade discursiva dos jornalistas, redimensiona o referido conceito⁵⁶.

Em relação ao nosso objeto de estudo, essa restrição pode ser verificada na aplicação do terceiro critério, enunciado por Swales (1992: 10), segundo o qual

uma comunidade discursiva usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para promover o incremento da informação e do *feedback*; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e **para aumentar seu espaço profissional** [grifo nosso].

Dos propósitos que figuram nos mecanismos de participação, julgamos instrutivo refletirmos acerca do trecho grifado, pois caso fôssemos seguir, radicalmente, a aplicação do critério transcrito acima, nossa hipótese de que esta comunidade virtual é, também, uma comunidade discursiva poderia ser questionada, uma vez que os *Tananans* não são um grupo de profissionais, de maneira que o referido aspecto não se encaixa em seus propósitos.

Acerca desse problema, o próprio Swales (1992) afirma que *a verdadeira comunidade discursiva pode ser mais rara e esotérica do que pensava* (p.09) e que, *apesar do esforço em definir e estabelecer critérios, o conceito [...] parece obscuro* (p. 15). Além disso, o autor inclui os *interesses recreativos* (p. 08) entre os objetivos comuns de uma comunidade discursiva. Desta maneira, consideramos natural que esses critérios não se apresentem como uma fórmula matemática que se adequa, perfeitamente, a toda e qualquer comunidade discursiva. Por esta razão é que se faz necessário observar as peculiaridades do objeto.

⁵⁶ Bonini (2002: 156) propõe uma visão tripartida de comunidade discursiva, a saber: protocomunidade discursiva, comunidade discursiva simples e comunidade discursiva complexa. Segundo o autor, tal classificação daria conta de estudar os jornalistas como uma comunidade discursiva.

Neste sentido, constataremos, a seguir, que os mecanismos de participação dos *Tananans* promovem o incremento e o *feedback* da informação, canalizam a informação e, finalmente, mantêm as crenças e valores do grupo, permitindo, com sucesso, a aplicação do quarto critério.

5.3.1 INCREMENTO E *FEEDBACK* DA INFORMAÇÃO

Quanto ao incremento da informação, o grupo utiliza muito as enquetes, como mostramos em (25), e das *home pages*. As páginas eletrônicas, especialmente a “Coluna Tananan”, por ser atualizada diariamente, evidenciam que a informação é, notoriamente, incrementada entre o grupo. O exemplo (28) mostra o quanto as páginas eletrônicas representam para o grupo, no sentido de promover o incremento da informação:

- (28)

(23:15:26) **P4SSOL4RGO GU3RR3IRO** grita com Naum: qual pagina k c foi? a www.gusm.com.br/colunatananan?

(23:15:58) Naum fala para P4SSOL4RGO GU3RR3IRO: ñ conhecia essa. Fui na www.betocereal.hpg.com.br

(23:16:23) Naum fala para P4SSOL4RGO GU3RR3IRO: então o grupo tem duas páginas? k bakana saber

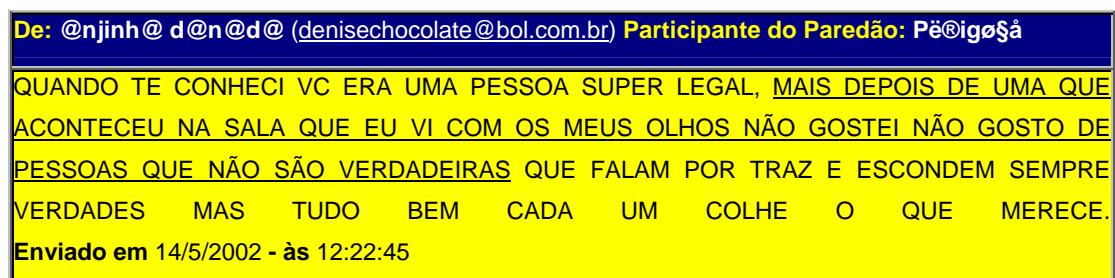
(23:17:09) **P4SSOL4RGO GU3RR3IRO** grita com Naum: tem ate outras, sempre alguem do grupo kria uma agap , mas algumas vaum desaparecendo, outras surgindo... a doo gusm resiste firme... atualizada diariamente... e a oficial de nossa TURMA

(23:52:28) **P4SSOL4RGO GU3RR3IRO** grita com Naum: meu chapa va nesse site: www.gusm.com.br/colunatananan, vc vai ter um orgasmoo hehehehe de tanta informação sobre nos.. é serio... lá tem de tudo...

Este diálogo, que mantemos com o *Tananan* **P4SSOL4RGO GU3RR3IRO**, demonstra que, das páginas eletrônicas mantidas pelo grupo, a “Coluna Tananan” é a única que promove informações atualizadas. Consideramos, ainda, que este fato possibilita o *feedback* da informação, uma vez que se pode encontrar retomadas de

assuntos discutidos na sala de *chat* em algumas sessões da página eletrônica como mostra a tela 09, abaixo.

TELA 09
FEEDBACK NO PAREDÃO



Observa-se, na mensagem da tela, acima, que durante uma interação na sala de *chat* a **Tananan** Pê@igøšã deve ter decepcionado @njinh@ d@n@d@, de modo que esta utiliza o paredão para responder à suposta atitude julgada como sendo de uma pessoa que não é verdadeira. Verifica-se, neste fato, que a *home page*, além de incrementar a informação, como salienta (28), promove resposta a atitudes e ações que tenham ocorrido durante as interações via *chat*, ou seja, o *feedback*.

5.3.2 DESEJO PELA INOVAÇÃO

Outros mecanismos de participação foram surgindo, além daqueles vivenciados pela comunicação intermediada pelo computador. A necessidade de estreitar laços e de se conhecer pessoalmente forçou o aparecimento dos encontros *off-line*, cujas variações vão desde as festas de aniversários e viagens até aos famosos encontros de sexta feira à noite e os que acontecem na ponte metálica⁵⁷, aos sábados. Em (29), apresentaremos um pequeno diálogo, cujo tópico são os encontros acima referidos.

- (29)
(12:49:02) **Secretã videokê @** grita com b@nb@n@: Oi meu lindo, foi ontem?

⁵⁷ Na praia de Iracema em Fortaleza

(12:52:01) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: naum e vc foi??????
preciso inovar tb só no chat naum da neh???????????

(12:53:03) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: os Tananas vaum onde
 hj???????

(12:53:28) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: lá na sorveteria da minha
 mãe.. legal neh???????

(12:55:29) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: k novi !!!! e k horas
 começa o tananiamento da turma???????

Constata-se que os encontros *off-line* representam uma novidade no grupo, uma vez que os interlocutores de (29) demonstram, nas expressões grifadas, contentamento com este tipo de interação. Compreendemos que este mecanismo de participação confere ao grupo um desejo pela inovação, inclusive pela variedade de encontros *off-line* que o grupo realiza. Observa-se, em (29), que ao apontar a sorveteria de sua mãe como o local do encontro, **Seçretå videokê ®** e seu interlocutor consideram o fato inovador.

5.3.3 CRENÇAS E VALORES

Na realidade, tanto o incremento da informação quanto o desejo pela inovação traduzem, simultaneamente, a tentativa de *manter os sistemas de crenças e de valores* (Swales, 1992: 10) do grupo. O “preâmbulo” do **CÓDIGO TANANAN**, apresentado na figura 03, pode ilustrar essa atitude dos *internautas*. Observa-se, ainda, que o exemplo (30), abaixo, evidencia os encontros *off-line*, os quais despertam valores e crenças.

- (30)
 (13: 11: 11) **Dick Vigarista** grita com TODOS: parabens galera. O enkontro de sábado foi sensacional todo mundo junto numa turma so, sem panelinha nem fuxico. Somos a melhor turma da net.

Os trechos grifados em (30) revelam valores e crença significativas. Observa-se que a amizade e a união são ressaltadas na mensagem, acima, como valores nobres para o grupo. Além disso, tais sentimentos reforçam a unidade dos participantes e a crença

revelada pela autotitulação “*a melhor turma da net*”. Para nós, (30) nos interessa na medida em que ultrapassa, conforme Swales (1992: 13), a *comunicação ‘per se’* e adentra no terreno das *poderosas funções relacionais e psicológicas* [que, por sua vez, revelam] *filiação e compromisso* uns para com os outros, desenvolvendo valores e crenças.

Com base na discussão e nos exemplos dados, podemos concluir que, embora o grupo não atenda ao propósito de desenvolvimento profissional, o critério em análise mostra-se aplicável, na medida em que a prática comunicativa desses *internautas* faz surgir os mecanismos de participação que revelam outros propósitos. Estes, previstos pelo autor, são o desejo pela inovação, a necessidade de promover *feedbacks* e, sobretudo, o fortalecimento das crenças e valores que unem seus membros.

5.4. OS GÊNEROS QUE ORGANIZAM A COMUNICAÇÃO ENTRE OS *TANANANS*

Segundo o argumento de Swales (1992: 11), os gêneros, utilizados por uma comunidade discursiva, são estratégias para o alcance dos objetivos comuns e para a prática dos mecanismos de participação. Observa-se, desta maneira, que o presente critério está, imediatamente, associado ao primeiro e ao terceiro. Eis então a razão pela qual o *chat*, utilizado pelo grupo, pode ser apontado como ilustração dos critérios supracitados.

Esta constatação nos autoriza a afirmar que o referido evento *per se* não consiste a comunidade discursiva dos *Tananans*, mas o gênero mais importante, o qual propicia suporte verbal *para os interesses comunicativos do conjunto de objetivos* (Swales, 1990: 09) do grupo, além de ser também um forte mecanismo que efetiva a participação dos membros. Porém, como descrevemos o *chat*, no capítulo 04, cumpre-nos, nesta sessão, apresentarmos outros gêneros que organizam a comunicação entre os *Tananans*. Faz-se necessário salientar que não assumimos, nesta sessão, o empreendimento de descrever esses gêneros, mas de apresentá-los, apenas, como suporte da comunicação verbal dos *internautas*.

Durante o período em que realizamos a etnografia no grupo, observamos que, em meio às interações via *chat*, ocorriam outras manifestações genéricas. Isto se deve

ao fato de que os gêneros do discurso não servem a propósitos únicos, pois, conforme salienta Bhatia (1997), os gêneros tendem a se imbricarem, o que nos encoraja a afirmar que, além de entretenimento, o *chat* apresenta outros propósitos comunicativos. Acerca desta questão, Maingueneau (1997) certifica que *os gêneros encaixam-se, freqüentemente, uns nos outros* (p. 35) e, por tal razão, segundo argumenta o autor, é difícil manejá-los com precisão. Os exemplos apresentados e discutidos, abaixo, mostram a imbricação de alguns padrões genéricos dentro do *chat*.

- (31)
(13:12:57) **www.bingonetbrasil.com.br:** [Lqx 2.0] Entrem no www.bingonetbrasil.com.br e divirtam-se Jogando bingo é totalmente Gratuito CADASTREM-SE (Não necessita de N° de RG nem CPF) Chamem os amigos

- (32)
(23:12:23)**Florais:** entra na sala...
(23:12:26)**Florais:** Entre em <http://florais.ismy.net> e responda nosso questionário... Pelo menor preço lhe enviaremos uma análise por e-mail e florais por Sedex com a melhor combinação para seu estado refletido nas respostas...

Os exemplos, acima, apresentam marcas do gênero anúncio. Verifica-se o uso de verbos no imperativo em (31) como **entrem**, **divirtam-se**, **cadastrem-se**, **chamem** e em (32) como **entre** e **responda**. Em adendo, observa-se a utilização de expressões como **divirtam-se**, **é totalmente gratuito** e **não necessita de N° de RG nem CPF** em (31), além de outras como **menor preço** e **enviaremos (...)** **por sedex** como se pode constatar no exemplo (32). Compreendemos que estas expressões são estratégias discursivas de convencimento para conquistar o cliente e vender o produto, o que nos leva a associá-las às marcas *relativamente estáveis* dos gêneros publicitários. Segundo Kaufman & Rodríguez (1995), estas marcas criam *no receptor a necessidade de comprar* o produto (p. 40), pois elas o *situam no mundo desejado* (p. 41).

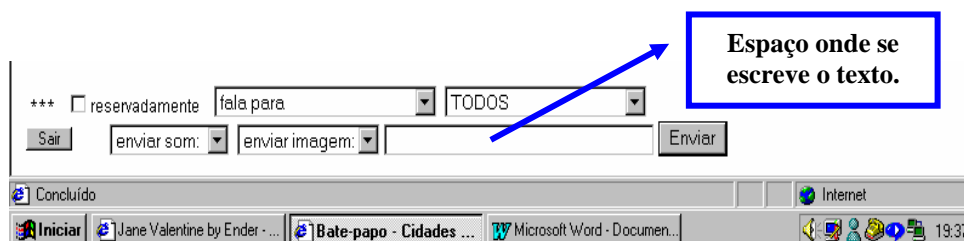
O exemplo (33), abaixo, sugere uma **RECEITA PARA FICAR FORTE** (Grifo nosso), no entanto, dada a imbricação e a mistura, poderíamos nos perguntar se, realmente, trata-se de uma **receita** ou de uma **piada**.

- (33)

(00:33:24) **Mr. bomba** *grita com* **HOMEM-BOMBA-IRADO: RECEITA PARA FICAR FORTE CASCA DE NOZES ,3 PATA DE UMA ARANHA (SE COMER A PATA ERRADA VAI FICAR COM CARA DE ARANHA) 1 OSSO DE GAMBÁ DA PATAGONIA ,UMA ASA DE MORCEGO AFRICANO E POR ULTIMO O CABELO DA MULHER MAIS FEIA QUE VC CONHEÇA**

Observa-se que, em relação aos aspectos formais, podemos reconhecer, na listagem dos ingredientes, a estrutura canônica da primeira parte da receita. Porém, nos chama a atenção que esta parte formal, comumente, apresentada sob a forma de coluna, apareça organizada, horizontalmente, por imposição da tecnologia à escrita no *chat*, a qual se desenvolve no espaço demonstrado na tela 10, abaixo.

TELA 10
JANELA DE CONVERSAÇÃO



Ainda sobre a listagem dos ingredientes, observa-se que em (33) apenas três dos cinco itens que aparecem na lista apresentam a dosagem e/ou medida especificada: **3 pata de aranha, 1 osso de gambá e uma asa de morcego**. Os itens **casca de nozes e cabelo** aparecem sem as medidas necessárias, o que imprime, na suposta receita, a idéia de ser o todo. Neste caso, como a receita é um gênero que evoca uma estrutura procedural, como bem observa Paredes Silva (1997: 91) e uma seqüência textual prototípica, a injunção (Adam, 1992), ficaria muito difícil, para quem fosse realizar tal receita, seguir o procedimento, já que não há uma medida definida para todos os ingredientes.

Ocorre, ainda, que (33) evidencia uma atividade epilingüística, a qual vem manifestada entre parênteses (SE COMER A PATA ERRADA VAI FICAR COM CARA DE ARANHA). Esta suspensão traz, para a suposta receita, um elemento

relevante para a imbricação genérica, o lúdico, portanto provoca o riso. Assim sendo, a receita começa a entrar em um processo de descaracterização e começa a se aproximar da piada.

Diante dessa imbricação e mistura, Marcuschi (2000a) considera que desde que *o modelo global de receita seja mantido* (p. 16), estaríamos diante de uma, o que não é o caso aqui, pois, além da listagem de ingredientes não seguir a estrutura canônica comum às receitas, (33) adentra no universo humorístico, típico da piada e, finalmente, a escrita segue as restrições impostas pelo programa de bate-papo, denotando as marcas estruturais e estilísticas do *chat*. Como se vê, esses três padrões genéricos (*chat*, receita e piada) se imbricam um dentro do outro, dificultando uma classificação⁵⁸.

Apresentaremos, a seguir, um outro caso de imbricação genérica. O exemplo, abaixo, parece ser uma notícia.

- (34)
(00:34:56) **Olha o tamanho do meu nick, grand grita com TODOS: Segundo o dossiê** do Le Monde, a primeira descrição clínica confiável da febre aftosa data de 1546. Neste ano, o médico Girolamo Frascato descreve o surgimento de uma doença na região de Frioul, que levava o gado a parar de comer sem uma causa aparente e, depois, adoecer seriamente com uma série de lesões na boca.

Constata-se que o trecho grifado denuncia uma expressão rotuladora de discurso reportado, já que o autor da mensagem retoma a expressão do jornal francês *Le Monde* para noticiar sobre a origem da *febre aftosa*, em sua sala de *chat*. Observa-se que o *internauta* utiliza uma linguagem formal para compor sua mensagem, usando a terceira pessoa para manter-se à margem do fato. Esta constatação, segundo Kaufman & Rodríguez (1995), caracteriza o texto noticioso. Assim sendo, este gênero aparece em meio a um bate-papo virtual dos *Tananans*, por acreditarmos que a notícia⁵⁹ também é um dos gêneros que dão suporte verbal ao grupo. Relacionamos (34) com o que relata Swales (1992: 11-12) sobre a intervenção feita por um dos participantes da comunidade

⁵⁸ Kathapalia, 1992 apud Bhatia (1997) considera estes casos como “*falsos gêneros*”.

⁵⁹ Na tela 13, pode-se verificar uma lista de várias notícias em tempo real, as quais o grupo tem acesso.

discursiva da qual faz parte⁶⁰: *ela nunca fala assim, a não ser quando as convenções de gênero dentro dessa comunidade discursiva a encorajam a fazê-lo.*

Outro gênero que merece destaque é a *home page*. O estudo de Komesu (2001) mostra que as páginas eletrônicas pessoais marcam o *surgimento de um novo gênero discursivo [...] marcado por fórmulas de comunicação mais rituais que informativas* (p.10). As marcas desse gênero, segundo a autora, são flagradas *a partir de uma escrita que se propõe como conversação* (p.14). Tal escrita se apresenta com traços da modalidade oral da língua, talvez por se tratar de *home page* pessoal, *o que aproxima a imagem de um escrevente [...] à imagem de um leitor amigo* (p.22).

Verificamos que, embora as páginas dos *Tananans* pertençam à coletividade, elas assumem o caráter de uma *home page* pessoal, dadas as características apresentadas por Komesu. Analisaremos, a seguir, a tela 11 com o objetivo de identificarmos as referidas características.

⁶⁰ Trata-se de *Audubon*, uma associação que se interessa por aves raras.

TELA 11
COLUNA TANANAN

The screenshot shows the website interface with the following elements and callouts:

- 1:** Points to the 'Menu' section on the left side of the page.
- 2:** Points to the 'Links' section in the bottom right corner.
- 3:** Points to the contact information (E-mails) in the central text area.
- 4:** Points to the 'Olá!' greeting in the central text area.
- 5:** Points to the 'Seja parceiro da Coluna Tananan' banner at the top.
- 6:** Points to the 'Muro' link in the 'Menu' section.
- 7:** Points to the 'Notícias' section at the bottom of the page.

The website content includes a header with the logo 'COLUNA TANANAN', a navigation menu, a central text area with a 'BATE PAPO UOL' logo, a 'Newsletter' sign-up form, a 'Torpedo' section for e-messenger, and a 'Notícias' section with a list of recent news items.

Seguindo a legenda, podemos verificar que, entre os elementos apontados por Komesu (2001) na caracterização desse gênero, encontramos os seguintes aspectos formais: 1- índice; 2- links; 3- endereços eletrônicos; 4- espaço de interlocução; 5- chat; 6- entrevista e 7- notícia. Concordamos com a autora que a caracterização da *home page* não se reduz aos aspectos formais, mas, sobretudo, à funcionalidade que tais aspectos

imprimem. Por esta razão é que, além de identificarmos algumas dessas marcas, ressaltaremos sua funcionalidade.

Na opção 1, o visitante da página acessa vários mecanismos de intercomunicação, conforme já mencionado na análise da tela 06. Em 2, os *links* conduzem o visitante a vários *sites* com os mais variados propósitos, a saber: envio de cartões virtuais, acesso a outros programas de bate-papo (ICQ), além dos *sites* de busca. Os itens 3 e 4 estão correlacionados, pois apresentam, respectivamente, as boas vindas aos visitantes e a possibilidade de estes interagirem, via *e-mail*, com os autores da página.

Os escreventes dessa página eletrônica constroem um espaço de interlocução, onde infundem forças ilocucionárias em sinais como pontos de exclamação e *emoticons*, tais como os que aparecem em 3 e 4. Relacionamos este fato com o que observa Komesu em relação ao *objetivo das páginas eletrônicas pessoais* [que] *é o de atrair a atenção do leitor e o de manter a comunicação digital* (p. 46). Esta comunicação pode ser, ainda, associada à noção de *relações intergenéricas* (p. 41), utilizada pela autora, para validar sua hipótese de que a *home page* é um gênero. Baseado nesta constituição heterogênea das páginas eletrônicas, é que destacamos na “Coluna Tananan” as opções 5 (*chat*), 6 (entrevista) e 7 (notícia) como marcas das relações intergenéricas, já que cada uma dessas opções indicam um gênero.

Nesta sessão, foi nosso interesse identificar e descrever um pouco cada gênero que organiza a prática comunicativa dos *Tananans*. Foi mostrado que além do *chat*, esse grupo se apropria de outras formas genéricas com o intuito de realizar, comunicativamente, seus objetivos. Desta forma, tal como afirma Swales (1990), os gêneros apresentados dão suporte verbal à comunicação entre os membros desta comunidade discursiva.

5.5. O LÉXICO “TANANÊS”

As comunidades discursivas, segundo Swales (1992: 14), apresentam especificidade lexical, causando estranhamento para os que não participam do grupo. Isto significa que deve existir um conhecimento partilhado entre os membros. O autor

salienta, ao citar Suchan & Dulek⁶¹, que os *hábitos de linguagem*, desenvolvidos por um grupo, denotam a pertença de um indivíduo a uma determinada comunidade discursiva. Neste sentido, conforme Swales (1990), entre os *hábitos de linguagem*, alguns grupos desenvolvem abreviações específicas, cujo uso, além de diferenciar membros mais antigos dos novos, suscita dificuldades de entendimento para os que não pertencem à comunidade. O caso também fora notado por Bernardino (2001) que mostra diferença entre membros antigos e novos no que diz respeito ao uso e à compreensão de algumas abreviações presentes no gênero depoimento que circula, via lista de discussão, entre os Alcoólicos Anônimos.

Em relação aos *Tananans*, pode-se verificar o critério lexical pelo menos por três maneiras: pelo uso de abreviações, pela formação de palavras e pelo uso de expressões relativas aos *nicknames*. Apresentaremos nossa análise seguindo a ordem dada. Verificaremos, ainda, que esta sessão evidenciará *os efeitos das características da comunidade discursiva sobre o gênero* (Swales, 1992: 16), uma vez que os índices em análise serão associados, também, como elementos estilísticos do *chat*.

5.5.1 AS ABREVIACÕES

Encontramos, nas cinco seqüências conversacionais isoladas para este estudo, dois tipos de abreviações: um que abrevia expressões ou frases inteiras e o outro que abrevia apenas uma palavra. Mostraremos, primeiramente, um exemplo do primeiro tipo para, em seguida, apresentarmos e discutirmos o segundo.

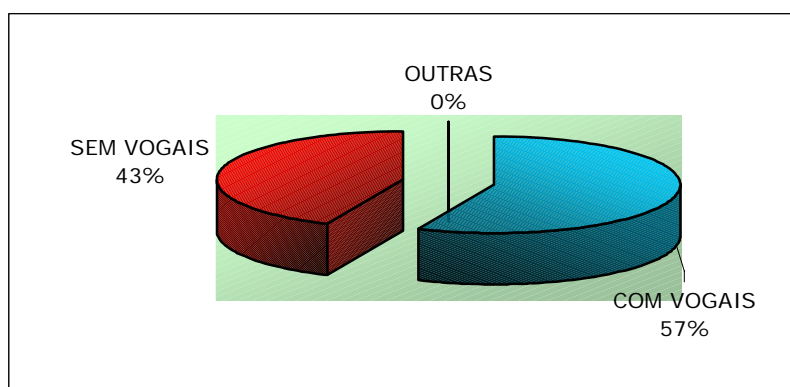
- (35)
 - (18:02:50) **Seçretâ Spice ®** grita com MORRAMED: e o KIKO?:O
 - (18:03:23) MORRAMED grita com Seçretâ Spice ®: QUEM DIABO É KIKO DOIDA?
 - (18:03:07) O CIENTISTA fala para Seçretâ Spice ®: o q é o KIKO?
 - (18:06:35) **Seçretâ Spice ®** grita com O CIENTISTA: brincadeira....quando a gente deix ´e o KIKO?`...quer dizer assim `e o ké ki eu tenho a ver com isso´....entendeu? é abreviação do tananês

⁶¹ SUCHAN, J. & DULEK, R. *A reassessment of clarity in written managerial communications*. MCQ 4, 87-99, 1990.

Conforme podemos observar em (35), uma frase inteira foi abreviada, causando estranheza a quem não pertencia ao grupo, de modo que tivemos de interpelar a *internauta*, a fim de entendermos seu sentido. Geralmente, este tipo de abreviação, embora não seja tão constante quanto a do segundo tipo, suscita um grau maior de estranhamento entre os que não pertencem ao grupo.

Quanto ao segundo tipo de abreviação, resolvemos estudá-lo, separadamente, por este se apresentar em dois subtipos: abreviação com exclusão de vogais e abreviação com inclusão de vogais. O gráfico 05, abaixo, representa esta escolha lingüística, separando abreviações com vogal e sem vogal.

GRÁFICO 05
DEMONSTRAÇÃO DAS ABREVIÇÕES



Conforme o gráfico, a incidência de formas abreviadas é muito expressiva. Observa-se que o grupo assume preferência pela forma abreviada com vogal, embora o outro tipo de abreviação mostre um percentual considerável. Percebeu-se que a escolha referente ao percentual de 43% diz respeito aos membros mais antigos do grupo e mais experientes com o gênero *chat*, como mostra (36).

- (36)

(01:19:02) »¶r;®« grita com Ø ©;ëñt;§t@: E AE PRF??? BLZ? A PSKZ T
FMZ? KD JÁ ABRVIA BM???

(01:20:48) Ø ©;ëñt;st@ grita com »¶r;®«: to aprendendo + ou - . Vc

ABREVIUO seu nick? pq??



(01:22:23) »¶r;®« grita com Ø ©;ëñt;st@: arhã...»¶r;®«: = PRISCILA ERA

GRNNND D+ GOSTOU??????????

Observa-se, segundo o exemplo dado, que há uma forma mais correta para abreviar no *chat*. Pela mensagem de »¶r;®« (Pri), membro antigo do grupo, constata-se que excluir vogais é a maneira mais aceita, pois (36) demonstra que algumas formas abreviadas só se tornam compreensíveis porque o som que cada letra evoca, assemelha-se à palavra, a qual representa. Este é o caso de KD (cadê) e BLZ (beleza). Em adendo, constata-se que abreviações como PRF (professor) e PSKZ (pesquisa) só se tornam menos herméticas porque os interagentes compartilham do contexto da conversa⁶².

As abreviações não só representam especificidade no léxico dos *Tananans*, como também denotam um aspecto estilístico muito relevante do gênero *chat*. A velocidade com que se dá este tipo de interação é tamanha que as abreviações se tornaram norma no discurso. Este fato se explica, conforme Jonsson (1997), porque existem muitas pessoas em interação na Rede e o desenvolvimento de abreviações⁶³, torna-se indispensável para que a velocidade destas interações se aproximem da velocidade da fala. Vale ressaltar que a autora destaca que esta prática diz respeito somente aos usuários mais experientes.

Assim sendo, além de associarmos as abreviações como marcas lexicais próprias do grupo, estamos relacionando o uso dessas formas como estilo do gênero, pois tais marcas mostraram que *a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionados na enunciação* (Bakhtin, 1981: 114). Isto significa que, longe de contaminar a língua enquanto sistema estável (Cf. Crystal, 2001), as abreviações no *chat* dos *Tananans*, consiste, antes de tudo, em marcas de um novo

⁶² O grupo já conhecia o propósito de nossa participação, portanto sabia que estávamos pesquisando as interações ocorridas na sala 01.

⁶³ Diante da necessidade de redução de caracteres que o *chat* impõe, consideramos relevante esclarecer que os subscritos e outros símbolos que fazem parte da composição dos *nicknames* não invalidam a leitura que fazemos da abreviação. Primeiro porque os *nicknames* não são feitos *ad hoc*, como as conversas, mas são guardados no computador pessoal de cada *internauta* e “colados” no momento em que este acessa a sala. Depois disso, os apelidos, automaticamente, surgem no monitor sem que o usuário precise reescrevê-lo a cada momento que for enviar uma mensagem.

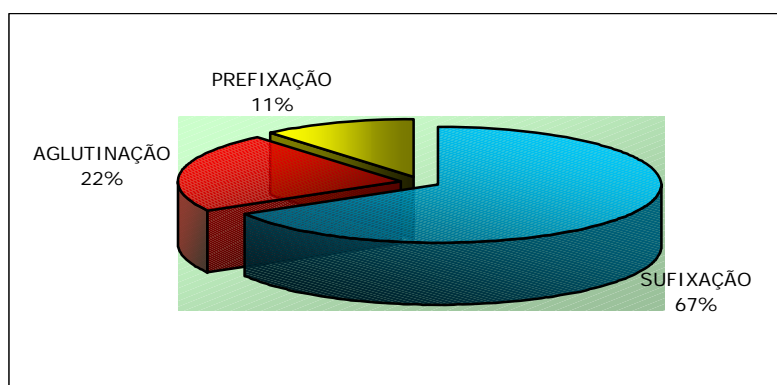
gênero, que por ser gerado de uma esfera complexa, como a *Web*, traz elementos peculiares em sua composição.

5.5.2 FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Há duas bases que consideramos relevantes no tocante à formação de palavras. A primeira diz respeito à palavra *Tananan*, nome do grupo, e a segunda se refere à palavra **reservadamente**, recurso, presente nas telas de *chat*, que permite que as interações ocorram, reservadamente, sem que os demais participantes tenham acesso ao texto conversacional. O que se verifica é que tais palavras são assumidas, coletivamente, como bases para a formação de outras palavras, através de processos previstos pelo sistema lingüístico, gerando um léxico idiossincrático. Partiremos da primeira base para, em seguida, apresentarmos a análise que faremos da segunda.

Verifica-se que os *internautas* utilizam os processos de derivação e composição para criar novas palavras, assumindo como base o nome do grupo. Entre as palavras oriundas do primeiro processo, encontramos incidências de sufixação e prefixação, enquanto em relação à composição, observamos casos de aglutinação. O gráfico 06 demonstra a distribuição percentual dessas criações lexicais.

GRÁFICO 06
FORMAÇÃO DE PALAVRAS



Constata-se, de acordo com o gráfico, que o processo de derivação sufixal é o mais produtivo para a criação de novas palavras. Este processo permite a criação de

Neste exemplo, temos mais um caso de formação de substantivo. Observa-se que tal palavra denota ação ou movimento. A forma grifada em (38) é, comumente, utilizada para se referir aos encontros *off-line*, promovidos pelo grupo. Assim como vimos em (37) e (38), este substantivo reforça a atmosfera de grupo fechado que os participantes querem imprimir na sala.

Além de substantivos, a derivação sufixal também é responsável pelo aparecimento de advérbios, adjetivos e verbos, conforme mostram, respectivamente, os exemplos abaixo.

- (39)
(20:24:36) ***^*findaÄgnes** *grita com amigo29*: o mais novo “MIGO“ tanananamente dizenu eh inf smmm :-)
- (40)
(12:58:30) **b@nb@n®** *grita com Seçretâ videokê ®*: naum tenho visto muito a hp to meio pu fora dos assuntos tananánicos. Nem seker tenho visto ozimeios....
- (41)
(12:59:00) **Seçretâ videokê ®** *grita com b@nb@n®*: Ta lesgal. Pense no siteaum!!!! Pode tananiar a vtd pq eh bm.

Verifica-se que em (39) o *internauta* adverbializa sua mensagem, utilizando duas vogais de ligação para formar a nova palavra mais o sufixo *-mente*. De acordo com os gramáticos, como Bechara (1997), tal sufixo permite a criação de advérbios de modo. No caso do exemplo dado, percebe-se que o grupo assume um modo específico de enunciar. Em (40), a palavra formada ganha *status* de adjetivo graças à junção do sufixo *-ico* à base. Finalmente, em (41), pode-se verificar a presença de um verbo, cujo sentido é o de *navegar* pelo *site*. Sob a mesma forma, este verbo pode assumir o sentido de conversar, como mostram outras ocorrências.

Além da sufixação, o grupo também utiliza a prefixação, embora o faça com menos frequência, conforme se constata em (42), no qual o uso do prefixo *anti* acentua

comentários a respeito de *internautas*, que não pertencem ao grupo, e, imediatamente, torna-se *persona non grata*, perturbando a ordem da sala.

- (42)
(00:31:59) **!ñd!ñhä** grita com §µ¶ €® V@K@: dexesse abestado antitananan pra lá, miga.

Para encerrar a discussão a respeito da formação de palavras a partir da primeira base, mostraremos dois exemplos de ocorrências, cujo processo de formação é o de composição por aglutinação.

- (43)
(20:25:54) ***^*ñndaÄgnes** grita com amigo29: o cereal é mais um tananauta, mas axo kele kaiu. O kara é l dos primeiros, pense no respeito k Hlera tm..
- (44)
(15:17:54) **NokululeOon@h@h** grita com TODOS: SENHORES PASSAGEIROS..DA TANANAVE APERTEM OS CINTOS PARA OUVIR OS MELHORES MIDIS.....RS

Em ambos os exemplos, verifica-se que muitos dos elementos das palavras grifadas, acima, sofreram supressão, a fim de que pudessem ser criadas. O destaque de (43) evidencia a aglutinação entre **tananan + internauta** e é muito usado para se referir a um membro com participação assídua e ativa na sala de *chat* do grupo. Já o destaque de (44), a aglutinação entre **tananan + nave**, faz referência à sala como um todo, a qual é comparada, metaforicamente, a uma aeronave.

Em conclusão, podemos afirmar que a utilização do nome do grupo como base principal para a criação de palavras representa o interesse coletivo de manter o “contrato” lexical, no sentido que lhe dá Maingueneau (1997). O léxico que resulta desse contrato é, extremamente, idiossincrático e demonstra que o grupo não só produz um discurso próprio como também sabe administrá-lo (Maingueneau, 1998: 29).

Passaremos a mostrar exemplos de formação de palavras, cuja base é a palavra **reservadamente**. Essa palavra evoca o recurso, presente nas telas do *chat*, que ativa um bate-papo reservado, conforme indica a tela 12.

TELA 12
CHAT RESERVADO



Segundo o **CÓDIGO TANANAN**, apresentado na figura 03, tal recurso foi abolido totalmente pelo grupo, de modo que para expressar a ojeriza a este mecanismo, foram criadas novas palavras que passaram a se incorporar ao léxico “tanânês”. O objetivo do grupo é que as interações aconteçam, abertamente, de maneira que quando alguém transgride a norma tem sua “fala”, imediatamente, copiada e enviada para toda a sala. Esta prática é designada por Marcuschi (2002) de *citação de fala ‘ipsis verbis’*, a qual é vista pelo autor como algo que *é exclusivo desse gênero [chat]* (p. 25). Os exemplos (45), (46) e (47), abaixo, mostram casos de *citação de fala* que trazem formação de palavras.

- (45)
(22:44:17) **MãfãBã@i§ h22ä** grita com Naum: (22:44:30) dengosa *reservadamente fala para MãfãBã@i§ h22ä*: alguém a fim de te com garota de Aracaju? /// iiiiii pintou + 1 reserbesta na area dos Tananans
- (46)
(01:13:31) **Vã§çã;ñã** grita com TODOS: (01:13:17) **H*H - SEXO** *reservadamente fala para TODOS*: ALGUM CARA A FIM DE TECLAR?/// PLEASE RESERBICHA PERTURBANU OS MENINOS DA TURMA NAUM
- (47)

(00:14:38) §µ¶ € ® V@K@ grita com TODOS:
 (00:14:08)Educado/Tarado/Gostos29 reservadamente fala para §µ¶ €® V@K@:
 oiiiiiii // vcs viram?? este reserkant ??? MUUUUU

Nos três exemplos, verifica-se a presença das barras (//), indicando o fim da citação e o começo do comentário que é feito. É nos comentários que reside nossa atenção. Observa-se que em (45), o usuário aglutina a palavra **reservadamente** + **besta** para se referir a uma mensagem que lhe foi endereçada, usando o recurso indicado na tela 12. Esta palavra é utilizada para designar *internautas* que não conhecem as normas do grupo e, por isso, interferem nas interações. Igualmente, em (46) se verifica a aglutinação da palavra **bicha** à base já mencionada, publicando para toda a sala a mensagem que a *internauta* julga indesejada. A forma grifada é usada para se referir a *usuários* homossexuais que usam o *chat* como recurso para encontrar parceiros. Em (47), a palavra destacada faz alusão não à mensagem, mas ao *nickname* do autor da mensagem citada. Observa-se que após as barras, o comentário assume um tom jocoso para formar a palavra “reserkant”, combinação de **reservadamente** + **cantada**.

Embora o exemplo (48), abaixo, não apresente uma *citação de fala*, consideramos relevante citá-lo porque este evidencia uma palavra formada pelo processo de composição entre **reservadamente** + **internauta**, cuja utilização se restringe à rotulação de todo e qualquer membro do grupo que usa, indevidamente, o recurso indicado na tela 12.

- (48)
 (13:01:19) ®®Dr.Paulinho Carioca®® grita com TODOS: Oi, galerinha.... To de voltaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa.....E vamu tataniar no aberto pq naum sou resernauta naum... 😊

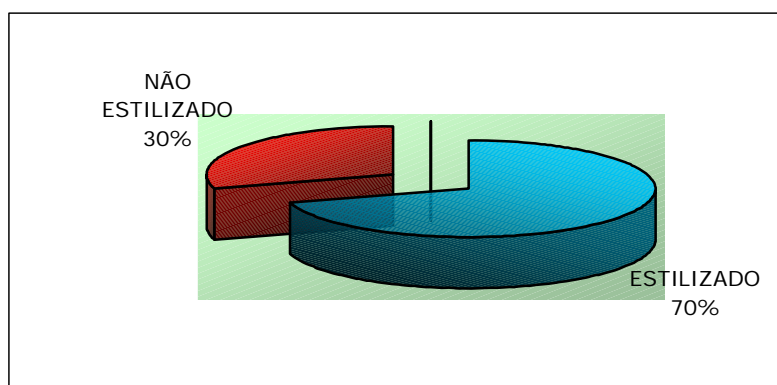
5.5.3 EXPRESSÕES RELATIVAS AOS NICKNAMES

O último caso a se considerar a respeito do léxico é o uso dos *nicknames*. Os membros do grupo são fiéis aos apelidos e vêem nele uma espécie de identidade. Acerca da questão, Crystal (2001) afirma que *o nick é a identidade eletrônica* [e sempre]

diz alguma coisa sobre quem são e como agem os usuários de chat. As pessoas que sentem que pertencem a um grupo particular desejarão conservar aquela identidade, quem sabe, assegurar que serão reconhecidos como sendo a mesma pessoa cada vez que acessar (p.160[grifo nosso]).

Assim, uma maneira de os *Tananans* se reconhecerem é a utilização de caracteres na composição dos *nicknames*⁶⁴. O gráfico 07 faz uma comparação entre *nicknames* que se apresentam com caracteres especiais e *nicknames* que se apresentam sem esses caracteres.

GRÁFICO 07
COMPARAÇÃO ENTRE NICKNAMES



Como se pode verificar, a maioria dos *nicknames* que encontramos nas cinco SCs é composta por caracteres especiais, e, dessa forma, quando algum membro do grupo esquece de utilizar tais caracteres em seu apelido, constata-se o uso de expressões que se referem à ausência desses índices, como ilustram os exemplos (49) e (50), a seguir.

⁶⁴ Ver tabela nos anexos.

- (49)
(17:36:23) **Secretá Spice ®** grita com O CIENTISTA: rs, não é que é tu mesmo!
Saudações tananênicas for you! :O)...kd os adereços de seu traje? Pq está sem roupa????
- (50)
(13:15:54) **Zûnu** grita com Arcaja Uriel: UoooooooooooooIIIIIIIIII
UoooooooooooooIIIIIIIIII e kd a roupinha do nick? Um Tananan tem sempre um nick
vestido ;-))))))

Além de mostrarmos as expressões grifadas, acima, decorrentes do uso dos *nicknames* como peculiaridades do léxico do grupo, estamos, neste estudo, considerando a escrita dos apelidos como elemento estilístico do gênero *chat*, haja vista estes apresentarem uma escrita estilizada com símbolos e outros caracteres, substituindo letras do alfabeto. Ao que parece, essa marca, pelo menos inicialmente, era restrita aos **Tananans**, mas já não é muito confiável identificar um membro do grupo por esta característica, pois segundo estes, a idéia tem-se expandido pelas outras salas, conquistando muitos adeptos.

Consoante propõe Crystal (2001: 161), os *nicknames* poderiam ser elencados segundo o significado que denotam, de modo que é possível encontramos apelidos ligados ao clube de futebol, como **cearamor** e **Vâşçã;ñã**; indicando o gentílico, como **ø çãriøçã** ou a idade, como **amigo 29**; pode ser, também, alusão a personalidades famosas da televisão, como **b@nb@n®**; além de *nicknames* híbridos no que se refere à mistura das línguas portuguesa e inglesa, como **C@R@£ ŠĀĜĀ£™** que reúne a adaptação da palavra inglesa *serial* com *sagal* e **šăµTĩnhâHøT** que combina a palavra “santinha” com a palavra inglesa *hot*. Embora seja possível organizar o estudo à maneira de Crystal (2001), preferimos estudar apenas como se apresenta a escrita desses apelidos porque, de acordo com o próprio autor, um estudo sobre as identidades que denotam os *nicknames* assume um caráter mais voltado para a Psicologia Social do que para a Lingüística (p. 166).

De acordo com o quadro apresentado no anexo 02, o uso de caracteres nos *nicks* é mais um elemento que contribui para a complexificação da escrita neste gênero. E

como a maioria das marcas desta escrita, não há uma regularidade, de modo que um mesmo símbolo pode assumir funções de letras ou sinais distintos. É o caso de **§µTiñhãHøT** e **§µ¶ €® V@K@**, onde a letra grega **µ** assume a função da letra **N** e da letra **U**, respectivamente. O mesmo acontece com **®®Dr.Paulinho Carioca®®** e, de novo, **§µ¶ €® V@K@**, ambos os apelidos variam a função do símbolo que indica marca registrada **®**. Na primeira palavra este símbolo é usado como aspas e na segunda com a função da letra **R**. O inverso ocorre com a letra **I**, pois ora é representada por uma exclamação invertida, como em **Ø ©;ënt;št@**, ora por uma exclamação convencional como em **::!ñd!ñhã::**. Nos *nicks* **§µ¶ €® V@K@**, **Ø ©;ënt;št@**, **Vãşçãñã** e **§µTiñhãHøT**, observa-se que a letra **S** é representada pelo símbolo indicador de parágrafos **§**. Enquanto que em apenas um apelido a referida letra é representada pelo símbolo **Š** (lê-se letra **S** com o circunflexo invertido).

Todos os exemplos dados, nessa sessão, projetam uma idéia do que seja o léxico desse grupo. As expressões são todas muito coloquiais, algumas já conhecidas como gírias jovens e outras adaptadas para o *chat*. De qualquer maneira, os *Tananans* possuem um léxico específico que, embora não lhes seja próprio, está em processo constante de definição, conforme defende Swales (1992). Devido ao fluxo dinâmico e conversacional do *chat*, nunca poderemos fechar a questão, afirmando que já existe um léxico estático, mas que está em definição. Talvez esse processo se explique pelo fato de no terceiro critério, o autor compreender que os mecanismos de participação abrem a comunidade para a inovação, e, naturalmente, o léxico refletiria esse caráter inovador.

5.6. A ESTRUTURA HIERÁRQUICA ENTRE OS TANANANS

No trabalho de 1992, Swales estabelece que os objetivos de uma comunidade discursiva podem ser reformulados e discutidos pelos membros do grupo. Parece haver uma tentativa de descentralização de autoridade. Antes, Swales (1990) defendia que, para ser admitido em uma comunidade discursiva, o candidato deveria apresentar conhecimento e perícia discursiva. Certamente, esse critério inviabilizava que novos membros entrassem e pudessem adquirir essa perícia com a experiência. A reformulação, no entanto, assegura que um *neófito* possa ser admitido na comunidade e *fazer progresso dentro dela* (Swales, 1992: 11), até porque entre os aspectos mais importantes está o léxico, que, como vimos acima, também está em definição.

Para este autor, uma comunidade discursiva possui uma hierarquia que se manifesta, quer implícita quer explicitamente. No caso dos *Tananans*, a hierarquia acontece sob as duas maneiras. Conforme mostramos no quadro 02, o *internauta GUSM Oh Yessssssssssssssssssssssssssssss* parece assumir um papel de liderança implícita, pelo menos no que diz respeito à atualização diária e manutenção da *home page*. Atribuímos a noção de hierarquia implícita a esta liderança porque todos os outros membros demonstram respeito e sentem orgulho por a página eletrônica, idealizada e mantida pelo referido membro, propiciar ao restante do grupo uma riqueza de possibilidades comunicativas, segundo já apresentado no item 5.2.

Os membros mais antigos também gozam de um certo *status* dentro do grupo. Isto se deve ao fato de estes terem sido os primeiros, portanto conhecem as origens e podem contar aos novos os primeiros passos da comunidade. Estes membros chegam, inclusive, a sediar encontros *off-line*, segundo mostramos em (29). Além disto, os membros mais antigos são chamados pelos mais novos, carinhosamente, de tia, madrinhas, padrinhos, etc, como mostram, respectivamente, (51) e (52).

- (51)
(12:42:33) @@Jçrry.18 ñã[o-o] grita com £!!@ no pagode: tia tia ei ew tbn
vow..hehehehe
- (52)
(18:45:08) **Radamés** grita com *=*£indaÄgnes: eita finalmente apareceu hei
minha madrinha??????

Passaremos a apresentar outros exemplos que evidenciem casos de autoridade explícita. Tais exemplos mostrarão que existem aqueles que já dominam uma certa “perícia discursiva” e, por esta razão, impõem, explicitamente, uma certa autoridade sobre os demais. Não são raros os casos em que estes membros ensinam detalhes referentes ao grupo e ao gênero *chat*. Verifiquemos os exemplos (53), (54) e (55), abaixo.

- (53)

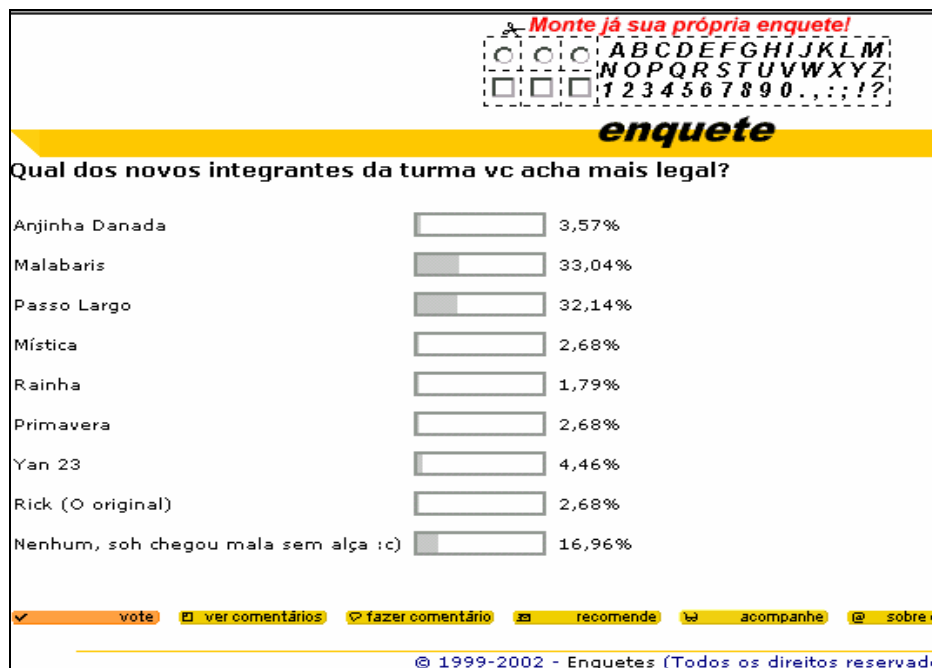
(23:09:08) **Vãşçã;ñã** grita com RAZIEL: VISTA SUA ROUPA E SAIA JÁ DO RESERVADO

- (54)
(20:09:12) **ag@t@ in love** fala para dj: oieeeeeeeeeeeeeee bb, meu alunin prefer
- (55)
(13:17:03) **Arcanja Uriel** grita com Zûnu: Ops... um Tananan digita TC e naum “teclar” ,mas o prazer é todo meu 😊

Em (53) toda a mensagem faz alusão a dois aspectos importantes para o grupo. A caracterização do *nickname*, representada pelo primeiro destaque e a utilização do recurso que ativa o *chat* reservado, representada pelo segundo destaque. Pelos grifos, percebe-se que RAZIEL é um membro novo no grupo, o que faz sua interlocutora, membro antigo, exercer autoridade sobre ele. No caso expresso por (54), observa-se que a abreviação “alunin” (aluninho), embora denote carinho, apresenta um tom professoral. Em (55), a mensagem expressa uma das regras mais caras ao grupo: a abreviação. Observa-se que Zûnu é iniciante e, por isso, aprende alguns dos *hábitos lingüísticos* próprios da comunidade (Swales, 1992).

Uma outra maneira de explicitar a hierarquia entre os *Tananans* foi observando as votações propostas pelas enquetes na *home page*. Como a enquete é muito utilizada acabou por ter um espaço reservado na página para a “enquete da semana”. O grupo desenvolveu, através deste espaço, uma maneira de avaliar os *neófitos*. A tela 13, abaixo, evidencia um caso destes.

TELA 13
 AVALIANDO NOVOS MEMBROS



Neste item buscamos descrever como se organiza a estrutura hierárquica dos *Tananans*. Percebemos que os membros antigos não tornam o grupo tão hermético aos novos membros, apesar de exercer sobre estes uma certa autoridade. Tal autoridade se faz perceber tanto no ensino do uso do *chat* a partir as marcas lingüísticas já comentadas, quanto no envolvimento que propiciam aos *neófitos* em relação aos mecanismos de participação, como no caso da enquete indicada na tela acima. Essa hierarquia é importante na comunidade, pois segundo Swales (1990) o sucesso de uma comunidade discursiva está, intrinsecamente, relacionado com a manutenção de sua identidade, de seus propósitos, de seu léxico, etc. Evidentemente, os que buscam ingressar ao grupo deverá ter os mesmos objetivos e propósitos, além de saber se comunicar nos gêneros utilizados, o que requer, na maioria das vezes, orientação dos mais antigos.

Neste capítulo, aplicamos os critérios de comunidade discursiva, de acordo com Swales (1990; 1992), a uma comunidade virtual que surgiu de uma sala específica de *chat*. Verificamos que, embora as salas de *chat* sejam fluidas e impeçam a aplicação do conceito como defende Erickson (1997), o caso dos *Tananans* é específico, o que

permitiu que validássemos nossa hipótese, segundo a qual, o referido grupo é uma comunidade discursiva graças à intensa atividade comunicativa que começa no *chat* e se expande por outros mecanismos, conforme mostramos.

Embora os critérios que definem uma comunidade discursiva tenham sido desenhados em função de ambientes acadêmicos (Swales, 1990) e profissionais (Bhatia, 1997), concluímos que a *Web* abriga outras comunidades discursivas. Deste modo, a análise permitiu a constatação de que os *internautas* estudados formam uma legítima comunidade discursiva, a qual reconhece e utiliza o *chat* como um gênero do discurso eletrônico.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa foi orientada por dois grandes objetivos. O primeiro deles consistiu na tese central da Dissertação, qual seja verificar a possibilidade da aplicação do conceito de *transmutação genérica* de Bakhtin (1997) ao *chat*, designando-o como um gênero do discurso. Quanto ao segundo, consistiu na aplicação dos critérios de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992) aos participantes de uma sala específica de *chat*.

Para que o *chat* fosse caracterizado como um gênero do discurso, partimos da proposta de Bakhtin (1997), segundo a qual os gêneros, *enunciados relativamente estáveis*, variam de acordo com as esferas de comunicação humana. O autor defende que quanto mais complexas forem as esferas de comunicação, mais complexos se tornam seus gêneros. Esta discussão justifica os gêneros secundários, cuja formação ocorre graças ao fenômeno da *transmutação*, o qual consiste no traslado de um gênero primário de sua esfera original para outra. De acordo com este autor, a mudança de esfera, altera a textura do gênero primário, o qual passa a ser componente do gênero secundário, assumindo outro estilo.

Seguindo este escopo teórico, constatamos que o diálogo cotidiano, ao ser transposto para o domínio da *Web*, foi absorvido por essa esfera, a qual o reinterpreta como um novo gênero, chamado *chat*. Verificamos que tal evento ocorre no interior do hipertexto, estudado por Xavier (2002) como um espaço digital de enunciação. Tal constatação nos autoriza a conferir o *status* de hipertextualidade ao referido gênero, uma vez que seus usuários operam com a superposição de semioses, típicas do hipertexto, tais como o som, a imagem e a escrita. Deste modo, descrevemos como marcas dessa transmutação o conjunto de intersemiose que o *internauta* utiliza, a fim de simular gestos, sons e atitudes semelhantes à interação face a face. Em adendo, caso restringíssemos como eixo definidor de hipertextualidade a presença de *links*, como faz alguns autores, ainda assim poderíamos sinalizar para o caráter hipertextual que encontramos no *chat* na *Web*.

Do mesmo modo como a transposição do diálogo cotidiano para a esfera literária se manifesta pela via escrita, segundo demonstra Bakhtin (1997: 281), também concluímos que a linguagem escrita, desenvolvida nas interações eletrônicas de caráter síncrono, pode, além de evidenciar o estilo do gênero, também flagrar as marcas da transmutação como simulação de emoções humanas através dos *emoticons*, cuja manifestação se dá pelo aproveitamento de elementos próprios da escrita. Consideramos que estes, e outros índices escritos, associados ao som e à imagem, tornam-se componentes indissociáveis do gênero *chat* que, por sua vez, os (re) significam, instaurando, em um mesmo espaço de enunciação digital, várias linguagens que não concorrem entre si, mas se complementam para a construção do sentido.

Em relação a uma possível aplicação dos rótulos bakhtinianos, primário e secundário, ao gênero *chat*, faz-se necessário que retomemos o que já fora visto, anteriormente. Bakhtin (1997) divide os gêneros em *primários e secundários* para explicar a complexa formação dos últimos. Segundo o autor, os primários são absorvidos pelos secundários, de modo que passam a ser parte constitutiva destes. Não se pode esquecer que, de certo modo, o teórico russo atribui aos primários o uso espontâneo e cotidiano da linguagem, fazendo com que tais gêneros tenham marcas de oralidade, ainda que sejam escritos; e, aos secundários, atribui marcas de uso mais complexo, que, talvez por isso, se manifestem com mais produtividade na escrita.

Este fato nos autoriza, então, a afirmar que o *chat* é um gênero de natureza híbrida, pois funde oralidade e escrita em um mesmo suporte, a tela do computador, e em um mesmo evento sócio-interacional. Conforme atesta Pagano (2001: 87) *a transformação ou hibridização é inerente às formações genéricas*. Além disso, como típico dos enunciados da esfera eletrônica, o *chat* também *absorve* outras formas semióticas como som e imagem, trazendo uma nova formatação ao texto escrito, que, por sua vez, é permeado de oralidade.

Como se pode observar, embora o *chat* se assemelhe muito aos gêneros primários, não podemos rotulá-lo como tal. Por outro lado, se a escrita, conforme vimos acima, complexifica um gênero, poderíamos também dizer que há semelhanças evidentes do *chat* com os gêneros secundários. Contudo, não seria prudente fecharmos uma caracterização desse e de outros gêneros digitais, pois a esfera, na qual estes eventos sócio-interacionais estão inseridos, é por demais complexa, de maneira que seus

elementos típicos como som, imagem, animações e escrita se fundem, harmonicamente, para constituir a composição organizacional e estilística de seus gêneros.

No que concerne à comunidade discursiva, concluímos que, embora os critérios *swalesianos* não tenham sido desenhados para o contexto dinâmico e informal que ponteia as conversações do *chat*, o grupo de *internautas* estudado, que “frequenta” a mesma sala de *chat* e desenvolve uma identidade coletiva, mostrou-se, também, uma genuína comunidade discursiva, no sentido que lhe dá Swales (1990; 1992).

Constatamos, ainda, que se retornarmos à noção de comunidade discursiva desse autor, poderemos verificar que nosso objeto não preencheria, rigorosamente, todos os quatro propósitos do terceiro critério, conforme discutimos no item 5.3. Entretanto, constatou-se que dos quatro propósitos que formam o critério dos mecanismos de participação, os *Tananans* desenvolveram mecanismos que preenchem, respectivamente, o incremento e o *feedback* da informação, o desejo pela inovação e a crença e valores do grupo, ficando fora, apenas, o propósito do aumento do espaço profissional, o que não invalida a aplicação dos critérios swalesianos de comunidade discursiva ao contexto digital.

A análise que fizemos da comunidade discursiva dos *Tananans* nos levou a constatar que o *chat* consiste em um gênero do discurso que é reconhecido e utilizado para dar suporte à expressão verbal do grupo, corroborando o que defende Swales (1990: 09), segundo o qual *os gêneros são propriedades de comunidades discursivas*. Aliás, esta postura tem sido adotada pelos teóricos da vertente americana da Análise do Discurso. Para estes pesquisadores, um *genre* está sempre vinculado a uma comunidade discursiva que o utiliza como suporte verbal, a fim de atingir seus objetivos. No caso específico de nossa pesquisa, constatou-se que o gênero *chat* não só se mostra como a gênese do grupo, mas também como o principal gênero que o legitima.

Por outro lado, faz-se necessário salientar, ainda, que os gêneros que organizam a comunicação entre os *Tananans* não lhes são exclusivos, mas lhes são próprios, uma vez que todos são do domínio discursivo eletrônico, basta que recordemos o *e-mail*, o próprio *chat*, as *home pages*, além de formações genéricas híbridas como a notícia, a propaganda, a receita, que surgem no fluxo conversacional.

Em relação ao léxico do grupo, podemos concluir que, embora restrito, este critério se aplica com sucesso ao contexto estudado. Verificou-se um conjunto de coordenadas que ajudam a analisar e entender os hábitos lingüísticos dos membros, os quais elaboram um uso lexical idiossincrático, previsto pelo sistema lingüístico. Percebeu-se que o fato de os membros formar palavras, a partir do nome do grupo, revela uma tendência de socialização que se materializa no senso de grupo hermético que querem atingir. Estas constatações corroboram nossa afirmação de que os *Tananans* preenchem, etnograficamente, todos os critérios swalesianos que justificam uma legítima comunidade discursiva.

APRESENTANDO SUGESTÕES DE CONTINUIDADE

Encerramos, salientando que somos cômico de que há muito que se explorar no gênero que descrevemos nesta pesquisa, de modo que este estudo consiste em um primeiro olhar sobre o objeto. Acreditamos, plenamente, que muitas outras pesquisas são necessárias para que o *chat* se consolide no debate acadêmico sobre os estudos relativos à Análise de Gêneros. Por esta razão, sem pretender exaustividade, gostaríamos de sugerir dois de muitos outros aspectos que podem ser assumidos para a motivação de investigações posteriores.

Internalizar a estrutura da *Web*, como um espaço digital de enunciação, significa adaptar-se a novas maneiras de prática comunicativa. A escrita e a leitura digitais reclamam um novo tipo de letramento. Alguns autores, conforme mostramos, têm chamado as novas habilidades cognitivas de *transitar* pelas práticas comunicativas da *Web* de letramento digital (Cf. Xavier, 2002; Marcuschi, 2002), pois, ao que parece, o hipertexto internetiano não é um mero produto das novas tecnologias, mas um modelo a mais de reorganização e produção do conhecimento.

Sendo assim, sugerimos, como pesquisas posteriores, a investigação sobre o esforço cognitivo maior que o *internauta* faz para operar com tantas linguagens ao mesmo tempo e em um mesmo evento interacional como o *chat*. Postula-se que com a transposição do diálogo cotidiano para a *Web*, o usuário sofre uma *pressão pragmática* (Crystal, 2001) para conseguir manter-se ativo na atividade de interação. Aquele precisará operar não só com a escrita, mas também com elementos visuais e sonoros que aparecem clipados para a formulação do sentido. Assim sendo, sugerimos a seguinte

questão: qual seria o esquema cognitivo de quem lida, simultaneamente, com a escrita, o som e a imagem para travar um diálogo com várias pessoas ao mesmo tempo através de um computador? Parece que este consiste em um desafio para lingüistas e outros cientistas que tenham interesse pelo assunto.

Recordamos, ainda, a discussão feita nos itens 2.1.5 e 2.3 para retomar a questão dos diferentes tipos de *chat* e da terminologia adotada pelos autores. Concentrando-nos, especificamente, no que postula Marcuschi (2002) em relação aos tipos de *chat*, podemos recordar que este autor mostra uma variedade de, pelo menos, cinco tipos diferentes. Como tais eventos sócio-interacionais ocorrem pela via escrita, talvez estes pudessem ser localizados dentro do *continuum* fala/escrita, tal qual proposto por Yates (2000), a fim de que fossem identificadas, pontualmente, as especificidades lingüístico-funcionais de cada um, para fins de comparação.

Deste modo, consideramos de relevo científico verificar se as variedades existentes de *chat*, apontadas pelo referido autor, se configuram, de fato, em gêneros distintos ou se se trata de uma constelação, pois, ao que parece, esses *chats* se mostram como uma constelação discursiva e não, exatamente, como gêneros distintos. Contudo, faz-se necessário que esta hipótese seja verificada em pesquisas posteriores para sua validação ou não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, L. S. O *chat* educacional: o professor diante desse gênero emergente. In.: DIONÍSIO, A. *et. al.* (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp. 87-94.

ADAM, J-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

ARAÚJO, A. D. *Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews*. Tese. (Doutorado em Lingüística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1996.

ARAÚJO, J.C. R. de. *Mecanismos hipertextuais do chat: marcas de um novo gênero*. Trabalho apresentado na XIX Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste - GELNE (Fortaleza - CE). Mimeo, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. Os gêneros do discurso. In. _____ *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 227-326.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BARBOSA, M. A. Dois processos de engendramentos e manifestações do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In. AZEREDO, J. C. de (Org). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 176-191.

BATISTA, M. E. *E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 1998.

BAZERMAN, C. *Shaping written knowledge*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1988.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1997.

BERNARDINO, C. G. *Depoimento dos alcoólicos anônimos: um estudo do gênero textual*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2000.

BEZERRA, B. G. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará (UFC), 2001.

BHATIA, V. K. Genre analysis today. *Revue Belge de Philologie et d'Historie*, Bruxelles, 1997. 75: 629-652.

BIASI-RODRIGUES, B. *Estratégias de condução de informação em resumos de dissertações*. Tese (Doutorado em Lingüística). Florianópolis: Universidade Federal e Santa Catarina (UFSC), 1998.

_____. A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo? *Perspectiva*. Revista do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Vl. 20, n.1. jan/jun. 2002. pp. 49-64.

BONINI, A. O ensino de tipologia textual em manuais didáticos do 2º grau. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, 1998. n.31. pp. 07-20.

_____. *Gêneros textuais e cognição*. Florianópolis: Insular, 2002.

BRAIT, B. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In. GREGOLIN, M. Do R. & BARONAS, R. (Orgs.) *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Paulo: Claraluz, 2001.

BURBULES, N. C. Rhetorics of the Web: hyperreading and critical literacy. In. SNYDER, I. (org.). *Page to Screen: talking literacy into the electronic era*. London, Routledge, 1998. pp. 102-122.

CADOZ, C. *Realidade virtual*. Trad. de Paulo Goya. São Paulo: Ática, 1997.

CARVALHO, M. C. de (org.) *Metodologia científica: construindo o saber*. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2000.

CARVALHO, M. C. M. de. A construção do saber científico: algumas posições. In: _____. (Org.). *Metodologia científica: fundamentos e técnicas. Construindo o saber*. 10ª ed. São Paulo: Papirus, 2000. pp. 63-82.

CAVALCANTI, M. Metodologia da pesquisa em Lingüística Aplicada. *Intercâmbio – Uma publicação de pesquisas em Lingüística Aplicada*. 1º Inpla – São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), 1990.

CHAVES, G. M. M. Interação on-line: análise de interações em salas de *chat*. In: V. L. M. PAIVA (org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 37-73.

COSTA, S. R. Leitura e escritura de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. *Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*. V.4, n. I, jan/jun. , 2000. pp. 43-49.

CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAVIS, B. H. & BREWER, J. P. *Electronic discourse. Linguistic individuals in virtual space*. New York: State University, 1997.

DEMÉTRIO, R. *Internet*. São Paulo: Érica. 2001.

ERICKSON, T. *Social interaction on the Net: virtual community as participatory genre. (Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Science*. January, Vol. VI, pp. 13-21, 1997, Maui hawaii). Versão eletrônica: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html>,1997. Acesso em: 10 out. de 2002, às 23:45h.

_____. Making sense of computer-mediated communication (CMC): Conversations as genres, CMC Systems as Genre Ecologies. In the *Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science*. (ed. J. F. Nunamaker, Jr.). IEEE Press. Versão eletrônica: <http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/>, 2000. Acesso em: 10 de out. 2002, às 23:50h.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In FARACO, C. A. *et all* (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. pp. 113-126.

FONSECA, L. Alocação de turnos em salas de *chat* e em salas de aula. In. V. L. M. PAIVA (org.) *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALE-UFMG, 2001. pp. 74-85.

_____. O uso de *chats* na aprendizagem de línguas estrangeiras. *Caligrama*. Revista do Departamento de Letras Românicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2002 VI. 07. pp. 101-121.

FREEDMAN Aviva & MEDWAY, Peter. News views of genre and their implications for education. In: *Learning and teaching genre*. Portsmouth NH : Heinemann, 1994.

GAMBOA, S.S. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros 'ismos' aos paradigmas científicos. In: GAMBOA (org). *Pesquisa Educacional*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. pp. 60-83.

GAZETA, S. M M. *A interação na Internet: influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Universidade de Campinas (UNICAMP), 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In.: DASCAL. M. (Org). *Fundamentos metodológicos da Lingüística*. Vol. IV Pragmática: Problemas, críticas, perspectivas da lingüística. Campinas. Trad. de J. W. Geraldi, 1982. pp.81-103.

GUERRA-VICENTE, H..da S. *Relações de gênero social e democracia na Internet*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Brasília: Universidade de Brasília (UnB), 2000.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. Trad. de José L. Meurer V. Herberle). In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolingüística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998. pp. 98-119.

HAGUETE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

HILGERT, J. G. A construção do texto 'falado' por escrito: a conversação na internet. In. *A fala e a escrita em questão*. Dino Preti (org). 2 ed. São Paulo: Humanitas. SFLCH/USP, 2001. pp. 17-55.

HORTON, W. *Web-based training*. <<http://www.horton.com/DesigningWTB>>, 2000. Acesso em: 10 de out. 2002, às 23:56h.

IANNI, O. *Teorias da globalização*. 9ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JONSSON, E. *Electronic discourse: on speech and writing on the Internet*. Disponível em <<http://www.ludd.luth.se/users/jonsson/D-essay/ElectronicDiscourse.html>>, 1997. Acesso em: 11de out. 2002, às 00:20h.

KASTRUP, V. Novas tecnologias cognitivas: o obstáculo e a invenção. In PELLANDA, N. M. C & PELLANDA, E. C (Orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2000. pp.38-54.

KAUFMAN, A. M. & RODRÍGUEZ, M. E. *Escola, leitura e produção de textos*. Trad. De Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOMESU, F. C. *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. *Metodologia do trabalho científico*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LACOMBE, I. A. *Navegando e aprendendo: reflexões sobre um curso de inglês via rede mundial de computadores*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2000.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento da era da informática*. Trad. de Carlos Irineu da Costa, Editora 34, 2001.

_____. *O que é o virtual?* Trad. de Paulo Neves, Editora 34, 2001a.

_____. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa, Editora 34, 2000.

_____. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In. PELLANDA, N. M. C & PELLANDA, E. C (Orgs.). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000a. pp.13-20.

LUNDSTROM, P. *Synchronous computer-mediated communication: Will Internet talkers improve the communicative competence of ESL/EFL Students ?*. Disponível em FTP: <[ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/masters/paper](ftp://ftp.hawaii.edu/outgoing/phxrsng/masters/paper)>, 1995. Acesso: em 01 de nov. 2002, às 23:00h.

MACHADO, I. A. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In FARACO, C. A. *et all* (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996. pp. 225-271.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. S. M. L. Gallo & M. da G. de. V. de Moraes. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. M. V. Barbosa & M. E. T. Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Universidade Federal de Pernambuco. Texto inédito, 2000.

_____. *Hipertexto: definições e visões*. Comunicação apresentada no I Seminário sobre Hipertexto. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 16 e 17 de outubro, 2000a.

_____. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In. AZEREDO, J. C. de (Org). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000b. pp. 87-111.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. *et al.* (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp. 19-36.

_____. *Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital*. Conferência apresentada na USP por ocasião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo acontecido entre os dias 23-25 de maio, 2002a.

McCLEARY, L. E. *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. Tese (Doutorado em Lingüística). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo (USP), 1996.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. In: *Genre and new rhetoric*. Freedman & Medway. London. Taylor & Francis. 1994. pp. 23-42.

MOTTA-ROTH, D. & HENDGNES, G. R. Uma análise de gênero de resumos acadêmicos (*abstracts*) em economia, lingüística e química. *Revista do Centro de Artes e Letras*, Santa Maria: UFMS, 18 (1-2), jan./dez de 1996. pp.53-90.

NADER, V. H. *A interação virtual em diálogos da Internet: novas possibilidades para a análise do discurso*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2001.

PAGANO, A. S. Gêneros híbridos. In. MAGALHÃES, C. M. (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte, FALÉ-UFMG, 2001. pp. 83-104.

PAIVA, V. L. M. (Org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte, FALÉ-UFMG, 2001.

PAREDES-SILVA, V. L. Forma e função nos gênero de discurso. *Alfa*, São Paulo. Nº 41. 1997. pp. 79-98.

PELLETIERI, J. Negotiation in cyberspace: the role of chatting in the development of grammatical competence. In.: WARSCHAUER, M. And KERN, R. (ed). *Network-based language teaching: concepts and practice*. USA: Cambridge University Press, 2000. pp. 59-86.

RAMAL, A.C. Ler e escrever na cultura digital. *Revista Pátio*. Ano 4, n. 14. ago/out., 2000. pp. 21-24.

RECUERO, R. da C. *Avatares-viajantes entre mundos*. Versão eletrônica disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/avatares.htm>>, 2000. Acesso em: 11 de out. 2002, às 00: 40h.

SANTOS, M. B. dos. *Academic abstracts: a genre analysis*. Dissertação. (Mestrado em Lingüística) Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1995.

SANTOS-FILHO. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: o desafio paradigmático. In: GAMBOA (org). *Pesquisa Educacional*, 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1997. pp. 13-59.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénétiques. In: REUTER, Y. (ed.). *Actes du colloque de l'université Charles-De Gaulle III. Les interactions lecture-écriture*. Neuchâtel: Peter Lang, 1994. pp. 155-173.

SNYDER, I. (org.). *Page to Screen: talking literacy into the electronic era*. London, Routledge, 1998.

SOUZA, A. R. *O "chat" em língua inglesa: interações na fronteira da oralidade e da escrita*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

SWALES, J. M. Genre anlysis. Setting the scene. *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge. University Press, 1990.

_____. Re-thinking genre: another look at discourse community effects. Comunicação apresentada em Re-thinking Genre Colloquium, Ottawa Carleton University, 1992.

SWALES, J. M. & INGER, A. Genre identification and communicative purpose: a problem and a solution. In. *Applied Linguistics*, Oxford University Press, 2001.

VELLASCO, A. M. de M. S. O tipo de modalidade de discurso em uma lista de discussões de brasileiros na Internet. *Cadernos de linguagem e sociedade*. 3 (2). Brasília: Thesaurus, 1999. pp. 101-144.

XAVIER, A. C. *Hipertexto: novo paradigma textual?* <<http://www.unicamp.br/~hytex>> ,1999. Acesso em: 14 de ago. 2001, às 22:17h.

_____. *Leitura, texto e hipertexto*. <<http://www.unicamp.br/~hytex>>, 1999a. Acesso em: 14 de ago. 2001, às 22: 31h.

_____. Processos de referenciação no hipertexto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos do IEL* (Instituto de Estudos Lingüísticos). Universidade de Campinas. jul./dez., 2001. pp.165-176.

_____. *O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital*. Tese (Doutorado em Lingüística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2002.

XAVIER, A. C. & SANTOS, C. F. *O texto eletrônico e os gêneros do discurso*. Veredas – revista de estudos lingüísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). jan/jun, 2000. V.4, n. I. pp. 51-57.



_____. *Fórum na Internet: um gênero hipertextual*. Trabalho apresentado na XVIII Jornada de Estudos Lingüísticos do Nordeste - GELNE (Salvador - Ba). 2000a. Mimeo.

YATES, S. J. Computer-Mediated Communication. The Future of the Letter? In: BARTON, D. & HALL, N. (eds.) *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. pp. 233-251. Disponível em URL como arquivo PDF em < <http://www.simeon.org.uk>>. Acesso em: 11 de out. 2002, às 00:49h.

ANEXOS 01

SEQÜÊNCIAS CONVERSACIONAIS



SC 1


- 01- (00:03:56) **£!ñd!ñhä**: ...:Chat Nória 666 v0.92 developer - Conectado:... A GENTE APRENDE COM A DOR O QUE A FELICIDADE NÃO PODE ENSINAR
- 02- (00:02:15) **§µ¶ €® V@K@**: entra na sala...
- 03- (00:02:20) **§µ¶ €® V@K@**: ...:Chat Nória 666 v0.92 developer - Conectado:...
- 04- (00:03:55) **£!ñd!ñhä**: entra na sala...
- 05- (00:04:21) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: Oiê BB tu ta aki tb. Massa
- 06- (00:04:57) **§µ¶ €® V@K@** grita com **£!ñd!ñhä**: OI MIGA! MMMMUUUU!!!!
- 07- (00:07:01) **§µ¶ €® V@K@** grita com **£!ñd!ñhä**: FUI NO DOTÔ DO MEU COF COF..... EU TÔ C/ PNEUMONIA!!!!!!
- 08- (00:07:49) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: mentira amiga???? sério?
- 09- (00:08:45) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: potaquepariu..... ou PKP
- 10- (00:09:03) **§µ¶ €® V@K@**! grita com **£!ñd!ñhä**: VIU, NEM PRECISAVA DAKELE TERRORISMO TODO PRA EU NAUM IR PRO PARKINHO, AGORA EU NAUM POSSO IR MESMO!
- 11- (00:11:03) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: só pq agora eu queria q tu fosse.rsrsrs

- 12- (00:11:45) **§µ¶ €® V@K@** grita com **£!ñd!ñhä**: POIS EU VOU E AINDA VOU TOSSIR NA TUA KARA!!! HEHEHEHEHEH
- 13- (00:12:10) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: ecooooo amiga....pensei q você gostasse de mim 
- 14- (00:12:30) **§µ¶ €® V@K@** grita com **£!ñd!ñhä**: KKKKKKK DIKULPA
- 15- (00:17:14) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: kkkkkkk vc ta mugindo muito e a sala ta fikando toda inkomodada kkkkkk sua loukinha
- 16- (00:20:56) **£!ñd!ñhä** grita com **§µ¶ €® V@K@**: O k akonteceu? O Rapaz 23 ta chateado.
- 17- (00:24:14) **§µ¶ €® V@K@** grita com **£!ñd!ñhä**: curiosa..... é k eu ignorei ele sem kerer!!!! Cliquei aki no komando errado

- 18- (00:24:47) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: ahhhh!!!!!!!
- 19- (00:25:38) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: naum tem ninguém pra cuidar do meu dodói!!! bbuuuuááááá!!!!!!!
- 20- (00:26:09) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: xama o faith...hehe
- 21- (00:27:56) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: NAUM KERO NEM APANHÁ!
- 22- (00:28:09) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: de kem?
- 23- (00:28:26) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: NAUM KERO NEM APANHÁ!
- 24- (00:28:40) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: de kem? Tu doente doszovidos tb
- 25- (00:28:55) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: DIKULPA EU. É K NAUM TINHA VISTO. APANHÁ DA JADEZINHA, ORA!
- 26- (00:29:21) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: dexa de ser burra brother. Kkkkkk
- 27- (00:29:23) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: E DE TU TB!
- 28- (00:29:31) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: de mim? Kkkkkkkkkkkkk
- 29- (00:30:00) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: o meu caso e o da jade é o rapaz²³.....naum o faith
- 30- (00:30:22) **§µ¶ €® V@K@** grita com £!ñd!ñhã: NÃO TE PERDÔO, VOCÊ NÃO DEIXOU EU IR PRO PARQUINHO! HEHEHEHE
- 31- (00:31:39) **§µ¶ €® V@K@** grita com TODOS: (00:30:56) MARCELO COBAIN grita com TODOS: QUE SALA CHATA//// KISSO AMIGO???? SOMOS UMA GALERA Q RESPEITA VIU. NAUM ACHA LEGAL VA PKP 🙏
- 32- (00:31:59) **£!ñd!ñhã** grita com §µ¶ €® V@K@: dexesse abestado antitananan pra lá, miga.

- 16- (01:18:09) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* Văşcăiñă: ME DIZ QDO SERÁ O PRX K IREI ALIÁS EU PRECISO MUITO VER VCS
- 17- (01:18:25) **Văşcăiñă** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: HJ:)
- 18- (01:19:02) »¶r;®« *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: E AE PRF??? BLZ? A PSKZ T FMZ? KD JÁ ABRVIA BM???
- 19- (01:20:48) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* »¶r;®«: to aprendendo + ou - . Vc ABREVIU seu nick? pq?? 🙄
- 20- (01:22:23) »¶r;®« *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: arhã...»¶r;®«: = PRISCILA ERA GRNNND D+ GOSTOU?????????
- 21- (01:23:44) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* »¶r;®«: GOSTEI ta bonito
- 22- (01:24:30) **Văşcăiñă** *reservadamente grita com* Ø ©;ëñt;şt@: (01:23:44) Ø ©;ëñt;şt@ *grita com* »¶r;®«: GOSTEI ta bonito // ela e namorada do chegajunto:)kkkk
- 23- (01:24:33) »¶r;®« *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: pri sabe de q? Primavera
- 24- (01:25:59) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* »¶r;®«: PRI de PRIncesa
- 25- (01:26:15) »¶r;®« *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: UAU mandou bem! 😄
- 26- (01:31:12) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* Văşcăiñă: komo tá a turma? tem krescido?
- 27- (01:33:00) **Văşcăiñă** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: MUITA GENTE NOVA Ó ARREMARIA!!! OS ENKONTROS TA MASSA TAMU COM HP NOVA E ETC TEM MUITA NOVI (=oP «««
- 28- (01:40:03) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* Văşcăiñă: O meu nick é PRESENTE teu pra mim. Me senti um TANANAN depois k vc me presenteou com ele. adotei mesmo ó..
- 29- (01:41:15) **Văşcăiñă** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: É ESSE O SIGNIFICADO:) É SUA CARTEIRA DE IDENTIDADE NA ONE:))) FOI UMA ESPÉCIE DE BATISMO NÉ?
- 30- (01:47:27) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* Văşcăiñă: to indo, viu?
- 31- (01:48:14) **Văşcăiñă** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: espera amaincê homi
- 32- (01:49:00) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* Văşcăiñă: 🍷
- 33- (01:49:09) **Văşcăiñă** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: 🍷
- 34- (01:50:07) **::!ñd!ñhã::** *grita com* Ø ©;ëñt;şt@: volte sempre nininu lindo
- 35- (01:50:24) **Ø ©;ëñt;şt@** *grita com* TODOS: DIVIRTAM-SE... TANANANS
- 36- (01:51:52) **Ø ©;ëñt;şt@** *sai da sala...*

SC 3

- 01- (12:41:55) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: FIU FIU !!!!! FIU FIU!!!!!!.....
- 02- (12:45:14) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: oi!!!!!!minha linda, minhas safiras em forma de olhar,pk vc naum consegue o lokuax!!!!!! a conekçaum e melhor.... @----,--- é pra vc...
- 03- (12:48:26) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: perdaum, estava minimizada vendo o e-mail! Mas ouvi teu chamado e vim :-))
- 04- (12:49:02) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: foi ontem? Amei afulô (=o
- 05- (12:51:00) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: naumdeu pir , tive uma reuniaum no final da tarde e tive que sair tarde do trabalho..... toma esta ota 
- 06- (12:52:01) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: naum e vc foi????? preciso inovar tb só no chat naum da neh??????????
- 07- (12:52:22) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: e hj, tu vai? As duas saum d+ BB :-)
- 08- (12:52:40) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: naum fui ..ontem tive k estudar.
- 09- (12:53:03) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: os Tananas vaum onde hj????????
- 10- (12:53:28) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: lá na sorveteria da minha mãe... legal neh????????
- 11- (12:55:29) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: k novi !!!! e k horas começa o tananiamento da turma??????
- 12- (12:55:40) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: umas 7 e meia...
- 13- (12:57:16) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: se eu conseguir sair cedo hj ,vou dar uma passada por lá pra te ver e matar a xaudade da turma.....
- 14- (12:58:18) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: vai sim bb!;-)
- 15- (12:58:30) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: naum tenho visto muito a hp to meio pu fora dos assuntos tananânicos. Nem seker tenho visto ozimeios....
- 16- (12:58:41) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: a pagina ta um show. Kada dia + massa. Hj vou e-maiar pra tu, viu? 
- 17- (12:58:44) **b@nb@n®** grita com Seçretå videokê ®: ok entaum vo ler tua msg e depois te e-maio tb, ta. Aproveito pra ver a agape tb.
- 18- (12:59:00) **Seçretå videokê ®** grita com b@nb@n®: Ta lesgal. Pense no siteaum!!!!!! Pode tananiar a vtd pq eh bm.

19- (12:59:44) **b@nb@n®** *grita com Seçretå* videokê ®: kkkkk pd deixar. By bjs tenho k
sair agora, ta? 

20- (13:00:03) **b@nb@n®** sai da sala...

SC 4



- 01- (20:14:03) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: vc vem soh? passará qtos dias?
- 02- (20:14:14) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: e a do vale,neh?
- 03- (20:14:43) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: eh sim, expandiu alguns cursos pra capitar...
- 04- (20:14:46) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: claro que vou soh,voltarei no domingo a noite.
- 05- (20:14:52) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: conheces fortaleza?
- 06- (20:15:16) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: sim,namorei com uma gatona de sobral.
- 07- (20:15:44) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: Dos Estados Unidos de Sobral? viagem internacional neh? Hahahhahahaha
- 08- (20:15:45) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: e tu mule tm namorado?
- 09- (20:16:17) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: por que vc naum gosta de sobral?
- 10- (20:16:42) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*:... taaaaaaaava namorando...neh
- 11- (20:16:56) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: terrinha kente da gota...
- 12- (20:17:56) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: vm,o pessoal de lah e taum lesgal,noi vai danca forroh neh?
- 13- (20:18:22) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: naummmmmm
- 14- (20:18:56) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: Dançar forroh ateh amaincê, vc eh bom nos passos? Pq eu danço pra dedehu!!!!!!
- 15- (20:19:10) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: tu mora em que bairro?
- 16- (20:20:10) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: ja esta certo,irei dançar,com branquinha,angel ,dona e lindaagnes, e todas as TANANANS gatinahs kkkkkk e tomrds topas ??? \~/*
- 17- (20:20:51) ***^*£indaÄgnes** *grita com amigo29*: dona num..... é “Dana“ eu sou a tananan + bela. Como vou achr vc!!!!!!!!!! Komo e tu?
- 18- (20:21:15) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: ops.notae,
bb.martinianoguedes@bol.com.br
- 19- (20:21:33) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: e isso mesmo dana,desculpe-me gosto d:-)
- 20- (20:22:16) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: lesgal?????????

- 21- (20:22:45) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: xau,um beijim,vi,depoi nois cunversa.
- 22- (20:23:18) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: ;-)
- 23- (20:23:31) ***^*£indaÄgnes** *grita com* **amigo29**: to em aula,tenh q sai entrei hj pra encontrar um amigo “o Santiago“mas axo k ele num pode entrar...
- 24- (20:23:47) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: e eu naum so amigo????
- 25- (20:24:03) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: puxa!!!! 😊
- 26- (20:24:24) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: informtka?
- 27- (20:24:36) ***^*£indaÄgnes** *grita com* **amigo29**: o mais novo “MIGO“ tanananiamente dizenu eh inf smmm :-)
- 28- (20:24:57) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: e tananan tbm???? :o*
- 29- (20:25:33) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: que bm naum sei bem o k é isto, mas... 😊
- 30- (20:25:54) ***^*£indaÄgnes** *grita com* **amigo29**: o cereal é mais um tananauta, mas axo kele kaiu. O kara é 1dos primeiros, pense no respeito k Hlera tm..
- 31- (20:26:17) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes** lesgal? Pensei q esta sala fosse soh invencaum do pv mas vcs saum grupo mermo neh?
- 32- (20:27:22) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: ei gatinha,xau viu? Vo arribar..
- 33- (20:28:14) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: tu eh lesgal neh,gostei de tu muleh.vou virar um TNN tb pra te dar uns bjs, sabia??? 😊
- 34- (20:28:35) **amigo29** *grita com* ***^*£indaÄgnes**: bjimmmmmmmmmmm
- 35- (20:29:21) ***^*£indaÄgnes** *grita com* **amigo29**: 1 Xerão in vc!!!!!! Inté a próxima. kuais os dias k vc tá por aki?

SC 5

- 01- (13:00:32) **Dr. Paulinho Carioca**: entra na sala...
- 02- (13:01:19) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com TODOS*: Oi, galerinha.... To de voltaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa.....E vamu tataniar no aberto pq naum sou resernauta naum... 😊
- 03- (13:01:30) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™*: Falae Brow.... Blz??? :-)
- 04- (13:01:38) **CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: blz mah e æ??? :-)
- 05- (13:01:43) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com ŠáμTĩnhåHøT*: Oiiiiiiiiiiiiiiiiieeeeeeeeeeeeeeeee..... ;-)
- 06- (13:01:58) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com Seçretå f@ëë™*: Fala sumida.....
- 07- (13:02:27) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™*: E aih,mano?? Curtindo muito por aih!!!!!!!!!!!!!!
- 08- (13:02:49) **CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: eh, + ou -... hj tem decisaum aih neh??
- 09- (13:03:28) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™*: Vsk e Flmng.... daki a poco vo pro maraka ver o jg..
- 10- (13:03:35) **Seçretå f@ëë™** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: kem sumiu foi tu kara de tatu...
- 11- (13:03:53) **CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: tu torce o q??
- 12- (13:04:17) **ŠáμTĩnhåHøT** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: oiieeeeeee kanto tnpoooooooooooo
- 13- (13:04:39) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com Seçretå f@ëë™*: Hehehehe.... eu eh k dei uma sumida por aki.... eh q eu to mais na sala do Rio, e agora resolvi dar uma passadinha aki... faz tempos q num via o pessoa aki.....
- 14- (13:04:54) **Dr. Paulinho Carioca** *grita com CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™*: Sou Vskoooooooooooooooooooo
- 15- (13:05:16) **CEREÁŠ ŠÁGÁŠ™** *grita com Dr. Paulinho Carioca*: argh 😞
- 16- (13:05:21) **Cearamor** *grita com TODOS*: algum cearamor nesta sala merda????????????
- 17- (13:05:25) **Lek@**: entra na sala.....

- 18- (13:05:29) **Seçretå f@ëë™** grita com @Dr.Paulinho Carioca@: ah..um dia fui dá uns roleh pela sala 1 do Rio, conheci um tal de conquerer...diodim diodim! 😊
- 19- (13:05:34) @Dr.Paulinho Carioca@ grita com C@R@Á£ ŠĀGÁ£™: Tu e flamenguista, rapah???????? :-)
- 20- (13:05:50) C@R@Á£ ŠĀGÁ£™ grita com @Dr.Paulinho Carioca@: roxim :-))))))
- 21- (13:06:02) @Dr.Paulinho Carioca@ grita com Seçretå f@ëë™: Na minha sala soh tem doido como eu.... Hehehehehe
- 22- (13:06:12) @Dr.Paulinho Carioca@ grita com C@R@Á£ ŠĀGÁ£™: Ta bom... Hehehehehe
- 23- (13:07:11) C@R@Á£ ŠĀGÁ£™ grita com ø çåriøçå: falow mah... vô vazar 🙌
- 24- (13:07:17) @Dr.Paulinho Carioca@ grita com TODOS: Valeu, gente..... FUIS!!!
- 25- (13:07:22) C@R@Á£ ŠĀGÁ£™ grita com şåµTiñhåHøT: xauzim bb @.....
- 26- (13:07:25) Lek@ discorda de Cearamor: Quer chorar?Quer chorar????Vai torcer pro Cearah.....Quer chorar?Quer chorar????Vai torcer pro Cearah!!!!!!!!!!!!
- 27- (13:07:42) Cearamor fala para Lek@: aum, aum, aum ,terceira divisaum
- 28- (13:07:44) @Dr.Paulinho Carioca@: sai da sala.....
- 29- (13:08:17) Cearamor fala para Lek@: vai sofredora!!!!!! 😊
- 30- (13:08:29) C@R@Á£ ŠĀGÁ£™ grita com TODOS: teh +... + tarde kuando eu entrar jah vô ser tri.... falow
- 31- (13:08:36) Lek@ discorda de Cearamor: Quer chorar?Quer chorar????Vai torcer pro Cearah.....Quer chorar?Quer chorar????Vai torcer pro Cearah!!!!!!!!!!!! 😊
- 32- (13:08:42) Cearamor fala para Lek@: uh eh cearamor d:-)
- 33- (13:09:03) C@R@Á£ ŠĀGÁ£™ grita com ø çåriøçå: tu vai torcer vsk mah??
- 34- (13:09:14) Cearamor fala para Lek@: ferdinando vai sair e o fortaleza vai se acabar
- 35- (13:09:30) ø çåriøçå fala para C@R@Á£ ŠĀGÁ£™: num vou torcer pro vasco... e sim, anti-flamng
- 36- (13:09:37) Lek@ discorda de Cearamor: Tu nem asbe q tm eu torço!!!!!!
- 37- (13:09:46) Cearamor fala para Lek@: ei tufgay vai tomar no k
- 38- (13:10:11) Cearamor fala para Lek@: entaum naum fresca com o cearaaaaahhhhhhhhhhh
- 39- (13:10:28) Cearamor fala para Lek@: tuh torce ferrim eh?

- 40- (13:10:34) **Lek@** *discorda de* Cearamor: ñ estou com vontade...vai tu que é melhor!!!
- 41- (13:11:24) **Cearamor** *fala para* Lek@: eu naum mandei vc eu mandei o fortaleza vc naum entendeu
- 42- (13:11:30) **Lek@** *discorda de* Cearamor: deus me livre!Eu torcia pro Ceará, mas tava perdendo muito entaum eu mudei.....
- 43- (13:12:06) **Cearamor** *fala para* Lek@: nomidade da Leoa feroz?
- 44- (13:12:29) **Lek@** *discorda de* Cearamor: 21 e do cearahzim sofredor? Tu precisa de colinho, neh? ;-)
- 45- (13:12:43) **Cearamor** *fala para* Lek@: se tu kiser me da o seu.... estuda aonde??? 
- 46- (13:13:16) **Lek@** *grita com* Cearamor: Agora vc está falando a minha língua!!!!!!!!!!!!!!LLLEEEEEEAUMAUMAUMAUM!!!!!! 
- 47- (13:13:47) **Cearamor** *fala para* Lek@: num sei naum mas acho q posso aprend só pra dominar essa leoa perigosa.
- 48- (13:13:56) **Lek@** *fala para* Cearamor: Moro em Sta Cecília e vc?
- 49- (13:14:13) **Cearamor** *fala para* Lek@: lourenco filho me da teu e-mail? Tu faz parte dessa tatanada toda?
- 50- (13:14:08) **CERÇAŁ ŠĀĜĀŁ™** *grita com* TODOS: TANANANS leiam essa baboseira k me mandaram: // (13:13:43) Blk reservadamente grita com CERÇAŁ ŠĀĜĀŁ™: EI CEARAGUEY VAI TOMAR NO K!!
- 51- (13:14:45) **CERÇAŁ ŠĀĜĀŁ™** *grita com* Blk: tem k ser torcedor da karniça do fortaleza pra ser mal-educado
- 52- (13:14:49) **Seçretâ f@ëë™** *grita com* TODOS: Ueb@@@@@@@@...q agora um monte de Galvaum Buenu quer defender seus timequim :-))) podem rasgar a garganta mas é VAAAAASSSKOOOOOO.
- 53- (13:15:33) **Lek@** *fala para* Cearamor: tu ta falando dos TANANANS . naum sou assim um membro oficial mas curto aprender o tananês pegou na sala 01 de Fortaleza, sabia?

ANEXO 02

DEMONSTRAÇÃO DOS NICKNAMES DAS SCs

| NICKNAMES | CARACTERES | NOMES DOS CARACTERES | LETRAS OU SINAIS EQUIVALENTES | COMO SE LÊ O NICKNAME |
|-------------------------------|------------|-----------------------------|-------------------------------|-----------------------|
| ::£!ñd!ñhã:: [SC1] | :: | Dois pontos duplos | Aspas | Lindinha |
| | £ | Libra esterlina | Letra "L" | |
| | ! | Ponto de exclamação | Letra "I" | |
| | Ñ | Letra N com til | Letra "N" | |
| | Ã | Letra "A" com trema | Letra "A" | |
| §µ//€®V@K@ [SC1] | § | Indicador de parágrafos | Letra "S" | Super Vaca |
| | µ | "M" grego | Letra "U" | |
| | ¶ | Verificador de espaços | Letra "P" | |
| | € | ? | Letra "E" | |
| | ® | Símbolo de marca registrada | Letra "R" | |
| | @ | Arroba | Letra "A" | |
| Ø ©;ënt;št@ [SC2] | Ø | Sinal de vazio | Letra "O" | O cientista |
| | © | Símbolo de Copyright | Letra "C" | |
| | ı | Exclamação invertida | Letra "I" | |
| | Ë | Letra "E" com trema | Letra "E" | |
| Vâşçã;ñã [SC2] | Å | ? | Letra "A" | Vascaína |
| | ç | ? | Letra "C" | |
| »¶r;®« [SC2] | » e « | Maior que e Menor que | Aspas | Pri |
| b@nb@n® [SC3] | --x-- | --x-- | --x-- | Banban |
| Secretã videokê ® [SC3] | --x-- | ?- | Letra "C" | Secreta Videoquê |

| | | | | |
|---|-------|---|---|-------------------------|
| *^*LindaÄgnes [SC4] | * | Asteriscos | <i>Emoticon</i> indicando um rostinho de gato | Linda Agnes |
| | ^ | Acento circunflexo | | |
| ®®Dr.Paulinho Carioca®® [SC5] | ®® | Marca registrada | Aspas | Dr. Paulinho Carioca |
| | ®® | | | |
| CEREÄ£ ŠAGÄ£™ [SC5] | Ä | ? | | Cereal Sagal |
| | Š | Letra “S” com cincunflexo invertido | | |
| | ™ | Marca registrada? | | |
| šãTĩnhãHøT [SC5] | ï | Letra “T” com trema | Letra “T” | Santinha <i>hot</i> |
| | ø | Sinal de vazio | Letra “O” | |
| Lek@ [SC5] | --x-- | --x-- | --x-- | Leca |

Legenda:

? – Nome não identificado

--x-- Símbolo repetido com a mesma função

ANEXO 03

QUADRO DESCRITIVO DOS *EMOTICONS* USADOS NAS SCs

| EMOTICONS | CARACTERES UTILIZADOS | O QUE SIGNIFICAM |
|-----------|-----------------------|---|
| ;-) | Ponto e vírgula | Piscadela de olho |
| | Hífen | |
| | Parênteses | |
| (=o | Parênteses | Expressão de espanto ou de surpresa |
| | Sinal de igualdade | |
| | Letra minúscula “O” | |
| :) | Dois pontos | Sorriso |
| | Parênteses | |
| (=Op <<<< | Parênteses | Sorriso com a língua de fora. Usando gravata. |
| | Sinal de igualdade | |
| | Letra maiúscula “O” | |
| | Letra minúscula “P” | |
| | Sinal “maior que” | |
| @-----, | Símbolo @ | Indica uma flor ou rosa |
| | Hífens | |
| | Vírgula | |
| :-) | Dois pontos | Indica um sorriso |
| | Hífen | |
| | Parênteses | |
| \~/* | Barras | Indica um <i>drink</i> ou um copo de vodka |
| | Til | |
| | Asteriscos | |
| :o* | Dois pontos | Indica o envio de beijos |
| | Letra minúscula “O” | |
| | Asteriscos | |
| d:-) | Letra minúscula “D” | Indica que o usuário gosta de chapéu |
| | Dois pontos | |
| | Hífen | |
| | Parênteses | |
| :-(| Dois pontos | Indica insatisfação ou chateação |
| | Hífen | |
| | Parênteses | |
| :)))))) | Dois pontos | Indica gargalhadas |